UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

TATIANE BOMFIM DE ARAUJO

EDUCAÇÃO EM *TOUCH SCREEN:* uma possibilidade de mudança

Rio de Janeiro
2019

Tatiane Bomfim de Araujo

EDUCAÇÃO EM *TOUCH SCREEN:* uma possibilidade de mudança

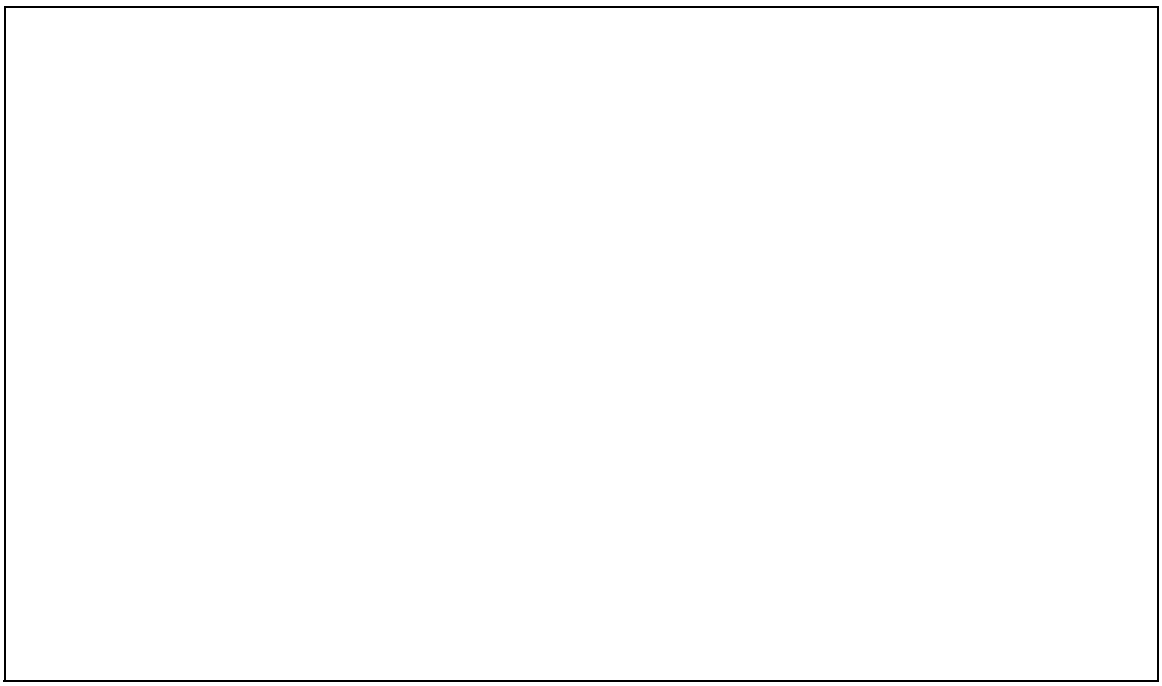
Dissertação de Mestrado Acadêmico o Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Mídias e Mediações Socioculturais, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Muniz Sodré

Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Saldanha

Rio de Janeiro

2019



Tatiane Bomfim de Araujo

EDUCAÇÃO EM *TOUCH SCREEN:* uma possibilidade de mudança

Dissertação de Mestrado Acadêmico o Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Mídias e Mediações Socioculturais, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Comunicação Social.

Aprovada em

Prof. Dr. Muniz Sodré

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Raquel Paiva

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Fátima Regis

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2019

RESUMO

ARAUJO, Tatiane Bomfim de. **Educação em *touch screen***: uma possibilidade de mudança. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

Esta dissertação investiga as transformações que ocorreram nos campos da educação e da comunicação desde a chegada das tecnologias digitais. Busca-se, também, entender se, a partir da inovação nas diretrizes pedagógicas, é possível desenvolver habilidades outras nos educandos. Analisam-se duas escolas públicas do ensino médio localizadas na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. São elas: Colégio Estadual José Leite Lopes (CEJL), que possui parceria com a empresa de telefonia Oi Futuro, e a Fundação Osório, que está vinculada ao Exército Brasileiro. O intuito da investigação é comparar diversas formas do fazer educacional, identificar as mudanças que foram significativas para o melhor aproveitamento tanto do aluno como do professor na escola e, por fim, observar, a partir das transformações educacionais, a capacidade potencializadora na formação da cidadania. Sendo assim, define-se como hipótese central que, com a chegada das novas mídias e das fontes inovadoras de estudos, ocorre uma mutação na cultura do saber. A hipótese secundária da pesquisa é se o investimento mercadológico da empresa de tecnologia (Oi Futuro) molda um modelo pedagógico empresarial de ensino. Argumento que entender as transformações na educação a partir das perspectivas comunicacionais seja necessário devido ao novo processo cognitivo impregnado pela televisão e informática. Com o aporte teórico balizando nosso trabalho, a pesquisa se ampara em autores como Souza Santos, Muniz Sodré, Paulo Freire e Foucault, além de contribuições como de Henri Wallon e Leticia Perani entre outros. As discussões se fundamentam em um estudo exploratório na primeira análise; em seguida, na observação participante conforme proposto por Cicilia Peruzzo. A partir da observação, nas duas escolas, oficinas, debates, mostra de projetos, exposição de *games*, início do projeto de robótica e aplicativos para facilitar os estudos dos alunos e para a utilização como suporte pelos professores. Embora o entrelaçamento da comunicação com a educação possa impactar de forma positiva, com finalidade social e política, também reconfigura novas tendências e demandas. Sendo assim,

redescobrir o modelo educacional é, de fato, uma oportunidade para a construção do vínculo como uma mediação simbólica e comunitária.
Palavras-chave: Comunicação. Educação. Tecnologia. *Touchscreen*. Cidadania.

ABSTRACT

ARAUJO, Tatiane Bomfim de. **Educação em *touch screen***: uma possibilidade de mudança. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

This dissertation investigates the transformations that have occurred in the fields of education and communication since the arrival of digital technologies. It is also to understand if, from the innovation in the pedagogical guidelines, it is possible to develop other skills in the learners. I analyze two public high schools located in the northern part of the city of Rio de Janeiro. These are: Escola Estadual José Leite Lopes (CEJL), which has a partnership with the telephone company Oi Futuro, and the Osório Foundation, which is linked to the Brazilian Army. The purpose of the research is to compare different forms of educational achievement, to identify the changes that were significant for the best use of both the student and the teacher at the school and, finally, to observe, from the educational transformations, the potential capacity in the formation of citizenship. After, a central hypothesis has been defined that, with the arrival of new media and innovative sources of studies, a mutation occurs in the culture of knowledge. The secondary hypothesis of the research is whether the marketing investment of the technology company (Oi Futuro) a pedagogical business teaching model. I argue that understanding the transformations in education from the communication perspectives is necessary due to the new cognitive process impregnated by television and computer science. With the contribution of our work, the research is supported by authors such as Souza Santos, Muniz Sodré, Paulo Freire and Foucault, as well as contributions such as Henri Wallon and Leticia Perani among others. The discussions are based on an exploratory study in the first analysis, and then in participant observation as proposed by Cicilia Peruzzo. On both schools, workshops, debates, project displays, games exhibitions, the beginning of the robotics project and applications to facilitate students" studies and used as support by teachers were observed. While the mixing of communication with education can positively impact social and political goals, it also reconfigures new trends and demands. Thus, rediscovering the educational model would, in fact, be an opportunity for the construction of the bond as a symbolic and community mediation.

Keywords: communication; education; technology; touchscreen; citizenship.

O que falta, a muitos de nós, educadores, e a mim também, é imaginação. A gente tem medo de deixar a imaginação voar, mas é preciso deixá-la voar! Não voar a ponto de se perder, mas voar, imaginar coisas concretas, coisas possíveis com as crianças (FREIRE; GUIMARÃES, 2012, p. 77).

AGRADECIMENTOS

À oportunidade Divina, por me permitir viver os desafios encontrados ao longo do mestrado e o prazer da sensação de ultrapassar limites e dificuldades.

À espiritualidade amiga, que me amparou em todos os passos e me acolheu nos momentos de fraqueza, medo e insegurança.

Ao meu antepassado, por sermos vitoriosos e chegarmos até aqui com fé, proteção e muita justiça. Guerreamos à luz do amor e com escudo da caridade.

Ao meu avô João, homem sábio e professor da vida. Saudades eternas.

À minha Mãe Edna das Dores Bomfim de Araujo, pelo seu carinho incansável e testemunho de fé.

Ao meu Pai Luiz Carlos Ferreira de Araujo, por sempre fortalecer a ideia de que com a Educação de qualidade nos tornamos cidadãos melhores.

Às minhas irmãs, por entenderem as inúmeras ausências.

Ao meu companheiro Paulo Roberto Gonzaga Ramos, por suportar angústias e com inteligência dar o suporte que precisava a nossa família com amparo e afeto.

Em especial, à Lunah Bomfim de Araujo Ramos, minha pequena, por ser a força motriz do meu caminhar, fazendo-me acreditar que sempre dará certo quando temos propósitos maiores na vida.

Eterna gratidão ao meu orientador Prof. Dr. Muniz Sodré, que, generosamente, aceitou orientar este trabalho. Nele, busquei, como aporte teórico, suas obras para enriquecer a pesquisa. Ao querido Mestre, não somente a oportunidade de ser sua orientanda, como também o convívio e o carinho dispensado. Às cantorias com o grupo "Cutuca no Comum" no espaço do Laboratório de Estudo da Comunicação Comunitária (LECC). Assim, também, terei histórias para contar em sala de aula. Grande Mestre, excelente ser humano!

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, à Escola de Comunicação Social, à equipe da Secretaria e aos professores da pós-graduação, pelo imenso carinho e emoção.

À Profa. Dra. Raquel Paiva, que me acolheu desde o primeiro dia de aula, dando atenção e suporte necessários e tornando o caminho do mestrado possível. Com afeto orientou, incentivo e apoiou o meu crescimento acadêmico. Com vínculo, tornou incrível e emocionante o processo do aprender a superar a cada dia um desafio. Gratidão por ser merecedora deste convívio.

À excelente oportunidade de receber a coorientação da Profa. Dra. Patrícia Saldanha, que, juntando à orientação do Prof. Muniz Sodré, direcionou e coorientou, dando apoio, sugestões, disponibilidade incansável e incentivo ao longo do mestrado. Agradeço muito por sua amizade e companheirismo.

À Fernanda Sarmento, por intermediar os encontros no Colégio José Leite Lopes e tornar possível conhecer o trabalho desenvolvido pelo Programa NAVE/RJ.

À Emanuelle Bitencourt, por também fornecer contatos, apoio e sugestão com relação à pesquisa desenvolvida na Fundação Osório.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

ANA – Avaliação Nacional de Alfabetização

AU 151 – Centro de Ensino Experimental Cícero Dias

AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem

CEJL – Colégio Estadual José Leite Lopes

CLT – Consolidação das Leis do Trabalho

CMRJ – Imperial Colégio Militar do Rio de Janeiro

E-nave – *e-book* gratuito

EAD – Ensino a distância

FEM – Fórum Econômico Mundial

FIESP – Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

FIRJAN – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

FO – Fundação Osório

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IRM – Instituto Rodrigo Mendes

MDE – Laboratório de Mídia e Educação

MEC – Ministério da Educação

NAVE – Núcleo Avançado em Educação

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PIGEAD – Planejamento Implementação e Gestão de Educação a Distância

PROSPEQ – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

REDECOMEP – Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESC – Serviço Social do Comércio

UCM – Universidade Cândido Mendes

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização para a Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Mapa do bairro da Tijuca	63
Figura 2:	Painel 18 x 18 m – intervenção urbana	65
Figura 3:	Fachada revitalizada do prédio da telefonia	66
Figura 4:	Imagem da fachada do Colégio Estadual	67
Figura 5:	Entrada do edifício escada, constituído de estrutura de aço revestido por uma camisa de placas de chapas de aço galvanizado	68
Figura 6:	*E-book* com 40 práticas pedagógicas	71
Figura 7:	Linha do tempo Oi Futuro	73
Figura 8:	Ocupação CEJL	77
Figura 9:	Área de convivência	78
Figura 10:	Espaço de convivência	79
Figura 11:	Refeitório	79
Figura 12:	Salão de *X-box* e *Kinect*	80
Figura 13:	Área de *games*	80
Figura 14:	Espaço de encontros	81
Figura 15:	Espaço Convivência	82
Figura 16:	Sala Germinal	82
Figura 17:	Painel com as últimas novidades do mundo da tecnologia	83
Figura 18:	Auditório – Palestra *Fake news*	85
Figura 19:	Palestra sobre *Fake News*	85
Figura 20:	Encontro com Rodrigo Mendes – educação inclusiva	89
Figura 21:	Dinâmica de desenvolvimento de Educação inclusiva	90
Figura 22:	Primeira Equipe Nave RJ na Liga Escolar Brasileira de *League of Legends*	91
Figura 23:	Pavilhão superior	99
Figura 24:	Evento Nave de Portas Abertas	101
Figura 25:	Credenciamento do Evento Nave de Portas Abertas	103
Figura 26:	Oficina de mídia	104
Figura 27:	Falas inspiradoras	105
Figura 28:	Acesso pelo Matrícula Fácil	107

Figura 29: Placa comemorativa da Fundação Osório 111
Figura 30: Salas de aula 112
Figura 31: Pavilhão administrativo 112
Figura 32: Aplicação de flúor 113
Figura 33: Aula no abacateiro 114
Figura 34: Apresentação do coral 114
Figura 35: Portão monumental – entrada principal 115
Figura 36: Formatura Dia da Bandeira 115
Figura 37: Pavilhão Marques Herval 117
Figura 38: Pavilhão Epitácio Pessoa 117
Figura 39: 3º Desafio Global do Conhecimento 123
Figura 40: Aula ao ar livre – literatura 126
Figura 41: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) 127
Figura 42: Revista Científica FO 129
Figura 43: *Blog* suporte EAD 129
Figura 44: REDECOMEP 2018 132
Figura 45: Estágio de atualização pedagógica para inspetores e professores 133

SUMÁRIO

Introdução 15
1 **EDUCAÇÃO: FORMATOS E PROPOSTAS** 25
1.1 **REDESCOBRIR O CONHECIMENTO** 25
1.2 **EDUCAÇÃO E AS NARRATIVAS MIDIÁTICAS** 36
2 **COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO** 40
2.1 **TECNOLOGIAS E O FAZER EDUCACIONAL** 40
2.3 **ESTRATÉGIAS NA EDUCAÇÃO** 48
2.4 **A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO** 53
3 **NOS MUROS DA ESCOLA** 59
3.1 **PARCERIA PÚBLICO-PRIVADA: NOVO MODELO DE GESTÃO** 59
3.1.1 **Construindo o caminho da pesquisa** 62
3.1.2 **Mapeando o objeto** 63
3.1.3 **Navegando no conhecimento** 69
3.1.4 **Sob nova direção** 75
3.1.5 **Ocupando os espaços com o saber** 78
3.1.6 **Potencializando o saber** 84
3.1.7 **Inclusão do conhecimento** 88
3.1.7.1 Laboratórios do saber 90
3.1.8 **Trabalhando com a diversidade** 94
3.1.9 **Professores e a capacitação** 99
3.1.10 **Nave e a comunidade** 101
3.2 **POR OUTROS CAMINHOS** 109
3.2.1 **Mapeando o objeto** 111
3.2.2 **Formando cidadão** 115
Considerações finais 134
Referências 138

Introdução

A presente dissertação é uma continuação da pesquisa desenvolvida em 2016, realizada na pós-graduação em Docência do Ensino Superior na Universidade Cândido Mendes (UCM). O estudo desenvolvido foi uma tentativa de analisar as novas tecnologias relacionando-as com as práticas de *marketing* e de publicidade na educação do ensino superior no Brasil. Já na pesquisa vigente, o interesse é analisar as possíveis mudanças que ocorreram na organização educacional do ensino médio público. Diante do dinamismo tecnológico, e com a chegada das plataformas comunicacionais com o intuito de facilitar o ensino, muitos desafios foram postos em xeque, como: a importância do papel do professor em sala da aula, o educando ocupando espaço de agente produtor e reprodutor de conhecimento, o lugar da escola como instituição de ensino e estimuladora da cidadania, e por último, com o mesmo grau de importância, a discussão da presença do Estado como mantenedor do ensino público de qualidade.

Ao longo do trabalho, busca-se problematizar se, em alguma medida, as necessidades de mudanças no formato do ensino, a partir das tecnologias, provocaram um processo nostálgico educacional, no qual o ensino anterior seria melhor do que o ensino atual. A nostalgia se faz presente ao questiona-se a possibilidade de as plataformas comunicacionais tornarem o processo educacional tradicional descartável, assim como o lugar do professor nesse novo modo do saber. Na pesquisa vigente, o interesse é analisar as possíveis mudanças que ocorreram na organização educacional do ensino médio público: se trouxeram novas formas de conhecimento e habilidades tanto para o docente quanto para o discente. Essas reflexões acontecem devido às preocupações em tornar o ensino uma prática de negócio, em que o indivíduo passa a ser marcado pelas relações sociais de cálculo e de interesse e a ter sua matriz na relação econômica no formato de mercadoria. Em contrapartida, o suporte tecnológico facilita a prática de ensino diária do professor, e a torna mais estimulante, além da possibilidade de aproximar os conhecimentos do professor da nova ambiência em que os alunos estão submersos.

Segundo Muniz Sodré (2012), “mesmo diante do dinamismo da tecnologia, o professor ocupa o papel principal na educação”. Diante do exposto, tomaremos como base principal da pesquisa a obra do autor citada para balizar as escolhas dos aportes teóricos, os quais irão contribuir com o trabalho exposto. Há muitos desafios diante desses impactos tecnológicos de informação e comunicação. Com isso, o entrave

produzido pela nova reconfiguração do saber impõe a necessidade de redefinir os mecanismos de aprendizagem. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é problematizar de que maneira novos formatos operam de forma qualitativa na educação tradicional, cujo ensino se dava em linguagem escrita, e como os investimentos privados na educação pública poderão efetivar um aprendizado de qualidade na ausência do Estado. Em tempos de um novo processo cognitivo impregnado pela televisão e pela informática, o desafio começa a aparecer no momento em que se procura direcionar a discussão sobre comunicação e educação a partir dos próprios educandos.

A educação, que deveria tocar o sensível e atravessar o sujeito, fortalecendo, assim, a cidadania, passou a ocupar uma função ferramental *touchscreen*, descartável. Dessa forma, o que se nota ainda, nos dias de hoje, é a prática de uma cultura educacional, que se reduz à transmissão de aspectos intelectuais objetivos e não se preocupa em fortalecer a construção da existência. Por isso, o tom nostálgico do tempo perdido. Vivemos ainda à espera de uma educação que ultrapasse as fronteiras das injustiças sociais e cognitivas e equalize o entusiasmo crescente de uma pedagogia empresarial que investe no consumo da educação.

A ideia reflexiva de Svetlana Boym (2001, p. 12) é de que precisamos de uma "nostalgia para o futuro". Isto é, a autora descreve a nostalgia como uma estratégia de sobrevivência, uma forma de tornar razoável a impossibilidade de um retorno ao lar. Nesse sentido, analisar o processo transitório da educação pelo prisma nostálgico é um recurso que permitirá entender a perspectiva comunicacional, a qual está no cerne das ideologias revestidas de políticas públicas. Desse modo, portanto, adentrar no campo das incertezas, cada vez mais globalizada e com múltiplas linguagens, pode ser uns dos desafios da educação. Deve-se levar em conta a busca do pertencimento, por meio da educação como identidade, no discurso da cidadania, assim como a inclusão de informação e a opinião.

Nesse sentido, o trabalho de interpretar o mundo são escavações que ocorrem a partir do sensível. É essencial olhar o processo comunicativo como fator de construção de identidade cultural, social e de mediação. Discutiremos, neste trabalho, como o incremento das tecnologias e a modernização podem impactar na educação. Sendo assim, entendemos que não basta equipar escolas ou mudar currículos escolares: faz-se necessário incluir professores e gestores no novo *modus operandi* tecnológico, já que "[...] as informações são abundantes e o saber apresenta-se como móvel e veloz por efeito da informação tecnologicamente acelerada [...]" (SODRÉ, 2012, p. 194).

Para que o discurso da modernização torne as práticas pedagógicas atraentes, é preciso que o Estado invista em ação com projetos políticos capacitando professores e alunos para traduzirem as novas formas de ação híbrida entre a comunicação e a educação. Espera-se que o investimento na modernização da educação não seja apenas um discurso publicitário, uma vez que a "força motriz da diversidade cultural está na sensibilização das consciências frente à emergência do Outro, isto é, em autossensibilizar-se de maneira a tomar contato com a gênese contingente de sua crença, valores e atitudes" (SODRÉ, 2012, p. 35). Trata-se de pensar o problema da cultura, da educação e da comunicação com base no eixo que atravessa as novas condições de pensar a sociedade, organizar e fazer as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãs de um mundo cada vez mais virtual.

Nesse aspecto, torna-se fundamental retomar Gramsci (2006), a fim de tratar da tendência democrática da escola. O autor não considerou apenas que um operário manual se torne qualificado, mas que cada cidadão possa se tornar governante. É preciso dar os mecanismos necessários, para que o sujeito possua capacidade de participar mais efetivamente do sistema de redes disponível para ele e, assim, conseguir transformar seu entorno e ter a consciência do seu papel social. O fio condutor do pensamento de Gramsci (2006) é a formação crítica de cidadania, que garanta o acesso ao conhecimento com propriedade.

Portanto, um dos objetivos desta pesquisa é compreender se o mercado empresarial investe nas plataformas comunicacionais educativas, com o interesse de capturar e formatar desde a produção até a formação de diversos saberes.

Em seguida, o segundo objetivo é fazer um comparativo, se possível for, entre os projetos pedagógicos de duas escolas públicas: uma com investimento mercadológico privado e a outra com ensino tradicional vinculado ao Exército Brasileiro por intermédio do qual têm consignados no Orçamento da União os recursos para seu custeio e sua manutenção. Para isso, tomaremos como base empírica o estudo do Núcleo Avançado em Educação (NAVE),[1] que é fruto da parceria público-privada, entre o Estado e o Instituto Oi Futuro. O projeto ocorre no Colégio Estadual José Leite Lopes (CEJL-RJ). Outra escola que nos interessa analisar é o Colégio Fundação Osório, escola com fundamentos tradicionais e militares, por ser uma entidade de direito público vinculado ao Ministério do Exército.

[1] Ver mais no Portal Oi Futuro. Disponível em: <http://www.oifuturo.org.br/noticias/saiba-como-estudar-nas-escolas-nave-rio-e-nave-recife/>. Acesso em: 19 jan. 2018.

Procura-se perceber, a partir de um sistema pedagógico que se pretende propositivo, se há efetiva contribuição para a educação, ofertando e executando a atividade pública, ou se há uma reconfiguração do processo educacional para uma lógica mercadológica. Dentro do pensamento de análise do rearranjo do papel do Estado na educação, propomo-nos a observar o programa NAVE, que disponibiliza cursos técnicos em tecnologias digitais, dentro da escola pública no Colégio Estadual José Leite Lopes (CEJL) localizado na Tijuca. O programa tem parceria profissionalizante com a Oi Futuro e as Secretarias dos Estados do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Nesse contexto, é emergente entender os processos de subjetivação, que capturam o sujeito pelo discurso da lógica da cultura educacional.

O Colégio Fundação Osório, que é uma escola com ensino tradicional, localizado no bairro do Rio Comprido, Rio de Janeiro, também irá compor parte do *corpus* de nossa pesquisa. A instituição foi vinculada, em 1995, ao Exército e, com isso, angariou consignados no Orçamento da União, adquirindo recursos para seu custeio e manutenção. A formação do cidadão está presente na vida diária do Colégio: os alunos são despertados para o respeito aos símbolos nacionais, a reverência às datas cívicas e o culto às tradições da sociedade brasileira. A instituição valoriza uma formação intelectual excelente, social e religiosa e possui seus pilares inspirados no patrono da escola, General Osório: “Doar-se para ensinar”. O trabalho do corpo docente é construído em conjunto com o aluno juntamente com seus familiares, procurando desenvolver competências e habilidades que possam torná-los cidadãos plenos e conscientes de seus deveres e de suas responsabilidades.

Outro aspecto importante a ser analisado é se o uso das tecnologias na educação pode ser trabalhado em favor do trabalho colaborativo, o qual ajude a refletir sobre a questão social tão emergente nos dias de hoje, e também possibilite a criação de espaços de convivências e de trocas. O cerne da questão norteadora, que motivou esta pesquisa, é entender como o sensível na educação atravessa o sujeito. Essa proposta auxilia a pensar a construção da identidade educacional e suas consequências políticas. Em nossa percepção, a teoria pós-colonial pode ser pensada na investigação da política cultural educacional, pois nela estão incluídos, de forma contundente, as atitudes e os valores ideológicos do capitalismo.

Percebe-se que há uma estrutura internacional atuando na educação, que é orquestrada e subsidiada pelas associações de indústria e comércio, como o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), a Federação das Indústrias do Estado do

Rio de Janeiro (FIRJAN), a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), o Serviço Social do Comércio (SESC), o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), a Fundação Lemann e a Fundação Roberto Marinho entre outras. Podemos exemplificar essa linha de pensamento com dados da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o que demonstra como há emergência e carência de um olhar econômico voltado para o investimento no conhecimento e na comunicação. A OCDE (1996, p. 9 *apud* MOTA, 2009, p. 18) considera que as suas economias "nunca foram tão dependentes da produção, distribuição e uso do conhecimento como agora".

Nesse sentido, o pensamento de Agnes Heller (1972) contribui para compreendermos como esse processo ausente de conhecimento reforça no indivíduo uma alienação da vida cotidiana e a sua participação consciente no processo de produção. Tomar o pensamento da autora como direção de nossa pesquisa nos importa pelo fato de entendermos que a vida cotidiana é um lugar de apreensão do processo histórico. Quando aprofundamos esse olhar no aspecto educacional, torna-se possível nos sobrepormos às questões abstratas que permeiam a vida cotidiana pela análise do social e passarmos a perceber que elas se situam nos mesmos espaço e tempo.

Observa-se que o processo de hibridismo da comunicação e da educação, no contexto da emergência tecnológica, minimiza a possibilidade da *héxis* educativa, já que os direitos, que antes eram comuns, passam a ser adquiridos pelo cidadão, o qual se torna cliente da dinâmica mercadológica. Ao longo do tempo, a educação foi deslocada do campo do saber para a lógica do capital e as decisões passaram a ser orientadas pelas regras do mercado. Pode-se dizer, então, que as políticas públicas de educação estão em xeque, uma vez que há uma proposta de "assenhoramento" por parte do mercado empresarial quanto ao fato de instruir-se como formulador de políticas de educação do Brasil. Pode-se notar que a educação, quando tratada por uma perspectiva liberal, tende a homogeneizar e provocar um desenraizamento cultural, o que nos leva a questionar se os simulacros dessas práticas não reforçam regras abstratas e os conceitos de cidadania que não retomam o propósito comunitário e vinculativo da educação.

Questionaremos, portanto, qual é a possibilidade de resistência dos sujeitos a partir do momento em que o Estado assume a necessidade de uma pedagogia empresarial, que naturaliza códigos por meio de discursos publicitários democratizantes. O interesse nesse investimento é, de fato, ofertar uma atividade pública pedagógica ou há uma intenção mascarada, podendo ser descrita como o interesse em inserir, em larga

escala, aplicativos e ferramentas dentro da perspectiva do capital com o discurso democratizante?

Sendo assim, definimos como hipótese central que, com a chegada das novas mídias e fontes inovadoras de estudos, ocorre uma mutação na cultura do saber. Considerando que o Estado passa a ter uma atuação indireta na promoção e no financiamento da educação, é possível afirmar que não houve mudança efetiva da participação do Estado na educação, mas, sim, um rearranjo do seu lugar nesse tipo de tensionamento e negociação. Foi nos anos de 1990 que o Estado começou a redefinir suas funções, diante de diversos serviços, e a educação passou a não ser mais exclusiva do Estado, podendo ser realizada pelo setor privado ou público não estatal.

Desse modo, a hipótese secundária da pesquisa é se o investimento mercadológico de uma empresa de tecnologia (Oi Futuro) molda um modelo pedagógico empresarial de ensino. O problema que perseguimos é o que há de comum nas propostas educacionais do Colégio Estadual José Leite Lopes, com o incentivo da iniciativa privada, e o Colégio Fundação Osório, vinculado ao Exército Brasileiro. As escolas incentivam a capacidade de emancipação crítica? Qual seria de fato o caminho para a educação? Entretanto, o que se observa é que há um discurso inclusivo democratizante, porém desconfia-se que exista um esvaziamento do modelo construído dentro da fala de política pública na educação, já que ocorre uma apropriação do mercado. Partimos do pressuposto de que é preciso discutir as vantagens e desvantagens desse novo fazer educacional e, assim, evitarmos uma visão maniqueísta na pesquisa vigente.

A opção metodológica adotada no presente trabalho se alicerçou, principalmente, nos dados coletados na primeira fase exploratória desta pesquisa, para então verificar como o Instituto (Oi Futuro) interfere no âmbito público, por meio das políticas educacionais, com implicações para a democratização da educação, e como a Fundação Osório, uma escola tradicional, vem remodelando o seu modo de ensinar a partir da inserção tecnológica de plataformas comunicacionais no seu projeto pedagógico. Observaram-se, nas duas escolas, oficinas, debates, mostra de projetos, exposição de *games*, início do projeto de robótica e aplicativos para facilitar os estudos dos alunos e para a utilização, como suporte, pelos professores.

Assim sendo, as metodologias utilizadas na pesquisa serão atravessadas por pesquisa bibliográfica e pela observação participante, para possibilitar, mapear e discutir teoricamente os processos de transformação na escola via uso das tecnologias, seja pelo

investimento privado, ou pela inserção tecnológica na escola tradicional com vínculo militar. Para tanto, iremos comparar a estrutura de ensino que a escola CEJL, com o programa NAVE, com outra que não possui o investimento privado, e, assim, permitir entendermos as vantagens e desvantagens dessa parceria público-privada. O intuito é observar se há, de fato, uma investida para educar as crianças para os meios e pensar as multiplataformas, e quais são os usos e competências que as crianças desenvolvem, bem como sua capacidade de letramento; analisar se os projetos desenvolvidos possuem ações que contribuam para a formação do cidadão e para a comunidade; e compreender a relação e a capacidade do entendimento do espaço e território e da própria cidade do Rio de Janeiro nesse contexto.

Para dar suporte à nossa metodologia de pesquisa de campo e embasar nossa expedição, recorreremos às contribuições de Virginia Kastrup (2005), que nos permite ter um olhar fino a respeito da produção de subjetividades no novo formato educacional. O método da observação participante nos permitirá vislumbrar uma pesquisa participativa e transversal, além de possibilitar uma análise mais abrangente de inclusão, comunidade e cidadania. O percurso iniciará com a apresentação, em linhas gerais, do problema da cultura, da educação e da comunicação com base no eixo que atravessará as novas condições da sociedade de pensar, organizar e fazer as pessoas sentirem-se, de alguma forma, cidadãs de um mundo cada vez mais virtual. Acreditamos que os modos de controle social presentes a partir da entrada das tecnologias na escola, e os recursos de resistência e de singularização estejam sempre nascendo e se constituindo na diversidade.

Dessa forma, estruturamos o primeiro capítulo, “Educação: formatos e propostas”, subdividido em dois tópicos, os quais envolverão as questões históricas do modelo educacional, considerado como anacrônico com relação às mudanças sociais, à tecnologia e à diversidade. Por isso, a importância em se descolonizar o pensamento único eurocentrista, incluindo a diversidade cultural, para que se possa deixar de hierarquizar as medidas educacionais simbólicas.

Paralelamente a esse movimento, no mesmo capítulo, o objetivo é observar como as narrativas midiáticas se estendem para o social e criam um território próprio, suspendendo o lugar da educação como um bem comum e colocando-o como um bem de serviço. A mídia segue a lógica da empresa e suas narrativas mobilizam o País, e não a educação. O capital financeiro aponta para o fim do Estado como agente provedor de ensino e funciona como um dispositivo narrativo, que visa à produção e à consolidação

de subjetividades neoliberais no Brasil. Dando continuidade, no capítulo seguinte, abordaremos a temática Tecnologia e o fazer educacional a partir da articulação política, social e cultural. Assim, é possível reescrever uma base educacional fundamental para a cidadania. Desse modo, entenderemos como um modelo de educação é capaz de contemplar a diversidade cultural, de classe e das diferenças nas distribuições de renda, e a possibilidade de uma cultura educacional não elitista. Por isso, para refletir sobre as principais discussões em torno da importância política, iremos entender como a eclosão de uma pluralidade de vozes é fundamental para compreender como a educação política e a ausência de políticas educacionais tornam o ensino, que é um bem público, interesse de mercado na lógica neoliberal. Para isso, balizaremos nosso percurso com as contribuições de autores como Sabrina Moehlecke (2002), Marcelo Paixão (2009) e Souza Santos (2007).

Vale ressaltar que, na década de 1990, o Estado iniciou o avanço da subordinação da escola pública em relação ao setor privado, podendo ser considerado o marco para essa redefinição do papel do Estado, quando o Banco Mundial divulgou a agenda da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, ocorrida em Jomtien, Tailândia. O Brasil, imediatamente, encampou a proposta. Observa-se, a partir de então, a apropriação privada do saber sistematizado na escola pública brasileira. Porém, toda a discussão em torno das mudanças na educação ocorre pela disputa do signo ideológico hegemônico de construir um projeto propositivo, que tem por finalidade absorver e regular a educação como instrumento de mercado, como já enfatizamos.

A partir disso, diversos institutos e fundações apropriam-se da lógica do grande capital e criam um projeto com ações de política pública devido ao esvaziamento do Estado. É perceptível que se trata de um mascaramento sob o argumento de que são iniciativas ligadas à responsabilidade social. O que se pretende é a apropriação pelo mercado da educação, com a finalidade de ditar as regras para a formação de jovens e professores. A proposta se assemelha à concepção bancária da educação (FREIRE, 1975) na medida em que o propósito é formar consciência para o mundo do capital e transformá-los em alunos-consumidores.

Para encerrarmos o segundo capítulo, analisaremos a ausência de políticas educacionais que permitam brechas contra a formação de um mercado mundial da educação, o qual se apodera de estruturas sociais, assim como seus impactos na construção da formação de consciência para o mundo do capital e do consumo a partir da pedagogia empresarial.

O terceiro capítulo será a análise das duas escolas: o Colégio Estadual José Leite Lopes e a Fundação Osório. Ambas são da zona norte do estado do Rio de Janeiro. A escolha dessas escolas se deu para que pudéssemos fazer um comparativo entre os modelos pedagógicos utilizados com os alunos nas diferentes estruturas e nas ações que trouxeram desafios relativos à promoção da cidadania.

Para finalizarmos, o capítulo terceiro, e último capítulo, trará reflexões de todo o já exposto e das análises da observação participante nas escolas, bem como o tensionamento de nossas suposições ao observável e aos conceitos basilares de nossa pesquisa. O papel do Estado nos novos modelos de rearranjo na sociedade atua como Estado Mínimo na educação. Não seria essa metodologia sensibilizadora algorítmica a estratégia retórica para a privatização do ensino, contribuindo para o agenciamento dos afetos e imaginários em favor de uma lógica mercadológica que visa a transformar o ensino em um bem de serviço?

Desconfia-se que a educação ainda não é vista como prática de cultura e que ela se reduz à transmissão de aspectos intelectuais objetivos. Cada vez mais, ocorre a ideia de consumo da tecnologia como forma de autorrealização pessoal, aliada à política de exacerbação do individualismo. É nessa lacuna que a lógica de mercado se apodera do capital educacional, que está permeado de signos mercadológicos. As escolas precisam assumir os desafios que as inovações tecno-produtivas e relativas ao trabalho apresentam ao cidadão como nova linguagem do saber. As escolas públicas, em sua maioria, não possuem interação com o ambiente informático e, com isso, ficam excluídas do novo espaço laboral e profissional que a cultura tecnológica propõe. Nesse sentido, para Martín-Barbero (1995, p. 10), o consumo das tecnologias aumenta a sensação de um pertencimento social no cenário de exclusão, pois,

> através do consumo, há um sentimento de pertencimento social, pois associa o consumo, ora como espaço de integração e comunicação de sentidos, como modo de circulação e popularização de sentido, ora como espaço de objetivação de desejo, [...] consumir faz parte da relação desejante entre sujeitos da interpretação que nos constitui como sujeitos.[2]

Desse modo, portanto, preocupa-nos questionar como o professor dialogará com esses dois formatos, porque o processo de recepção dos meios de comunicação de massa precisa se estender às salas de aula, para exercitar o olhar crítico dos modos que afetam

[2] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/viewFile/51409/55476>. Acesso em: 26 maio 2016.

a nova realidade cultural. Entretanto, é preciso ficarmos atentos para que não haja uma espetacularização da escola. Ações emergenciais se fazem necessárias e vão além das novas leis de diretrizes e bases de Educação Nacional e Política de Privatização do Ensino. Com isso, então, há a necessidade de uma política cultural que efetive a atuação do campo da comunicação e dos desafios da educação. Cabe ao sistema educacional cumprir a capacidade de apresentar aos cidadãos as novas linguagens de saberes, como também reconhecer os meios de comunicação como meios integrantes, e não marginais do processo educativo, visando a construir uma sociedade realmente democrática. A educação vem sendo tratada como um desserviço para a prática de construção do social. Dessa maneira, é primordial a utilização da tecnologia integrada ao sistema educacional, porém é pelo exercício comunitário que o potencial de existir é estimulado e é nele que ocorre o vínculo de pertencimento essencial para o processo de cidadania.

1 EDUCAÇÃO: FORMATOS E PROPOSTAS

O pensamento de Paulo Freire (1989) nos leva a refletir sobre um projeto nacional que seja capaz de pensar as diferenças e contradições sem negar ao Outro o direito da existência. Analisar o modelo educacional a partir de Freire (1984, p. 89) é uma aposta política decolonial de entender que outros saberes são legítimos, pois "seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica". Ao longo do texto, discorreremos sobre a perspectiva do ensino-aprendizagem que não reproduza lugar de poder na educação. Nosso desafio é descolonizar o pensamento a partir das escavações de alguns autores que compõem a rota decolonial, os quais desconstroem projeções educacionais que sempre foram postas desde as legitimações de saberes.

Dentre as múltiplas possibilidades de construir uma texturização da linha de pensamento da arquitetura educacional vigente, optou-se por costurar dois caminhos que demonstram como o fenômeno da globalização propiciou uma gramática mercadológica para educação. O primeiro busca entender como as narrativas midiáticas se estendem ao social e criam um território próprio, delineando chaves analíticas, as quais nos conduzem à linha de pensamento de autores como Boaventura de Souza Santos (2002)[3], Milton Santos (2008) e Doreen Massey (2008), que retratam a importância do tempo, do espaço e do próprio território. Um segundo caminho é entender como a concepção técnica do saber passa a dilatar um discurso emancipatório que confronta como a possibilidade da *héxis* educativa. Autores como Quijano (2010) e Muniz Sodré (2012) contribuem nessa expedição decolonial.

1.1 REDESCOBRIR O CONHECIMENTO

A proposta em encarnar outros saberes é ousar, não somente, em uma ruptura epistemológica, como também construir uma perspectiva que retalhe a diversidade na categoria sociopolítica e subverta a racionalidade dominante. O pensamento de Souza Santos, em seu texto a *Epistemologia do Sul* (2010. p. 52), propugna ao Sul parte dos

[3] Faremos uma diferenciação nas citações dos autores: Boaventura de Souza Santos e Milton Santos por possuírem o mesmo sobrenome. Referenciaremos o autor Boaventura de Souza Santos como Souza Santos, para que o texto possa ter clareza nas citações, e Milton Santos como Santos.

segmentos que sofrem exclusão, opressão e discriminação. O autor propõe que é preciso aprender que existe o Sul, aprender a ir para o Sul, aprender a partir do Sul e com o Sul, pois todo o processo de sofrimento metaforizado pelo Sul é resultado do capitalismo e da colonização do poder. Em sua tessitura reflexiva, Souza Santos (2010, p. 52) tem como horizonte a emancipação que demarca o esforço reflexivo para um novo padrão de racionalidade, que alarga o pensamento da dominação do sistema capital, do poder, à própria violência matricial do colonialismo: "muitos dos problemas com que hoje se debate o mundo decorrem não só do desperdício da experiência que impôs a si mesmo para sustentar a imposição aos outros". O autor propõe substituir as monoculturas por ecologias: "para mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não existente, como uma alternativa não crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo" (SOUZA SANTOS, 2002, p. 249).

Desse modo, a via analítica de Souza Santos contribui para entendermos como a relação espaço-tempo ressignifica o colonialismo sociocultural pela via da educação. Entender os padrões de dominação educacional, a partir da hibridização da educação e da comunicação, é uma nova forma de observar como o domínio do capital ocorre nos dias atuais e torna a educação uma disputa de mercado. Percebe-se que agências de fomento articulam com o Estado formas de organizar, elaborar e difundir sua concepção empresarial pelo conjunto da sociedade, construindo um modelo hegemônico de democracia, baseada na privatização do bem público. Essa integração com finalidade sociopolítica pela ação educativa reconfigura novas tendências e demanda outras relações afetivo-cognitivas.

Suponhamos que seja fundamental no processo de aprendizado caminhos outros que possibilitem uma relação de qualidade entre o mediador, o conhecimento e a prática. Desconfiamos que haja uma teia emaranhada nessa relação de subjetividades, cognição e sensações, que torna o aspecto afetivo uma prática educacional cotidiana necessária. Essas novas tensões contemporâneas constituíram uma nova ressignificação no modelo educacional e revelaram demandas de conhecimentos, que propuseram uma formação emancipadora. Esse novo papel da educação abarca a mutação do conhecimento como um fenômeno educativo produzido social e culturalmente.

Diante disso, essa linha de pensamento nos leva a Milton Santos (2006), que analisa como o sistema de força produzido pelo mercado global reverbera em processos políticos e sociais com intenção de colonizá-los, buscando conformar um novo *ethos* às relações sociais. O mercado reforça o sujeito na lógica capitalista e ele passa a investir

na educação para que os sujeitos continuem reproduzindo as práticas mercadológicas do consumo. O processo educacional passa a ser um recurso de construção hegemônica, adequando-se aos interesses globalistas de mercado (exclusão, competitividade, processo de alienação do aluno e mutações pedagógicas, que afetam o papel do professor). Os parâmetros que operam na sociedade são, a partir de dados econômicos, com vieses utilitaristas, distribuindo o conhecimento em uma lógica fabril. Paulo Freire (2009, p. 47) disserta sobre a transformação da educação em uma forma de adestramento:

> Na verdade, toda vez que o futuro seja considerado como um pré-dado, ora porque seja a pura repetição mecânica do presente [...], ora porque seja o que teria de ser, não há lugar para a utopia, portanto para o sonho, para a opção, para a decisão, para a espera na luta [...] Não há lugar para a educação. Só para o adestramento.

Nesse sentido, Milton Santos (2006) observa que o processo de globalização é uma das formas das quais utilizamos os recursos que a humanidade pode gerar e afirma ser a ciência a serviço do homem. Entretanto, a globalização vigente é limitada, pois, no caso do Brasil, necessita de um projeto nacional, que, em função da sua própria história de ausência de cidadania, implicará a produção de um projeto nacional. O autor relata que o tema globalização ocorre em vários níveis: econômico, social, cultural e político. Sendo assim, olhar o modelo de educação sobre o prisma do processo de globalização se faz necessário, pois a política pressupõe um Estado-Nação como referência ao passo que a economia, a tecnologia e a cultura podem escapar.

Tendo como pressuposto essa visão geral, acreditamos que seja preciso refletir e investir nas ações mais afetivas. Isso passa pelo campo da educação e das políticas públicas, que atuem na promoção da liberdade cidadã. Seria o que o autor defende como uma nova centralidade do social, que constitui a base para uma nova política:

> Não podendo a esmagadora maioria 'consumir o Ocidente globalizado' em suas formas puras (financeira, econômica e cultural), aumentará a resistência à dominação ultraliberal e consumista propagandeada pelas grandes organizações dos meios de comunicação de massas. A alienação tende a ser substituída por uma nova consciência, uma nova filosofia moral, que não será a dos valores mercantis, mas sim a da solidariedade e da cidadania (SANTOS, 2005, p. 12).[4]

[4] Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_unioeste_hist_pdp_silineide_dos_santos_andrade.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

Desse modo, portanto, para que a globalização ocorra, é imprescindível construir a democracia de mercado, que realizará o exercício da política. Todavia, o que se observa é um mundo que desorganiza centros, sistemas anteriores para organizar a si mesmo. Há uma via de fluxos de informação a partir da globalização, porém esse processo não ocorre igualmente para todos e ao mesmo tempo:

> O homem-cidadão, isto é, o indivíduo como titular de deveres e direitos, não tem o mesmo peso nem o mesmo usufruto em função do lugar em que se encontra no espaço total. Para começar, o acesso às fontes de informação não é o mesmo (SANTOS, 2002a, p. 86).

O autor analisa que a globalização ocorre desde a taxação de lucros, pela exploração, pela miséria e pela exclusão social. Com isso, as lutas sociais também se globalizam.

Para tanto, Santos (2002a) fez uma reflexão profunda sobre o processo de globalização e o denominou como perverso por ser movido por uma engrenagem ideológica. Ele analisa que o território tende a uma compartimentação generalizada e vira espaço de disputa, assim como a sensação da contração do tempo. Tanto Souza Santos como Santos coadunam com a mesma ideia de surgirem nesses pequenos espaços de disputa práticas contra-hegemônicas, que podem causar mudanças sociais ao alcançar microemancipações. Seria um processo rizomático, segundo Deleuze e Guatari (2007), por transgredir o pensamento único e propor um pensamento múltiplo. Vale ressaltar que a mídia é outro fator que ajuda na interpretação dos fatos mundiais inserida nesse processo e ocupa um grande papel, porém segue a lógica da empresa e suas narrativas mobilizam o País, e não a educação.

É notório que, também, o capital financeiro possui um papel importante como um agente provedor de ensino e de investimento em tecnologia no processo educacional. Sendo assim, desconfiamos se a sua investida funciona, de fato, como um dispositivo narrativo, que visa à produção e consolidação de subjetividades neoliberais no País, ou se sua ação de empreender na educação apenas reforça a inação do Estado sucateado, ou uma forma mascarada de isentar-se de suas responsabilidades constitucionais. Santos (1999) propõe um movimento de baixo para cima, a fim de descolonizar esse pensamento hegemônico. Seria uma nova forma de se organizarem,

por meio de um discurso contra-hegemônico, os ideais contra a globalização, o conhecimento e a vontade de mudar o mundo.

Sendo assim, a perspectiva que Santos abre para outra globalização colabora para a desalienação do indivíduo, que passará a questionar as monoculturas e o globalitarismo[5] instituído pela elite burguesa. A solidariedade, a solidariedade horizontal em substituição às verticalidades opressivas de empresa hegemônica, ocorrerá quando a luta cotidiana do povo abrir novos caminhos: "[...] a escala do cotidiano e seus parâmetros são a copresença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contiguidade" (SANTOS, 1999, p. 272).

Essa perspectiva proposta nos leva à reflexão de Raquel Paiva (2003), que sugere o poder revestido de solidariedade na própria comunidade. A isso, a pesquisadora chama de solidariedade humana, uma organicidade social, e afirma que o processo de globalização pode também nos levar a outras formas cooperativas, que seriam como instrumentos orientadores para auxiliar em áreas abandonadas pelo mercado e pelo Estado. Isto é, seriam opções contrárias à lógica vigente advinda da estrutura social. Dessa forma, Paiva (2003, p. 117) reforça o olhar não filosófico e destaca o poder dessa ação: "uma disposição filosófica humanista, mas como estratégia de ação, com uma preocupação bastante prática, além de política, destinada a romper o isolacionismo instalado".

Corroborando o já exposto, Doreen Massey (2008, p. 51) contribui com uma pedagogia no fazer educacional ao trabalhar com a geografia do conhecimento não só com o saber escolástico, mas quando pensa o lugar a partir do cotidiano e das demandas do espaço e do tempo, que é aberto, e é um constante porvir: "Ao negar a diferença, podemos negar aos estudantes oportunidades de desenvolver as habilidades de pensamento de ordem mais profunda, necessárias para produzir explicações mais complexas dos fenômenos geográficos". Com as contribuições de Massey (2004, p. 8), poderemos entender a escola a partir de uma política da espacialidade; ou seja, entendê-la como espaço do múltiplo e das interconexões:

> O espaço é a esfera da possibilidade da multiplicidade na qual distintas trajetórias coexistem, é a esfera da possibilidade da existência de mais de uma voz. Sem espaço não há multiplicidade, sem multiplicidade não há espaço. Se o espaço é indiscutivelmente produto de inter-relações, então, isto

[5] Cf. documentário de Silvio Tendler, no qual Milton Santos utiliza o termo globalitarismo para expressar o totalitarismo que as nações hegemônicas impõem sobre as camadas populares, seja no âmbito econômico ou social.

> deve implicar a existência da pluralidade. Multiplicidade e espaço são coconstitutivos.

Porém, a autora relata que o fluxo de informação ocorrido a partir da globalização não ocorre igualmente para todos. Desse modo, a autora pensa o espaço público e sua função social dentro da sociedade, pois há forte discurso da atual interconectividade dos lugares, via fluxos da globalização. Todavia, ocorre um enquadramento tendencioso das leituras dos acontecimentos, o que não permite um conhecimento total da verdade. A autora se propõe a pensar a democracia e a cidadania como uma redescoberta do espaço:

> Lugares não como pontos ou áreas em mapas, mas como integrações de espaço e tempo, como eventualidades espaço-temporais. Este é um entendimento de lugar – como aberto ('um sentido global de lugar'), como um tecer de estórias, em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada (MASSEY, 2004, p. 191).

É sabido que o totalitarismo da razão ocidental foi palco de injustiças sociocognitivas e dissipou germes de violência em nome da supremacia ideológica. O processo de marginalização e descredibilização a que foram submetidos todos os saberes não reconhecidos no âmbito da totalidade da razão ocidental desperdiçou muitas experiências sociais. O modelo educacional construído no Brasil é um objeto possível, estratégico de análise, para discutir a racionalidade moderna ocidental emaranhada de preconceitos, subjugação, vínculo e afeto. A mutação educacional vigente traz a reflexão da emergência de uma diversidade epistemológica do mundo. Ao procurar entender as implicações do processo de globalização na educação, faz-se necessário pensar, a partir de Quijano (2005), que denuncia a colonialidade como um mecanismo do poder capitalista, o qual impôs um pensamento monocentrado. Segundo o autor, "esta dualidade implicava, além de mais, que muito de tudo o que era a Não Europa, ainda que existisse no mesmo cenário temporal, na realidade correspondia ao passado de um tempo linear cujo ponto de partida era(é), obviamente, a Europa" (QUIJANO, 2005, p. 111).

Configura-se uma forma de poder que ocorre pela dominação do capital, pela exclusão social ou pela inclusão precária devido às marcas da colonialidade de poder. O que se percebe é a necessidade de se descolonizar o pensamento. Trata-se de uma perspectiva cognitiva, que naturalizou as experiências dos indivíduos em determinadas

categorias de poder. O modo de ver o mundo, e viver nele, ocorria a partir de modelos socialmente construídos em pilares do racismo e do colonialismo. O autor faz uma análise de como o processo colonial de poder, baseado na questão da racialidade, foi um instrumento de dominação que reverberou em uma "construção nacional" calcada em um modelo eurocêntrico:

> A racialidade das relações de poder entre as novas identidades sociais e geoculturais foi o sustento e a referência legitimadora fundamental do caráter eurocentrado do padrão de poder, material e intersubjetivo. Ou seja, da sua colonialidade (QUIJANO, 2005, p. 120).

Nessa perspectiva abordada por Quijano, o autor observa que o processo colonial ainda é operante nos dias atuais com marcas de poder e saber. O conhecimento passa a exercer um dispositivo de controle, um biopoder. Com seu método pragmático visando à previsibilidade, só poderá operar nos códigos do dominante. Para Foucault (2003, p. 89), o poder disciplinar é fruto da sociedade moderna e está microfisicamente espalhado pela sociedade, em meio a relações de forças, sendo constituído de formas diversas e em todos os lados:

> [...] desafia a crença de que o poder oprime os indivíduos, enquanto o conhecimento os liberta. Em vez disso, os dois estão intimamente envolvidos. O conhecimento, ou o que seja definido como conhecimento legítimo, é um produto do poder, mas depois age como um instrumento do poder, desempenhando um papel fundamental na formação e constituição de disciplinas.

A dominação do saber traz mudança dos padrões cognitivos, como também um redimensionamento do indivíduo e das modulações qualitativas e suas condições de autonomia individual. Nesse sentido, de acordo com Cristina Freire (2007, p. 3):[6]

> [...] a ótica da diversidade cultural se vê historicamente embaçada pela lente do etnocentrismo, que resulta da observação de um grupo sob a perspectiva e valores da cultura do grupo observador, que a contrapõe com ares de superioridade sobre a cultura observada e de estranheza de seu entendimento, o que leva ao repúdio de formas culturais alienígenas, tachadas de desumanas, imorais ou selvagens, conforme aconteceu na Antiguidade, quando o que não era comum à cultura grega era bárbaro, passando a civilização ocidental a usar o termo para o mesmo sentido de selvagem, que,

[6] Ver mais em Resenha: Lévi-Strauss, C. "Raça e História". In: Antropologia Estrutural II Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, p. 328-366. Disponível em: <http://revista.ufrr.br/index.php/textosedebates/article/download/896/738>. Acesso em: 18 ago. 2018.

> além de significar o que é da selva, ultrapassa o sentido etimológico para evocar um gênero de vida animal, oposto à cultura humana. Assim, lança-se fora da cultura o que não se conforma com a norma sob a qual vive o observador, para o campo da natureza, dissociando os termos natureza e cultura, mesmo antagonizando-os, levando a entender que os selvagens são excluídos da humanidade, pois a noção do que é humano cessa nas fronteiras da tribo.

Sendo assim, é possível verificar diversas formas de saberes que ultrapassam uma monocultura do saber e do rigor científico, o que demonstra que há um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade. Esse percurso teórico é uma tentativa em romper com o modelo colonial de poder, que atua cognitivamente na dinâmica do fazer cotidiano, seja pelos aspectos emocionais, motores, culturais e/ou sociais. Portanto, como estratégia social de ruptura, propõe-se que preconceitos acerca das capacidades intelectuais das minorias sejam quebrados. Difundir a percepção de que o conhecimento foi construído e só pode ser aprendido por poucos "iluminados" é reforçar tais preconceitos. Por isso, a importância em estimular a investigação de histórias sobre diversos saberes de diferentes povos, fugindo da visão eurocentrista.

Desse modo, portanto, redescobrir o modelo educacional a partir da hibridização da educação com a comunicação seria de fato, uma janela de oportunidades para escavar um bem comum para uma sociedade. O trabalho desenvolvido no capítulo três nos dará base para compreendermos, em alguma medida na prática, como nas escolas as experiências humanas passam a construir os laços e como estes são entendidos como uma mediação simbólica e comunitária. O bem comum é esse espaço exclusivo e ordenado das trocas, que a comunidade realiza na direção de uma identidade grupal. A segregação racial aparece na lógica da dominação e não reconhece o diferente no campo do afeto. O Outro não pertence àquele campo semântico estruturado da supremacia intelectual. As manifestações sensíveis e emocionais, simbólicas e míticas, percebidas aquém, são além do que nos mostram os recursos do pensamento racional e objetivo. Para Quijano (2010, p. 113):

> Qualquer teoria possível de classificação social das pessoas exige necessariamente um indagar na história sobre as condições e as determinações de uma dada distribuição de relações de poder numa dada sociedade. Porque é essa distribuição de poder entre as pessoas de uma sociedade o que as classifica socialmente, determinando as suas recíprocas relações e gera as suas diferenças sociais, já que as suas características empiricamente observáveis e diferenciáveis são resultados dessas relações de poder, dos seus sinais e das suas marcas.

A injustiça social estaria, então, associada à injustiça cognitiva (SOUZA SANTOS, 2007 *apud* GERMANO, 2013),[7] que requer a construção de um pensamento. São duas zonas caracterizadas pela extrema disparidade entre as realidades em contato e pela extrema desigualdade das relações de poder entre elas. Sendo assim, a valorização universal dos costumes nos saberes é uma capa semântica para um domínio de classe social, da cor da pele, uma categoria cultural que foi imposta e um modelo cristalizado que violenta e exclui.

Interessante para refletirmos, não só apenas para darmos continuidade à nossa linha de pensamento, mas também para olharmos de maneira mais profunda como as práticas educacionais vigentes confrontam com modo tradicional do pensamento. Sugerimos um passo além das nossas escavações decoloniais, na descoberta do conhecimento, para lançarmos mão do método intuitivo proposto por Henri Louis Bergson (1984). Suspeitamos da possibilidade do surgimento de saberes outros a partir de as afetações cognitivas contemporâneas estimularem um aprender intuitivo. O conhecimento ulterior não valorizava a intuição como uma forma de conhecimento pelo fato de este estar vinculado ao trabalho. Nos dias atuais, o que se percebe é uma abordagem interdisciplinar. Desconfiamos que esses novos estímulos ampliem a capacidade cognitiva a partir das múltiplas sensações, assim como a capacidade intuitiva. O autor compreende como intuição. que

> há duas maneiras profundamente diferentes de conhecer uma coisa. A primeira implica que rodeemos a coisa; a segunda, que entremos nela. A primeira depende do ponto de vista em que nos colocamos e dos símbolos pelos quais nos exprimimos. A segunda não se prende a nenhum ponto de vista e não se apoia em nenhum símbolo (BERGSON, 1984, p. 133).

Seria uma proposta de uma perspectiva mais profunda, a partir da reflexão do método intuitivo bergsoniano, que está diretamente envolvido com a da vontade de criar, com a própria realidade vivida e a tentativa de unir o homem ao universo que ele mesmo construiu. Essa perspectiva retomaria a valorização humana de sentimentos e vínculos. Nossa aposta vai de encontro ao grupo de pesquisa Bergson e a educação, desenvolvido no Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação e Diversidade, da

[7] O autor afirma que a injustiça cognitiva é a produção da inferioridade no campo do simbólico. Dessa maneira, como afirma Boaventura de Sousa Santos (2007), a injustiça social global está intimamente relacionada com a injustiça cognitiva global e, por conseguinte, a luta por uma justiça social global requer, de igual modo, uma luta por justiça cognitiva, que torne possível a construção de uma ecologia dos saberes.

Universidade Federal de Juiz de Fora, que, a partir das investigações sobre a teoria do conhecimento sobre o conceito de tempo (duração), retomam a ideia de como a escola ainda está fortemente vinculada a um trabalho educativo proveniente do pensamento mecanicista e positivista, que ainda acredita no controle sobre o pensamento do sujeito. A mudança de paradigmas ressurgente na pós-modernidade, que abriram caminhos para outras formas de saberes, como exemplo o Método de Bergson, que traz uma reflexão do método intuitivo, é uma faculdade de conhecimento que se opõe tanto à inteligência como ao método filosófico. Bergson (2011, p. 15) nos mostra que, se abandonarmos a concepção de "universo sistemático" decorrente da nossa lógica habitual, compreenderíamos a verdade intelectual:

> A intuição parte do movimento, põe-no, ou antes, percebe-o como a própria realidade e não vê na imobilidade mais que um momento abstrato, instantâneo que nosso espírito tomou de uma mobilidade. A ação exige um ponto de apoio sólido e o ser vivo tende essencialmente para a ação eficaz. É por isso que vimos numa certa estabilização das coisas a função primordial da consciência.

Sendo assim, é importante entender, portanto, a gênese da sensibilidade e sua fundamentação, assim como nos aponta Muniz Sodré (2006) quando ressalta a importância que as questões filosóficas possibilitam para entendermos esse novo *bios* que se configura na atualidade. O próprio autor relata como o filósofo Immanuel Kant acreditava que a sensibilidade era uma das fontes do conhecimento humano, para que, assim, se possa repensar o *logos* e compreender de fato o *phato*s. Isso permite um espaço ao emocional, ao sensível, ao afeto, ao olhar a história e o mítico. Nesse sentido, não há fronteiras na forma do pensamento. Ele se modula como forma de compreender o mundo, que não seja estruturado apenas na forma discursiva cérebro, boca e lógica. Esse pensamento remete à educação gramsciana. Portanto, só poderia estar voltada para a transformação da concepção do mundo dos sujeitos mediante uma filosofia capaz de abalar as "fortificações", de transformar as mentalidades e de permitir a elevação cultural; ou seja, a filosofia da práxis.

> Ao tocar a teoria compreensiva da comunicação, Muniz Sodré nos auxilia a enxergar com mais clareza as modificações que sofrem hoje homem e cultura. Os responsáveis pelos conteúdos, formas e estratégias que permeiam as mídias, a comunicação de massa e a tecnologia precisam da dialogia, da observância dos fatores cognitivos e pensar experiências anteriores ao próprio homem. Os atores envolvidos neste processo terão a oportunidade de enxergar o novo bios midiático do qual nos fala Muniz Sodré. Eles enxergarão, no entanto, por uma lente mais abrangente e integradora de

> subjetividades. Uma visão que não renega o senso comum e suas características, como já alertara Boaventura Santos (*apud* CARDOSO MARCELO, 2010).[8]

É importante fomentar uma reflexão ampla sobre a natureza dos saberes e, a partir daí, mudar o paradigma e passar a observar as estratégias sensíveis. Assim sendo, é possível compreender, libertar e estimular a reflexão e relativizar ou desconfiar do pensamento que se tornou sagrado e que também é defendido por algumas das instituições que detêm o poder. O racionalismo mecanicista reprimiu a intuição, por isso é importante trabalhar para que essa diversidade produza um diálogo maduro, que, fundado em tradições renovadas, vise ao entendimento de diversos saberes. Necessita-se, portanto, de um conceito capaz de abrir o indivíduo, vinculá-lo ao Outro, numa cadeia de reciprocidade, responsabilidade e compromisso, "um tipo específico de relação intersubjetiva, que pode acontecer no interior da sociedade individualista moderna, de maneira velada ou esporádica" (SODRÉ, 2002, p. 195). Há uma possibilidade da busca de um axioma comumente nos diversos saberes, e não uma compartimentação da mente e do corpo, classes sociais e nações com motivos ideológicos, ocasionando conflito entre o homem e a natureza, e seccionando o conhecimento e a vida sob a visão mecanicista do mundo. O transculturalismo é revelador e mostra um amplo processo pelo qual o homem necessita redefinir seu lugar no mundo, em que ele precisa transformar não apenas conceitos, mas o próprio quadro de referência de seu pensamento, pois o contato entre sujeitos sociais produz troca afetivas e é através das interações ideológicas que os discursos emergem. Para Eduardo Yamamoto (2012, p. 3),[9] ao dissertar o pensamento de Sodré (2007),

> [...] o vínculo perpassa os seres humanos e os faz comunicarem. Ele perfura e esvazia os seres, fá-los entrarem efetivamente em contato, obrigam-nos à relação e, portanto, se coloca como força motriz da sociabilidade. Tal relação, tendo o Outro como prioridade e condição de sua própria existência (como numa vida em comunidade), confere ao vínculo a capacidade agenciadora da coexistência do Mesmo com o diferente, do moderno com o tradicional, do atual com o inatual (*ethos* e *héxis*).

Desse modo, portanto, cabe ressaltar que o conhecimento foi o mais potente dos afetos, e o progresso da razão unificou os saberes e a autonomia afirmada pelo

[8] Ver mais em Revista USP. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/alterjor/article/viewFile/88213/91091>. Acesso em: 1º jul. 2018.

[9] Ver mais em **Rev. Estud. Comun**., Curitiba, v. 13, n. 30, p. 47-56, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/viewFile/22387/21485>. Acesso em: 20 jan. 2018.

Iluminismo. A nossa relação sensível com o mundo e nossos afetos não nos esclarece acerca do conhecimento e do alcance intelectual que procuramos estabelecer com coisas e pessoas, mas também as instituições humanas não podem ser racionalizadas. Sendo assim, a compreensão é pelo caminho da desconstrução de paradigmas e uma via do sensível e reconhecimento do Outro.

1.2 **EDUCAÇÃO E AS NARRATIVAS MIDIÁTICAS**

É notório, nos dias atuais, que as narrativas midiáticas se estendem para o social e criam um território próprio, suspendendo o lugar da educação como um bem comum e colocando-o como um bem de serviço. Nesse sentido, a sociedade torna-se cliente de um bem que deveria ser social. A mídia segue a lógica da empresa e suas narrativas mobilizam o País, e não a educação. O capital financeiro atua como um agente provedor de ensino e funciona como um dispositivo narrativo, que visa à produção e consolidação de subjetividades neoliberais no Brasil. Suponhamos que o uso dos aparatos tecnológicos na política educacional pública seja um mecanismo de dispositivo de sedução que, por muitas vezes, atue como estratégias inclusivas, para alavancar o processo educacional em nível de um desenvolvimento crescente:

> Essas pedagogias, todas apoiadas na ideologia liberal, mesmo quando disso não tenham consciência, aparentam ser promotoras da liberdade, mas, na verdade, escravizam as pessoas à espontaneidade de processos sociais e naturais (DUARTE, 2004, p. 12).

Esse processo de sedução não seria um jogo para fomentar programas e estatísticas que reverberem na melhoria educacional? Tal suposição seria geradora do sentimento de pertencimento e inclusão, que passa ser considerado como uma construção do social. Nossa suposição vale-se do pressuposto da importância que a aprendizagem ocupa na formação dos sujeitos:

> [...] que a aprendizagem profunda muda nossa identidade, vemos o processo pedagógico como processo que envolve nosso desejo (nossa ânsia por algo além de nós mesmos, uma ânsia moldada pelo contexto social no qual atuamos, por nosso investimento afetivo naquilo que nos rodeia, captura nossa imaginação e constrói nossa consciência (STEINBERG; KINCHELOE, 1997, p. 102).

Desconfiamos de que essa maneira retórica de agir seria uma forma econômica de poder, que investe na sensação da garantia do direito existente na Constituição de 1988, na qual, no artigo sexto, assegura a educação com um direito social. Nesse aspecto, nossas indagações nos levam às reflexões de Foucault (2008, p. 28), que relata como o "dispositivo de segurança trabalha, criam, organiza, planeja um meio antes mesmo de a noção ter sido formada e isolada". Sendo assim, a sedução seria uma estratégia potente reforçada no processo de midiatização do aluno em adquirir novas habilidades para atingir o mercado de sucesso.

É possível observar que a mídia trabalha com o enquadramento noticioso (GITLIN, 2003), com pautas que reforçam a ausência de políticas públicas, e faz uma aproximação do capital e de políticas neoliberais, de modo subjetivo com ações outras, que propiciam cumplicidades cognitivas no seu agir comunicativo pelo viés da cidadania. Douglas Kellner (2001) é outro autor que muito contribui em nossa investigação, pois nos ajuda a entender as formas pelas quais se dá a relação de dominação da mídia.

> As novas tecnologias da comunicação são ferramentas poderosas que podem libertar ou dominar, manipular ou esclarecer, e é vital que os educadores ensinem seus alunos a usar e analisar criticamente esses tipos de mídia (KELLNER, 2004 *apud* KELLNER; SHARE, 2008, p. 9).[10]

Parte-se da nova ambiência de que a presença da mídia e as multiplataformas trouxeram outras formas de nos relacionarmos e que, por serem transmissores e promotores de cultura, torna-se emergente educar as crianças para questionarem e aprenderem sobre esse mundo que as cerca. Capacitá-las para o uso da variedade de ferramentas e dispositivos que estão disponíveis, para que, assim, consigam refletir e produzir na sociedade de maneira a participar ativamente. O fortalecimento de pensar de forma crítica a mídia nos leva ao conceito de *bios* midiático de Sodré (2009). O autor relata a importância de refletir como a mídia midiatiza a reflexão sobre os sentidos das ações sociais e como há abertura para essa nova transformação de existência a partir desse novo *bios.*

Outra reflexão importante, que aponta Sodré (2002), é com relação ao nosso cotidiano midiatizado a partir das informações que ganham, em certa medida, vida própria agenciando afetos e modos de vida. O autor relata que a hipertrofia da

[10] Ver mais em *Portal SciELO*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0429104.pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.

informação acaba por promover um desaparecimento da cultura e segue alimentando banco de dados ou informações que se apropriam do tempo do outro, causando efeitos sinestésicos. Entende-se, portanto, que a importância do fazer comunicativo vem sendo potencializada pela lógica do algoritmo e do processo de midiatização, que tem determinado as experiências do mundo, em alguma medida, pelos aparatos técnicos.

O pensamento do autor nos ajuda a refletir como esses efeitos podem afetar a comunicação tanto na parte cognitiva como através de artifícios ideológicos sensíveis, que mercantilizam saberes produzindo bens/valores simbólicos, além de neutralizar vozes e construir opinião pública com ausência comunitária. Por consequência, surgem implicações para o processo da construção da capacidade de educar para os diversos meios.

Importa-nos refletir as causas e os efeitos midiatizantes, que podem afetar a comunicação tanto na parte cognitiva como também nos usos dos artifícios ideológicos sensíveis. Com a mutação técnica pedagógica da educação, discute-se: há uma mercantilização do saber a partir das multiplataformas, que produzem bens/valores simbólicos, como ainda em que medida essa crise na pedagogia não seja pelo reposicionamento do lugar de fala da educação tradicional e nas novas exigências desse novo professor? Nossas inquietações se dedicam a compreender as novas formas de produção de sentido para a educação. Por isso, buscamos defender que, para qualquer forma de investimento na educação, é preciso que haja emancipação, já que seria esta sua função: ser uma "Educação Social", a qual reconheça e se aproprie de técnicas que transformem.

Vale lembrar que a inserção tecnológica no discurso das políticas educacionais, e na ausência de investimento no cidadão, em uma sociedade cada vez mais hiperestimulada, retoma o pensamento de liquidez ao qual Bauman se refere para o campo da educação. É a tentativa de refletir o ponto da costura, do sujeito individualizado e tecnológico ao tecido social. Seria, então, a partir de um saber líquido apoiado em estruturas tecnológicas, a possibilidade de manifestar de forma diversa e potencializar no sujeito uma experiência crítica? Pensar no avanço da educação estimulada pela tecnologia é direcioná-la a partir da lógica do *trans*, da transculturalidade[11] (SODRÉ, 2017), uma vez que a ideia educativa é vinculativa,

[11] Descolonizar o pensamento a partir da comunicação transcultural que permite entrever pontos de contato dialógico. A comunicação transcultural como caminho metodológico para formas diferentes de pensar (SODRÉ, 2017, p. 12).

porém estaria está acanhada pela explosão de aparatos tecnológicos que a reduz ao passado?

Desse modo, justificamos o nosso olhar crítico pela perspectiva da filosofia da negociação, já que há o atravessamento de conflitos na interface da comunicação com a educação. O transculturalismo é revelador e mostra um amplo processo pelo qual o homem necessita redefinir seu lugar no mundo. Mundo onde ele precisa transformar não apenas conceitos, mas o próprio quadro de referência de seu pensamento, pois é o contato entre sujeitos sociais que produz trocas afetivas e é através das interações ideológicas que os discursos emergem.

Ao observar como a mídia tem abordado as questões que norteiam a importância da educação, poderemos mapear as condições que colocam o campo educacional como um reflexo da sociedade. É preciso uma lógica das instituições e os modelos de governança adequados à nossa compreensão de um bem-estar global. É pela ética da liberdade que poderemos ter formas de reunir o trabalho, a educação, a identidade e a relação com o amor. Com a presença de um Estado em rede e em processos, o que há é uma gestão liberal do comum, uma narcotização do comum. No capítulo seguinte, iremos discorrer como os meios de comunicação reverberam em novas formas do fazer educacional. Entendemos que, a partir do processo midiatizante no conhecimento, a competência crítica e o letramento se tornam necessários para uma melhor compreensão do mundo. Então, entenderemos como a educação poderia se tornar uma estratégia de mercado.

2 COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

As ações narrativas do contemporâneo e os meios de comunicação transformam as coisas do mundo a partir da midiatização. Interessa-nos investigar que construção de verdade está surgindo e dando lugar às novas formas de poder que padronizam uma expressão do saber, além de novas relações, tendo a tecnologia como insumo básico entre a mídia e o conhecimento. Com base nisso, e para refletirmos sobre os aspectos sensíveis e cognitivos na educação, teremos como norte a noção de que esses dois conceitos podem ser sensibilizadores de metodologias educacionais. Questionaremos em qual medida a manobra do sensível poderia fortalecer a retórica da política de privatização do ensino e diminuir a capacidade do Estado em garantir direitos à educação de qualidade. Tomaremos, com base teórica, a perspectiva do autor Muniz Sodré (2006, 2012), a fim de entendermos como nosso processo histórico de mediação passa a ser midiatizado por novos aparatos tecnológicos. Para tanto, a estrutura deste capítulo se dará em duas partes. Na primeira, buscaremos discorrer sobre a importância do letramento e da competência crítica para a construção social, assim como entendermos as perspectivas cognitiva e interativa e a capacidade colaborativa dos alunos nesse processo. Na segunda, estudaremos como a educação pode se tornar uma estratégia de mercado.

2.1 TECNOLOGIAS E O FAZER EDUCACIONAL

A proposta deste capítulo é entender como os desdobramentos do campo comunicacional reverberaram na educação e trazem à tona questões importantes para o aprendizado. Fazer a leitura dessa nova ambiência como uma forma comunicacional interessa à nossa pesquisa por nos aproximar do que Sodré (2012, p. 11)[12] descreve como

> [...] Uma matriz cognitiva baseada em percepções de ordem distinta, necessária na historiografia e na pesquisa, propulsora de um instrumental lógico que busca a realidade nos indícios e nos tópicos e nas evidências. Trata-se mesmo de outro modelo epistemológico [...].

[12] Trecho retirado do Prefácio escrito por Muniz Sodré no livro *Tecnologias de comunicação e cognição*. 2012. Ed Sulina. Ver mais em Ed. Sulina. Disponível em: <https://www.editorasulina.com.br/img/sumarios/607.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Ainda no texto, o autor acrescenta uma observação sobre os novos marcadores desse mapeamento cognitivo.

> [...] Seja qual for a terminologia descritiva, o fato é que o texto informacional – menos estruturado ou sintaticamente hierarquizado do que o texto tradicional, em que a subjetividade do leitor era estável e centrada em coordenadas culturais que buscavam garantir a univocidade da palavra impressa – convida hoje o sujeito a tatear em novos 'sensores' necessários à sua orientação (SODRÉ, 2012, p. 11).

Sendo assim, é de suma importância que tenhamos o entendimento do que o autor descreve como "mutações que se entreveem na relação corpo/cérebro inerente ao tempo que nos conforma" (SODRÉ, 2012, p. 12).

Em nossa análise, não pretendemos dar conta de todos os pontos de vista já estudados em relação à cognição e ao letramento, mas investigá-los como uma possibilidade de atributos para melhorar a qualidade do ensino. Após a observação feita em pesquisa de campo, reformulamos a redação desta pesquisa e optamos por outros caminhos que nos ajudem a complementar a pesquisa de campo. Esperamos que nossa escolha não diminua a capacidade de discussão, uma vez que consideramos o tema tão atual, relevante e emergente.

Vale refletir sobre o modelo que acrescenta a sedução tecnológica ao salto positivo e necessário ao ensino de qualidade. Entenderemos a dimensão do sensível a partir da perspectiva de Muniz Sodré (2006), que a analisa como uma estratégia de aproximação das diferenças com a abertura para o Outro. O autor discorre sobre as interações humanas em vários aspectos importantes, que contribuem para o entendimento do processo educacional a partir das multiplataformas, a exemplo da abordagem nos campos da mídia, da política e da cultura. Portanto, suas reflexões norteiam a pesquisa pela possibilidade de uma existência sensível de potência emancipatória. Em suas palavras,

> nossa questão inicial dispõe-se então na pergunta sobre a possibilidade de existência de uma potência emancipatória na dimensão do sensível, do afetivo ou da desmedida, para além, portanto, dos cânones limitativos da razão instrumental (SODRÉ, 2006, p. 17).

Por essa razão, partimos do pressuposto de que o próprio processo de midiatização na educação pode reforçar práticas comunicativas e estimular habilidades que incrementam e reverberam a construção do processo cognitivo. A compreensão

acerca do processo de cognição parte de estudos apontados pela pesquisadora Fátima Regis (2009, p. 13), que relata:

> [...] o processo cognitivo não se reduz a um conjunto de operações lógicas e representacionais que a mente produz independente do corpo e do mundo. As teorias mais recentes defendem que, para conhecer e atuar no mundo, a mente conta com corpo, ambiente, objetos técnicos e interações sociais. Nesse contexto, os dispositivos técnicos também não são meras ferramentas ou extensões de habilidades humanas, mas atuam de forma dinâmica e complexa no processo cognitivo.

Pressupõe-se, portanto, a existência de um tipo particular de professor e de uma maneira específica de ensinar os conteúdos, que são competitivos, empresariais e produtivos. A hipótese sugerida é a de que, a partir do momento em que ocorre o atravessamento das diversas plataformas comunicacionais no discurso educacional e na capacitação cognitiva, há uma hegemonia da razão sobre a dimensão dos vínculos e dos saberes. Por isso, buscaremos analisar como as narrativas mercadológicas, que se sobrepõem à cultura do saber na sociedade, produzem uma nova interface na educação com a comunicação.

Quanto a essa metodologia educacional, resta a desconfiança de que exista um fortalecimento da educação como bem de serviço, que seduz pela retórica do consumo e de hábitos e pelo falseamento de inclusão social. Nossa investigação gira em torno de projetos educacionais, que investem na inclusão a partir da inserção tecnológica de aparatos nas escolas. Por isso, pretendemos observar se há, em alguma medida, a exclusão dos estudantes que não estão aptos a operar e não têm professores capazes de orientá-los no uso crítico desses meios. Importa-nos refletir as possíveis consequências que podem afetar a comunicação.

Nossas inquietações se dedicam a compreender as novas formas de produção de sentido para a educação. Por isso, buscamos defender que, para qualquer forma de investimento na educação, é preciso que haja emancipação, já que seria esta sua função de ser uma "Educação Social", que reconheça e se aproprie de técnicas que promovam transformação. Devido à mutação pedagógica na educação, discute-se se há uma mercantilização do saber a partir das multiplataformas, que produzem bens/valores simbólicos, como também se o fato de reformular o saber no campo não seja pelo reposicionamento do lugar de fala da educação tradicional nas novas exigências de habilidades para esse "novo professor".

Em seguida, discorreremos sobre a importância do letramento e da competência crítica para a construção social, entendendo as perspectivas cognitiva e interativa e a capacidade colaborativa dos alunos nesse processo.

2.2 **POR UMA PERSPECTIVA SOCIAL**

> Costuma-se pensar que a escrita tem por finalidade difundir as ideias (principalmente a escrita impressa). No entanto, em muitos casos, ela funciona com o objetivo inverso, qual seja: ocultar, para garantir o poder àqueles que a ela têm acesso (TFOUNI, 1995, p. 11).

Entendermos o processo cognitivo é necessário devido à importância da questão de o aprendizado e a linguagem serem elementos estruturantes para atingir o conhecimento. A nova forma de ler a convergência das mídias, segundo Jenkins (2009), impacta no mundo social e no consumo. Desse modo, as discussões em torno da emergência para a leitura dos novos meios surgem especialmente quando a internet invade os espaços, o tempo e o modo de os jovens se relacionarem e de buscarem informações; até mesmo, de engajarem-se nas mídias (a exemplo de *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* entre outros). O termo letramento surgiu em meados da década de 1980, referenciado no livro de Mary Kato, *No mundo da escrita, uma perspectiva psicolinguística*, publicado em 1986. Segundo a autora, a língua falada culta é consequência do letramento. Para Magda Soares (2000a, p. 15), a expressão é atual na educação e designa o processo como as pessoas se relacionam com um mundo baseado na cultura escrita e como ocorre o aspecto da compreensão do mundo e seu papel social. Autores como Kleiman (1995), Tfouni (1988) e Soares (2014) coadunam com a perspectiva do letramento como prática social da escrita.

Nesse sentido, surge a necessidade de adaptar a educação a esses códigos perceptivos devido ao próprio uso social das tecnologias no cotidiano. São competências que os educandos vão adquirindo como um modo de adaptação neste mundo globalizado. O fazer cotidiano emerge do *touch* na tela, do relacionamento com imagem, das apropriações pessoais dos usos tecnológicos que reconfiguram o modo de ser e do estar no mundo. Contudo, a adequação de competências e letramentos são modos possíveis de comunicação e interação social. Dessa forma, embasaremos nossa pesquisa pela perspectiva de letramento proposta por Soares (2014) por nos preocuparmos com a leitura de diversos meios além dos sistemas midiáticos que os

circunscrevem. A autora traz a reflexão sobre a prática crítica de saber ler e escrever, que dialogam com as nossas inquietações:

> [...] só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a sociedade faz continuamente – daí o recente surgimento do termo letramento (SOARES, 2014, p. 20).

Outro aspecto imprescindível é fazermos a leitura crítica dos meios, a partir da compreensão das técnicas, que envolve o "saber produzir", e nos apropriarmos de recursos específicos para cada mídia e a capacidade de compartilhamento que se relaciona com a lógica da sociedade informacional, na qual o consumidor também pode ser um produtor de conteúdo capaz angariar sua legião de fãs.

O letramento também é um assunto de suma importância para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A proposta da organização traz como objetivo

> [...] melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem, entendendo que o letramento digital é uma decorrência natural da utilização frequente dessas tecnologias. O Ministério da Educação tem a meta de universalizar os laboratórios de informática em todas as escolas públicas até 2010, incluindo as rurais. A UNESCO também coopera com o Programa TV Escola, para explorar a convergência das mídias digitais na ampliação da interatividade dos conteúdos televisivos utilizados no ensino presencial e a distância. A UNESCO no Brasil conta com a permanente parceria das Cátedras UNESCO em Educação a Distância em várias universidades brasileiras, que utilizam as TIC para promover a democratização do acesso ao conhecimento no país [...].[13]

No Brasil, essa parceria busca promover discussões em torno da educação para as mídias e cooperar com o governo brasileiro para disseminar as tecnologias de informação e comunicação. A educação é, segundo relata o diretor geral da UNESCO, Frederico Mayor, "um dos mais poderosos instrumentos de mudança" (MORIN, 1999, *apud* LOPES, 2011).

Portanto, isso pode ser a chave para ampliarmos e relacionarmos os conceitos de cognição e sensível à aquisição de uma leitura crítica para os media nas reflexões e ao conceito de letramento de Soares (2014). Suspeitamos da possibilidade de construção de uma abordagem pedagógica que atinja a dimensão da cidadania. Para isso, pensemos na

[13] Ver mais em unesco.org. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/communication-and-oinformation/access-to-knowledge/ict-in-education/>. Acesso em: 6 jun. 2018.

escola com um "dispositivo".[14] Nesse caso, é a educação um propositivo que atua nas brechas das injustiças sociais para atingir a emancipação. Trata-se de

> [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos... [e entre estes] existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes, [cuja finalidade] é responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante (FOUCAULT, 1996, p. 244-245).

Nesse sentido, a educação se tornaria um palco do aprender para a vida, como Lopes evidencia, a partir de Pinto, que "se se for capaz de inscrever essa dimensão no coração das políticas educativas e não apenas como enfeite pedagógico marginal" (PINTO, 1999 *apud* LOPES, 2011, p. 8-9). Dessa forma, podemos considerar que o hábito fragmentado de ler o mundo seria desconstruído pela prática do ensino em relação ao refinamento de habilidades na busca por informação, por exemplo, reinterpretando competências já adquiridas. O autor W. James Potter (2008), segundo a pesquisadora Raquel Timponi (2015), sugere um estudo com a perspectiva da psicologia social de que a apropriação crítica

> [...] envolve informação cognitiva, factual, emocional, estética e moral, com o objetivo final de dar liberdade e poder ao usuário de controle das informações que acessa e capacidade de desenvolver análise crítica sobre as interpretações que realiza através das mensagens midiáticas (POTTER, 2008 *apud* TIMPONI, 2015, p. 70).

Supõe-se, assim, que a ocupação do lugar da educação como dispositivo é a possibilidade de identificá-la na esfera intelectual e na importância social, estimulando a reinterpretação das mediações tecnológicas e culturais. Para Foucault (1995, p. 231),

> [...] o poder, em relação ao saber: não como causa e consequência, mas através de uma relação de mútua dependência, de articulação recíproca. São linhas que fixam os jogos de poder e as configurações de saber que nascem do dispositivo, mas que também o condicionam, ou seja, estabelecem estratégicas relações de força, sustentando tipos de saber ao mesmo tempo em que são sustentadas por ele.

[14] Educação como um dispositivo, sendo usado a partir da perspectiva do pensamento de Foucault (1996).

Vale ressaltar, também, que, para o autor, o movimento de resistência ao poder é possível quando o "poder só se exerce sobre homens livres" (FOUCAULT, 1995, p. 244). Ele explica qual perspectiva utiliza para se referir à condição de homens livres: são aqueles "que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer" (FOUCAULT, 1995, p. 244). Nessa condição, retomamos a proposta, sugerida na introdução desta pesquisa, de uma educação nostálgica para o futuro (BOYM, 2001), uma vez que entendemos que as configurações de saber-poder reverberam no campo da subjetividade e que poderiam antecipar um dispositivo futuro. Francisco Ortega (2000, p. 35) contribui com a nossa suposição ao relatar:

> [...] trata-se de práticas que indicam um conjunto de características ao caráter de imprevisibilidade do próprio dispositivo e àquilo que tange à sua condição de 'acontecimento'. As linhas de fratura, de fissura, ilustram muito bem esta afirmação na condição de introdutoras de 'acaso, contingência, novidade, diferença, vontade de jogo e experimentação com formas de pensamento e sociabilidade'.

Importa-nos, também, investigar o *modus operandi* de códigos sociais e emocionais para a sociabilização na rede, assim como os canais interativos que requerem do indivíduo um aprendizado com refinamento cognitivo (REGIS; PERANI, 2008). Desse modo, aprofundaremos a investigação na extrapolação interativa a partir do mundo digital no processo educacional. Por que os desafios cognitivos presentes na prática comunicativa interessam quando se pensa sobre quem são essas pessoas com quem se fala em múltiplas janelas? Quais são as demandas e as habilidades requeridas que na atualidade o estudante precisa dominar para conseguir se comunicar de forma crítica?

Outro ponto importante para esta pesquisa é saber qual o papel que a mídia ocupa ou "esbarra" na construção do letramento, para tentarmos entender de que maneira ela demanda interações sociais e quais as necessidades da exploração das várias linguagens. As reflexões, em torno dessas discussões, são uma tentativa de entender as perspectivas cognitiva e interativa e a capacidade colaborativa dos alunos nesse processo. Enfatizamos a necessidade de desenvolver e promover a educação para os meios, a fim de que, assim, a avalanche de hiperinformação não esmague o processo comunicativo.

Tomando como base a ideia de que as mídias digitais possibilitaram diferentes habilidades de leitura e trouxeram transformações culturais no fazer educacional, que exigem um refinamento cognitivo, podemos entender, portanto, que o uso dos múltiplos meios no conhecimento reforça a necessidade de vigilância e a conscientização tanto para os professores quanto para os alunos. Por isso, utilizar a tecnologia não basta. É necessário compreender e também investir na criação tecnológica aliada à educação, o que nos retoma o pensamento de Régis (2009, p. 13) quando a pesquisadora elucida a importância de que "os dispositivos técnicos atuam de forma dinâmica e complexa no processo cognitivo".

Partindo do exposto, desconfiamos que as informações ganhem, em certa medida, vida própria, agenciando afetos e modos de vida, devido ao cotidiano midiatizado. Segundo Muniz Sodré (2002) relata, a hipertrofia da informação acaba por promover um desaparecimento da cultura e segue alimentando banco de dados ou informações, que se apropriam do tempo do Outro, causando efeitos sinestésicos. Sendo assim, o processo "cognitivo" e o "sensível" não seriam códigos sensibilizadores da educação, já que a circulação comunicacional (isto é, a produção, a distribuição e o consumo de informação) se relaciona diretamente com os temas midiatizados no que tange à cidadania e a própria questão dos vínculos? Não estaria uma boa parcela da sociedade à margem dessa nova ambiência sociotécnica e sem capacidade de absorver, digerir e produzir conhecimento? Nesses vieses de pensamento, questionamos: há, a partir das pautas produzidas por uma mídia hegemônica, não há um reforço no discurso de um Estado sucateado com políticas públicas fracas e com uma educação pública precária?

O pensamento de Sodré (2002) nos ajuda a refletir como esses processos podem afetar a comunicação tanto na parte cognitiva quanto por meio de artifícios ideológicos sensíveis, que mercantilizam saberes produzindo bens/valores simbólicos, além de neutralizar vozes e construir opinião pública com ausência comunitária, tendo por consequência, implicações para o processo da construção da capacidade de educar para os diversos meios.

Assim, a relevância deste capítulo está na abordagem de como a leitura crítica e o letramento podem agir como brechas contra-hegemônicas,[15] permitindo que consigamos, por meio da educação, integrar pessoas às margens da sociedade civil. A

[15] Conceito depreendido a partir da ideia de hegemonia gramsciana.

tentativa é evitarmos a captura do sujeito pelo sistema capitalista tanto pelos aspectos emocionais (sensível) como por meios econômicos, sociais e políticos. Paulo Freire (2000) também contribui para esta reflexão ao apontar a importância da vigilância em torno das tecnologias na educação no sentido de que a tecnologia não seja uma imposição da globalização e do capital em relação aos países com menos recursos financeiros, considerados menos "favorecidos". O filósofo da educação reforça a necessidade de "[...] uma ética a serviço das gentes de sua vocação ontológica, a do ser mais, e não de uma ética estreita e malvada, como a do lucro, a do mercado [...]" (FREIRE, 2000, p. 101-102). Assim, depreende-se que a importância do olhar comunicacional em torno da educação é uma tentativa propositiva de torná-la transformadora nas estruturas sociais.

2.3 ESTRATÉGIAS NA EDUCAÇÃO

Acredita-se que a educação é capaz de estimular novas práticas comunicacionais. Por isso, partiremos em busca de construir um trabalho em favor do tempo lúdico e do sensível, que possibilite sonhos e imaginação, e que o mundo contemporâneo extirpa em nome da produtividade e da eficiência. Desejamos retomar o valor que a educação vem socialmente perdendo. Isso nos leva ao texto de Walter Benjamin (1984), no qual o autor repensa a dimensão da vida na qual cabe o sonho. Podemos, assim, supor que a crise na educação pode ser uma crise da pedagogia cognitiva, e por isso nostálgica, como sugerimos no início do nosso trabalho, pois traz à tona a questão do sujeito e a preocupação crítica em torno da sua subjetividade.

O ponto de partida desta investigação é observar como a forma tecnológica chega ao cidadão comum e provoca mutação na relação com os saberes, colocando em xeque a educação tradicional ou introduzindo no ensino tradicional as plataformas multimídias. O campo da educação está permeado de novos questionamentos e necessidades cognitivas, que redimensionam a cultura, os diferentes modos de socialização e as novas experiências de educar para múltiplos meios com conteúdos interativos. Nesse aspecto, é crucial questionarmos: a educação é utilizada como uma ferramenta para o aprimoramento do sujeito em relação ao mercado?

Em uma palestra no Fórum Econômico Mundial[16] (FEM), o bilionário Jack Ma defende a transformação na maneira como educamos os jovens. Como saída para modernizarmos o pensamento transmissionista do conhecimento, é preciso "redescrever" um novo modelo educacional para romper barreiras que o avanço dos robôs e da inteligência artificial impõe ao modo como operamos o fazer educacional. Isso nos leva ao pensamento de Sodré (2002, p. 114), no qual o autor relata que a transmissão do conhecimento é uma precondição do processo educacional. Porém, educar é comunicar, e isso demanda laço atrativo, uma tradição de costumes, saberes e *ethos.*

Contudo, ao promovermos, a partir da experiência tecnológica educacional, a possibilidade de recolocarmos a educação no lugar que promova a transformação, poderíamos observar mudanças na sociedade. Embasaremos a análise nos pressupostos teóricos de Bauman (2001), que retrata em sua obra uma série de mudanças que impactam na transformação do cotidiano e nas questões sociais com o conceito de modernidade líquida. O autor discorre sobre as mudanças de paradigmas que não somente se dissolveram, como deram lugar às novas formas de manutenção do mundo. Nesse bojo, percebemos que a narrativa tecnológica ganha espaço como dispositivo em potencial no campo do saber, e a educação tradicional passa pelo processo de sucateamento no mundo cada vez mais *touchscreen*.

Tomaremos como mote a ênfase de autores como Benjamin (1984), Adorno e Horkheimer (1985) e Richard Rorty (1989) sobre a importância de reativar a imaginação, que foi perdida no Iluminismo, pois é por ela que podemos redescobrir, e não inventar, a sensibilidade. Essa perspectiva favorece para refletirmos, como afirma Paulo Ghiraldelli (2006, p. 38), sobre a necessidade de repensarmos a maneira como a pedagogia tradicional, "vinculada ao humanismo[17] e ao paradigma do trabalho, contraria o tecnicismo pedagógico, que possui a intenção de dar fim a um pensamento complexo sobre a educação". Segundo a perspectiva de Ghiraldelli (2006), existia uma

[16] Ver mais em Portal Época Negócios. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Forum-Economico-Mundial/noticia/2018/01/jack-ma-precisamos-mudar-forma-de-ensinar-e-aprender.html>. Acesso em: 3 jun. 2018.

[17] Para o autor, a crise da educação é a crise do Humanismo, pois a deslegitimação e a epistemologia das Intuições de ensino fazem parte de uma crise do Humanismo. O Humanismo pode ser definido como um conjunto de ideais e princípios que valorizam as ações humanas e valores morais (respeito, justiça, honra, amor, liberdade, solidariedade etc.). Para os humanistas, os seres humanos são os responsáveis pela criação e desenvolvimento desses valores. Dessa forma, o pensamento humanista entra em contradição com o pensamento religioso que afirma que Deus é o criador destes valores. Ver mais no portal Sua Pesquisa. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/o_que_e/humanismo.htm>. Acesso em: 10 jul. 2018.

preocupação por parte de Rorty, filósofo adepto do neopragmatismo, em atingir e ampliar a sensibilidade e se, de fato, ela fosse aumentada, tornaria mais difícil marginalizar as pessoas diferentes, sendo um incentivo à solidariedade humana. Para Rorty (1989), esse processo seria alcançado via educação.

Desse modo, interessa-nos entender a possibilidade da educação pelo viés do neopragmatismo rortyano, pois este propõe uma substituição do modelo representacional do conhecimento por um comunicacional, no qual o intersubjetivo ocupa o lugar da objetividade da experiência. Para o autor, só é possível atingir uma democracia capitalista se abandonarmos as ideias universais em favor das locais. Suas implicações com relação à educação estão na descrença da construção de estratégias que possam superar a sociedade capitalista. Dessa forma, o autor propõe refinarmo-nos no campo da sociabilidade, que é regida por esse capital.

> A imaginação, em Rorty, aumenta a sensibilidade; a imaginação, em Adorno e Horkheimer, talvez a restitua, ainda que negativamente, de modo a nos libertar da condição divina em que nos metemos – a condição de quem se livrou dos sentidos e se tornou imune à dor – principalmente com a modernidade e, mais ainda, com o mundo contemporâneo (GHIRALDELLI, 1989, p. 35).

Com a chegada de novas modalidades, é possível um maior acesso de conteúdo, de exposição à informação e de engajamento. Estabelece-se uma cognição baseada na tatilidade e no hiperestímulo sensorial provocados por uma nova configuração urbana (SINGER, 2004) inclusive. Porém, esse ambiente de ampla escolha, possibilitado pela internet, na medida em que pode aumentar o consumo de informação, também dificulta a seleção de fontes confiáveis. Por isso, acreditamos que a educação não pode ser desconectada desse espaço, mas este deverá ser democratizante.

A crise da pedagogia está na mudança do saber tradicional curricular e na maturidade para se envolver com grupos de alunos que questionam o que aprendem, como aprendem e que buscam produzir seus conhecimentos com autonomia. Sendo assim, pensamos que uma "educação social" seja aquela que emancipa e estimula processos cognitivos mais proativos e inclusivos.

Por consequência, observamos como a crise pedagógica favorece o aumento de injustiças sociocognitivas, pois "demanda múltiplas competências: computacional,

comunicacional, multimídia; informacional" (CANI, 2015, p. 3)[18]. É nesse hiato que emergem nossas reflexões acerca desse sujeito como consumidor. Trata-se de estratégias sensíveis e cognitivas, que atuam e operam em códigos, os quais não promovem a compreensão da dimensão da sociedade e que participam do todo espetacular. "Preconiza-se que esse novo formato da instituição escolar contemporânea, a partir das convergências das mídias, lidere um saber criativo que possa contribuir para um aprendizado colaborativo com uso de ferramentas em redes" (JENKINS, 2008, p. 35). Desse modo, o uso e o entendimento da tecnologia, quando bem empregados, podem gerar a oportunidade de desenvolver novas habilidades e competências além de incluir o direito do cidadão de ser ativo no mundo digital.

A teoria de Guy Debord (1997) sobre a sociedade do espetáculo nos ajuda a entender como é possível essas manobras serem dominantes. Por isso, propomos uma crítica à sociedade dominada pela mercadoria e pelo consumo educacional. Relacionar a sociedade do espetáculo às manobras educacionais de mercado nos permitirá entender também a perspectiva da disseminação ideológica, que existe nos discursos em que se formata uma educação de excelência, pela linha do consumo, numa lógica de "mais valia"[19]. A educação, enquanto ato de consumo, é entendida como bem de serviço. É uma questão que deve ser refletida pelo fato de, por muitas vezes gerar, uma ilusão emancipatória do cidadão. Dessa forma, traz uma sensação de triunfo com um ato libertário e atuante na sociedade. Para Debord (1997), são ações como essas, que direcionam a consolidação do espetáculo, quando o fazer educacional surge com aparência de Instituição voltada para conteúdos técnicos e culturais. Isso nos faz ativar uma máquina de adaptação cognitiva ao assujeitamento requerido pelo modo de produção dominante como relata Sodré (2012, p. 81).

Com a entrada da tecnologia, o sentido da educação e o seu valor mudaram, pois, ainda que, estejamos submersos na era do toque na tela sensível, a tecnologia apenas toca a educação, mas, em muitos casos, não atravessa o sujeito. É nesse viés que

[18] A autora explica que a competência computacional se refere aos conhecimentos básicos para o uso do computador, enquanto que a competência comunicacional se refere à expressão oral, gestual e escrita diferenciada presente na comunicação digital, como nas redes sociais, por exemplo. Quanto à competência multimídia, ela está relacionada à utilização eficaz de diferentes tipos de mídias disponíveis e à compreensão dos textos digitais como as páginas da *web*. E, por fim, a competência informacional se refere à busca, avaliação e utilização consciente das informações disponíveis em situações como o conhecimento de *sites* de busca, os procedimentos seguros para *downloads*, os critérios de seleção dos *chats*, os juízos de valor para exame e a seleção das informações (CANI, 2015).

[19] Mais-valia é o termo usado para designar a disparidade entre o salário pago e o valor do trabalho produzido. O problema está na questão de que a educação não é produção industrial e traz consequências negativas para o fazer educacional.

se dão os desafios e as problemáticas encontrados nos processos educacionais. Como demonstram os dados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA) de 2016, 55% dos alunos no terceiro ano do Ensino Fundamental não têm aprendizagem adequada em relação à leitura. E, de modo geral, quanto mais baixo o nível socioeconômico, pior o desempenho escolar[20]. O uso da tecnologia educativa encontra barreiras sociais e cognitivas. Esses obstáculos podem ser observados: 1) o docente em relação à sua adequação a essa forma de educar; 2) a virada da figura do aluno como protagonista; e 3) a questão interacional dos envolvidos com o suporte tecnológico, das novas formas de operar saberes, bem como a reconstrução do ato pedagógico e do próprio aprendizado colaborativo.

Por outro lado, além da perspectiva crítica e pessimista, é preciso também encarar o lado benéfico da tecnologia em relação à chegada das plataformas comunicacionais na educação, para não cairmos na armadilha limitadora do maniqueísmo. Quando pensamos na capacidade formativa da educação proposta por Muniz Sodré (2012), na qual é necessária a reinterpretação da educação e de seu fluxo transumante, podemos desconfiar da possibilidade de as múltiplas plataformas potencializarem a capacidade da educação e viabilizarem a reflexão e a relação do cotidiano à realidade social. A interface do saber com as plataformas comunicacionais retoma o papel fundamental da educação como um objeto comunicacional, que inclui a tecnologia na construção da cidadania.

Como exposto neste capítulo, passamos também a observar, em certa medida, que ocorreu o aumento do consumo da oferta de informação. Isso possibilitou o surgimento de produtores de informação devido às possibilidades de participação *online* e redes sociais entre outros. Há uma nova dimensão de participação do processo de produção, que acaba por incorporar lógicas dos processos midiáticos. A mediação do cotidiano está fundamentada em várias esferas do acesso ao conhecimento: escola, família e política. Houve mudança do lugar de fala do professor, que antes era mais institucionalizado e verticalizado, e a reboque das organizações multinacionais e empresarias que passam, também, por um processo midiatizante.

Nesse sentindo, iremos entender as implicações que o processo comunicativo reverbera na educação. Sodré (2002) nos ressalta a importância de olharmos para o

[20] Ver mais em Portal Época Negócios. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/colunas/noticia/2018/06/educacao-no-brasil-e-uma-maquina-de-exclusao.html>. Acesso em: 3 jun. 2018.

sujeito que está dentro do universo dos meios e como ele pode ser excluído ou incluído. Porém, quando o sujeito possui hábitos e costumes, ele atinge a *héxis* educativa e começa a agir pelo seu próprio desejo e pode construir leitura crítica da sociedade.

Por essa razão, a intenção é perceber as ações pedagógicas em escolas públicas, a começar pela experiência no programa NAVE/RJ (Escola Estadual José Leite Lopes), a partir do diálogo com os alunos, para tentarmos entender como se daria a transformação da educação por meio das tecnologias digitais não restrita a um verniz de expressão democratizante. Isso é importante para este estudo, porque entendemos como democracia o processo de formação cognitiva, assim como o retorno desse investimento multiplicado no espaço da cultura. Entendemos, também, à luz de Almeida e Mahoney (2004, p. 198), que,

> [...] à medida que se desenvolvem cognitivamente, as necessidades afetivas da criança tornam-se mais exigentes. Por conseguinte, passar afeto inclui não apenas beijar, abraçar, mas também conhecer, ouvir, conversar, admirar a criança. Conforme a idade da criança, faz-se mister ultrapassar os limites do afeto epidérmico, exercendo uma ação mais cognitiva no nível, por exemplo, da linguagem.

Podemos concluir que o afeto e o cognitivo possuem papéis centrais na economia contemporânea e não podem ser mais controlados pelas formas de disciplina desenvolvidas na era da sociedade fabril. Seria a escola o lugar para permitir essa relação de reflexão e mediação sociocultural, um exercício de cidadania?

2.4 A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA EDUCAÇÃO

O olhar comunicacional seria outra perspectiva, a fim de que se entenda que, ao investir na mudança educacional, é preciso consciência dos indivíduos nesse processo, para que, assim, possa ser possível exercer novos papéis na sociedade e tornar as estruturas sociais cambiantes. Para István Mészáros (2008, p. 47), “romper com a lógica do capital na área de educação equivale, portanto, a substituir as formas onipresentes e profundamente enraizadas de internalização mistificadora por uma alternativa concreta abrangente”. Desse modo, educar com afeto e ludicidade pode contribuir, em certa medida, para acessarmos uma concepção de sociedade comunitária.

Nesse sentido, é essencial repensar as reconfigurações nas relações de sociabilidade, que provocam deslocamentos cognitivos e institucionais, e exigem novos

dispositivos de produção e apropriação do conhecimento a partir da interface, que enlaça vínculos afetivos, não provoque apagamento do outro e propicie conhecimento para diversidade. Nessa linha de pensamento, Castells (2012) relata a importância em potencializar o saber como dispositivo da cidadania e utilizar a tecnologia como caminho para abrir espaços, a fim de reelaborar e modificar as hierarquias epistêmicas contemporâneas, e, desse modo, diminuir injustiças cognitivas, que privilegiam a relevância da tecnologia sobre o saber e direcionam a criação de novos vínculos e identidades.

Já o pesquisador e filósofo Paulo Freire (1996) reforça a importância em ressignificarmos conteúdos escolares buscando uma relação com a experiência e a criatividade nas diferentes formas de interpretarmos e nos apropriarmos da informação cotidiana, restaurando, assim, o fator lúdico no aprendizado. Esse fenômeno comunicacional, que reverbera na educação baseada em sistemas complexos, redefine também estruturas outras como o Estado, o fazer político, a cidadania, a relação com novas formas de trabalho e a própria configuração da cidade.

São pautas que propiciam muitas informações. Por isso, necessitam da inteligência colaborativa, pois afetam o cotidiano, a exemplo da educação. Ao trazer o mundo para dentro da escola, trazemos também ideologias, instituições, disputas e poder. É exigido do aluno um envolvimento com atividades complexas, tomadas de decisões e avaliações de resultados além da necessidade de serem criativos e inovadores. Diante de todo o exposto, percebemos mudanças nas formas sociais e na produção de mensagem, em que o afeto desponta no cenário como insumo necessário para as formas vinculativas. Por isso, necessita-se estabelecer metas e soluções no fazer, que envolvam a ética e a moral, contemplando a inserção do indivíduo na estrutura social, para, então, configurar o direito efetivo com a existência do comum via processo educativo.

Essa ideia retoma o pensamento de Michel Mafessoli (2013) ao trazer a importância do processo de interação e do conhecimento à vida na comunidade pelo cotidiano. Seria o que autor narra como um “enraizamento dinâmico”: a pertença comunitária com a abertura à experiência das diferenças. A subjetividade é um meio difícil de quantificar. Todavia, com o uso de tecnologias educativas afetivas, é possível atravessar a educação verticalizada e transmissionista, para conseguirmos atingir a produção do comum, que vai para além de códigos linguísticos e informacionais (SODRÉ, 2015).

Ao investirmos na educação com afeto, supomos tangenciarmos os fenômenos sociais, acessando meandros da sociedade ainda não alcançados. Isso amplia a relação com o tempo, o território e os processos comunicantes. É abandonar a função da tecnologia como um recurso de um espelho retrovisor, a fim de nortear processos de mudança com eficácia para a educação. Apostamos que, ao redescrever a educação a partir do lúdico[21] e do processo criativo na modernidade, realocamos o corpo à percepção, o que promove um entendimento melhor das informações sensoriais a que estamos submetidos.

> Para haver aprendizagem, deve haver troca, e para haver troca, essa troca deve ser permeada de afeto. Precisamos não só ensinar o currículo, mas ensinar a amar, a ter empatia com o outro, e isso só se dá através do afeto e da afetividade. Para isso, precisamos da família e do lúdico, pois é através do lúdico que podemos ensinar com afeto (DE PAULA; FARIA, 2010, p. 187).

No capítulo seguinte, verificaremos, a partir da pesquisa de campo nas escolas, como a tecnologia aplicada de forma propositiva na educação poderia deixar de ser uma mera ferramenta e poderia atuar como dispositivo, enquanto um agente no processo cognitivo, assim como a necessidade de trabalhar com o lúdico seria uma possibilidade para refinar outras habilidades. A autora Letícia Perani (2007, p. 6) contribui com a nossa pesquisa ao articular o processo fundamental do lúdico:

> A construção de uma experiência estética, vivenciada de forma diferente do dia a dia, a partir de uma 'separação' espaço-temporal que nos traz a necessidade de assimilação das regras de funcionamento desse verdadeiro universo paralelo constituído nos domínios do jogo. Esta vivência proativa proporcionada pelo lúdico pode implicar a exploração, apropriação e/ou ressignificação de hábitos, habilidades e informações, o que pode ser útil para a apreensão de novas ideias pelos indivíduos que participam destas atividades, não só como realizadores da ação, mas também como seus espectadores, abrindo enormes possibilidades para o ativismo político [...].

Henri Wallon (1999) também norteia nosso pensamento, pois possui interesse em entender o desenvolvimento humano. Segundo o autor, para humanizar as atividades, é preciso passar pelo lúdico. Nesse sentido, é importante a oportunidade de brincar mais e assumir a dimensão da vida. Assim sendo,

[21] Entendemos como lúdico o processo pedagógico que favoreça a relação de construção do conhecimento por parte da criança, para estimular a formação de questionamentos e de desenvolvimento integral e que possam também trabalhar com conteúdos curriculares.

> a evolução afetiva está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, visto que difere sobremaneira entre uma criança e um adulto, supondo-se, a partir disto, que há uma incorporação de construções de inteligência por ela, seguindo a tendência que possui para racionalizar-se (WALLON, 2003, p. 11).

A atividade escolar não é para ser penosa. É preciso depreender a imagem da escola com algo negativo, assumindo o papel da educação como um processo de aprendizado suave, através do lúdico que é inerente do ser brincante. A educação se faz com o grupo desde Platão, que demonstra como a recreação é fundamental ao pensamento. A criança é um ser social e ela aprende sobre o mundo quando brinca. Dessa forma, amplia as vivências e as decodifica a partir das experiências obtidas.

A relação do lúdico na educação reverbera na afetividade, pois a sua inserção no processo educativo pode contribuir para o refinamento do desenvolvimento cognitivo, assim como para os processos de socialização. Porém, no bojo da atividade lúdica, existem duas três perspectivas que conduzem: a afetividade, o autoconhecimento e a valorização do Outro dentro da atividade. Por um lado, os exercícios da criatividade são como aspectos motivadores, para atingir metas e sugerir finalizações dos processos, que podem trazer aspectos motivacionais como a alegria e o humor.

Na contrapartida, esses jovens, diante de tantas sensações, podem apresentar ansiedades e espírito competitivo desequilibrado, assim como necessidade de recompensas cada vez mais imediatas. As múltiplas estimulações sensoriais podem também levar ao tédio e irritabilidade, provocando a falta de estímulo a atividades menos sensoriais. Por isso, a importância do processo do prazer ser natural, e não construído pela cultura do entretenimento e do espetáculo.

Nesse aspecto, a figura do professor é essencial nesse processo, pois a ausência dos recursos materiais não deve impedir o fazer lúdico no cotidiano. É necessária a sistematização das atividades com finalidades para as metas serem alcançadas. Uma situação problema a partir da relação com o cotidiano, por exemplo, pode se tornar o mote para inicializar o processo de socialização do conhecimento de algum tema específico. Entendemos, a partir do pensamento de Freire (2005, p. 27), que

> aprender é um processo que pode deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente, que pode torná-lo mais e mais criador. Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, mais se constrói e desenvolve a curiosidade do educando, e essa curiosidade é despertada quando o aluno gosta da escola e sem sente bem em sala de aula.

Outro aspecto importante, que vale ressaltar, é a base curricular, que prioriza a disciplina de conteúdo e na qual lúdico é considerado espaço secundário. Gestores orientam os professores a darem *inputs* em atividades, que gerem dados estatísticos e promovam um retorno quantitativo do conhecimento para aquela comunidade. Existem várias oficinas pedagógicas voltadas para a expressão do desenvolvimento. Contudo, há um vácuo entre o que o currículo preconiza e o que ocorre nas escolas.

Faz-se primordial observar as questões que não passam pelo processo de construção comunitária do conhecimento. Aquelas não constroem coisas novas e apenas reproduz saberes instrumentalizados. O processo de construção passa pela reflexão do pensamento e do que devemos aproveitar para construir nosso novo olhar para a educação de forma que os processos comunicativos façam parte do epicentro do desenvolvimento humano. De que forma, o fazer educativo permeado pela ludicidade pode ser utilizado como um recurso concreto potencializador da prática pedagógica? O professor, de fato, pode pontecializar a prática do ensino a partir do uso de aparatos tecnológicos de forma lúdica? Seria possível identificar o que realmente modifica no letramento e na capacidade cognitiva quando a criança se envolve com aparatos tecnológicos? O que esse interesse no lúdico pode contribuir na vida do sujeito?

Desse modo, vemos, no sentido do lúdico na educação, uma possibilidade da experiência estética de descobertas por informações, uma forma de compreender o meio ambiente e o convívio social. Sendo assim, seria uma função cognitiva do lúdico a oportunidade da abertura de entender e apreender os múltiplos meios e inserir no sujeito habilidades corpóreas, assim como a memória e a atenção e o conhecimento sobre os objetos técnicos. Esse refinamento cognitivo nos permitirá entender o processo midiatizante, que exacerba na interação social através de processos cognitivos sensíveis, os quais vão para além do espaço espetacular. Ele nos permite propor meios alternativos às linguagens, nos redireciona à experiência do comum e abre brechas para ultrapassar os saberes hegemônicos.

Refletir sobre as novas concepções em torno das mudanças na subjetividade e o lugar que a educação ocupa nesse novo fazer sugere-nos uma busca pela possibilidade de superar o capital permeado na educação, pois é possível perceber como a educação foi institucionalizada, estimulou habilidades por meio do trabalho e, com isso, contribuiu com a expansão do capital.

No próximo capítulo, faremos o relato de pesquisa com o que observamos em campo e pudemos capturar. A oportunidade de visitar o Colégio Estadual José Leite

Lopes (CEJL), com o programa NAVE, e a Fundação Osório (FO) trouxeram experiências edificantes. O contato com a tradição e a inovação, e a possibilidade de observar a transição na escola ao dar voz ao aluno, que, com a mudança no paradigma educacional, passa a ser produtor, foram fatores que contribuíram de forma expressiva com o nosso trabalho. Outro ponto relevante foi notar o esforço das escolas em querer acertar tanto no trabalho de valorização do professor quanto na capacidade de tentar atender às novas demandas dos alunos. Foi incrível entender na prática como a educação promove esse processo de socialização e a comunicação torna comum o diálogo pelo conhecimento.

3 NOS MUROS DA ESCOLA

Nos capítulos anteriores, discorremos sobre o campo da educação e as necessidades de mudança a partir da chegada das tecnologias. Propomos um olhar decolonial para democratizar o conhecimento e, em seguida, trouxemos as discussões da nova configuração educacional a partir de parcerias público-privadas. Investigamos, também, como escolas que investem no ensino tradicional estão reconfigurando o ensino a partir das plataformas multimídia de ensino. Sendo assim, verificamos, ao longo da pesquisa, como o uso da tecnologia na educação poderia ser utilizado para melhorar o aprendizado do aluno e facilitar o dia a dia do discente.

Diante disso, descrevemos neste capítulo a experiência de ir a campo e visitar duas escolas com projetos pedagógicos diferentes, mas semelhantes na intenção de trazer para dentro do ensino a possibilidade de adquirir novas habilidades cognitivas, como promover a cidadania. Pensando nessa questão, organizei o relato desta pesquisa utilizando a primeira pessoa do singular não somente para tornar a leitura mais fluída, como também na tentativa de compartilhar de forma aproximativa a pesquisa desenvolvida. Procurei mostrar a rotina nas escolas, seus principais desafios e a maneira produtiva como a instituição insere a tecnologia no ensino. Para isso, utilizei nomes fictícios com o intuito de preservar os participantes. Com relação às entrevistas, coloquei-as no corpo do relato da observação participativa juntamente com o aporte teórico no intuito de seguir uma lógica na pesquisa e valorizar o tema que desconfiamos ser emergente. Colocamos, ainda, as imagens as quais tivemos acesso, no período de nossa visitação, no decorrer do texto, para, em alguma medida, possibilitar a imersão do leitor em nossas análises.

3.1 PARCERIA PÚBLICO-PRIVADA: NOVO MODELO DE GESTÃO

> “O relacionamento do sujeito humano com a realidade hoje passa necessariamente pela tecnologia, em especial as tecnologias da informação, em todos os seus modos de realização” (SODRÉ, 2012, p. 13).

O pensamento de Muniz Sodré (2012) norteia a proposta de nossa pesquisa, pois o autor nos leva a refletir os desafios em que a educação e todo o projeto pedagógico se

transformaram ao longo tempo. As mutações ocorreram não só pelas questões políticas e econômicas que vieram à tona com o neoliberalismo, mas também pela necessidade emergente de entendermos e nos apropriarmos das plataformas comunicacionais em prol da cidadania. O autor elucida, ao longo de sua obra, a importância de fazermos uma revisão das ideias tradicionais e o sentido da relação educativa, e convoca a uma redescrição interpretativa do processo educacional (SODRÉ, 2012, p. 14). Nesse sentido, ao longo da análise do objeto de estudo, buscou-se entender como se dá a produção do conhecimento nos dias atuais e como é esse novo formato de escola no século XXI.

Analisamos escolas que pudessem dividir a experiência de como foi ou ainda ocorre o processo de transformação no ensino a partir da inserção das tecnológicas da comunicação e da informação na educação. Tentamos entender a metodologia do que seria ensinar o mundo desde a imersão tecnológica aliada a espaços criativos com laboratórios estruturados, para darem suporte ao conhecimento, ou espaços lúdicos, bem como capturar a possibilidade de salvaguardar uma educação, que incorpore conhecimento e o afeto nos indivíduos. Este capítulo vai para além de um simples olhar nostálgico do processo educacional. Ele retrata o panorama geral de políticas educacionais e técnicas de duas escolas públicas, que apontam a educação para o futuro.

Utilizaremos como método a observação não estruturada, na qual o pesquisador apenas observa e registra sem procurar um comportamento específico. De acordo com Heraldo Viana (2003), há uma grande importância da capacidade de observar e de ser sensível para o detalhamento das pessoas, do contexto, da estrutura e dos objetos para pesquisa. Talvez, seja esse sentimento o mais desafiador. Ter o olhar fino para o objeto de estudo, que, na verdade, é o ator propiciador de descobertas, é quem abre para condições do aprendizado: o professor.

O método de olhar e descrever possíveis interações foi instigante pelo fato de provocar o espanto ao percorrer os meandros do processo do conhecimento, suas barreiras, conquistas e deficiências. As observações foram registradas a partir da visitação nas escolas. Durante a narrativa ao descrever as ações da escola e a visitação dos espaços, foram inseridas perguntas que pudessem destacar elementos significativos sem perder o foco de entender o processo educacional no contexto tecnológico. A gravação no momento da observação é um recurso importante, pois, conforme Nadir Zago (2003), permite um conforto ao pesquisador ao conduzir as questões e abrir ao entrevistado as inquietações da pesquisa.

Portanto, facilita na organização estrutural das informações, já que é possível escutar a gravação e fazer anotações mais detalhadas. Desse modo, ainda, relacionamos os fatos observados com teorias, para dar um aporte teórico não somente para tornar a leitura mais interessante, mas também pelo encantamento com a experiência vivenciada. A oportunidade de observar na prática pensamentos de grandes teóricos, tanto do campo da comunicação como na educação, foi extremamente enriquecedora.

Vale ressaltar que não houve a tentativa de justificar os dados observados e coletados na teoria. Esse processo foi um ganho positivo, pois a prática foi costurada à pesquisa por contribuir com a oportunidade de acessar novos conhecimentos e romper com paradigmas preconcebidos em torno da tecnologia. Foi possível perceber, também, como o corpo é envolvido nas interações advindas desse contato com o *touch*.

Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar, de forma detalhada, as escolas, bem como o trabalho desenvolvido pelos professores, coordenadores e gestores. No decorrer do texto, exponho as razões que motivaram a escolha das escolas, como também as limitações, as possibilidades e os conflitos encontrados nesta investigação. Embasaremos nossa pesquisa em autores como Paulo Freire (1997), que contribui para a autonomia crítica dos alunos enfatizando o educando como sujeito social e histórico, e explica a importância em se educar para a vida; e Muniz Sodré (2012), que nos direciona ao pensamento decolonial da educação e reforça a importância em não dissociar a teoria do conhecimento da teoria da sociedade.

Castells (2005) é outro autor muito importante em nossa pesquisa por retratar como a revolução tecnológica da informação penetra a esfera da economia, da cultura e da sociedade. Porém, ressalta que a tecnologia não determina a sociedade e que, por intermédio de instituições e do próprio Estado, podemos impedir ou utilizá-la para desenvolver-se. Foucault (2008) também retoma uma perspectiva bem interessante ao fazer crítica ao neoliberalismo e apresentar o investimento educacional como um princípio da biopolítica e da constituição do humano: o capital humano. Por fim, o psicanalista inglês Donald W. Winnicott (1975) aponta a relevância do lúdico para favorecer nas atividades cognitivas. O autor entende o brincar em si como um objeto de estudo, que não se resume às crianças e se estende aos adultos.

3.1.1 **Construindo o caminho da pesquisa**

O tempo e o tamanho da amostra que poderiam compor a pesquisa no trabalho de campo foram uma situação problema. Esbarramos na dificuldade burocrática da autorização para entrar na escola e desenvolver a pesquisa com o envolvimento nas oficinas, assim como entrevistar grupos utilizando como método a observação participante. Entretanto, a dificuldade inicial levou-nos a refletir sobre a confiança que os dados coletados poderiam gerar ou não a partir do olhar investigativo. Quando o pedido de visita ao CEJL, no bairro da Tijuca na cidade do Rio de Janeiro, foi aceito e ao iniciar a pesquisa de campo, pude notar que a experiência vivenciada na visita teve um critério de qualidade valoroso. As informações ricas em detalhes demonstram os pontos fracos e os pontos fortes da instituição. A representante educacional do programa NAVE nos recebeu de forma acolhedora, o que contribuiu para a experiência como pesquisadora e para busca do método, que pudesse escavar conhecimentos interessantes do nosso objeto de pesquisa. A pesquisadora Cicilia Peruzo (2016, p. 19, grifos da autora) traz apontamentos que contribuem para os aspectos metodológicos da pesquisa.

> [...] O pesquisador, ou a pesquisadora, tem um papel central nesse tipo de pesquisa, pois os resultados dependem de sua capacidade de atuação, condução da pesquisa, registro, percepção e de análise. Suas atitudes de observador (LOPES DE CEBALLOS, 1998, p. 117-124) e de observador por participação serão mais bem-sucedidas se ele desenvolver boa *perceptividade* (para perceber as coisas e estar interessado nelas, prestar atenção, documentar-se); *respeito* (simpatia respeitosa, compreensão, tolerância, paciência, discrição, lealdade); e *imparcialidade* (tentar ser o menos parcial possível, estar atento a erros e distorções, não dar importância demasiada a um feito ou opinião sem verificar o impacto real).[22]

Desse modo, portanto, a análise tomou proporções relevantes pela qualidade de informações obtidas, sanando a angústia inicial de não estar inserida em atividades junto aos alunos. Sendo assim, deslocaremos o nosso olhar para a gestão de professores e coordenadores através da observação de oficinas desenvolvidas em rede, que trabalham

[22] Trabalho apresentado na Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação no XXV Encontro Anual da Compós, ocorrido na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, de 7 a 10 de junho de 2016. Ver mais em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/epistemologiaem%C3%A9tododapesquisa-a%C3%A7%C3%A3o...ciciliaperuzzo.modelocompos2016._3270.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

para a capacitação da mudança educacional dentro do CJLL. Por isso, o trabalho de campo será refinado constantemente para perceber contrastes nos ambientes diferentes das escolas e no suporte que os professores recebem da gestão. Para a análise, utilizarei registro do diário de campo, gravações, vídeos e informações das redes sociais, bem como matérias que tenham sido veiculadas a respeito das escolas analisadas à luz do referencial teórico escolhido.

3.1.2 **Mapeando o objeto**

A pesquisa foi realizada no Colégio Estadual José Leite Lopes (CEJL), situado na rua Uruguai, um logradouro de um bairro da zona norte (Tijuca) na cidade do Rio de Janeiro. O sítio recebe esse nome em homenagem à República Oriental do Uruguai (1856).[23] É uma importante rua, que tem início no bairro do Andaraí e liga os bairros Vila Isabel e Alto da Boa Vista. É a principal via de acesso aos bairros Grajaú e Andaraí na Tijuca. O bairro da Tijuca é um dos bairros mais antigos em urbanização e tradicionais da zona norte.

Figura 1: Mapa do bairro da Tijuca

Fonte: *Google Maps*.[24]

[23] Ver *site* disponível em: <https://www.oriodejaneiro.com/tijuca-htm/>. Acesso em: 26 ago. 2018.
[24] Ver *site Google maps.*

A rua possui um expressivo comércio, clínicas, hospitais, faculdades, escolas e acesso às linhas de ônibus e estação de metrô. Outro ponto importante a ressaltar é o polo educacional de qualidade forte no bairro da Tijuca: Colégio Pedro II, Colégio Militar e Instituto de Educação, assim como tradicionais clubes e escola de samba, que arrefecem o bairro como polo cultural. A arquitetura é outro aspecto relevante, pois conta com a presença de construções históricas como igrejas, antigas residências e estabelecimentos muito importantes para a cidade e para a educação. Grandes institutos recebiam filhos de nobres. Atualmente, as escolas atendem a toda comunidade.

Entretanto, o bairro, desde os anos 1990, vem sendo palco crescente de criminalidade e com muito contraste social entre os bairros e as favelas, como Borel e Salgueiro. Dados do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[25] de 2010 informam que o bairro é composto de mais mulheres (92.240) do que homens (71.565) e que a população, em sua maioria, é de idosos e possui, no total, 163.805 habitantes.

O CEJL ocupa uma área de 4.000 m^2 junto com o prédio da antiga telefonia, que foi revitalizado para o programa Nave. A empresa Ateliê Oficina de Arquitetos foi a responsável por dar o conceito na arquitetura do projeto. Essa mesma empresa foi quem planejou a estrutura no Centro de Ensino Experimental Cícero Dias (AU 151), concluído em 2006, em Recife, PE:

> [...] O local, em meio a um trecho densamente ocupado do bairro da Tijuca, compunha-se de um bloco com dois edifícios preexistentes, onde já funcionava o Centro de Distribuição de Linhas Telefônicas da Oi. Apesar da escola, o setor deveria ser mantido no local, o que impôs aos arquitetos o desafio de conciliar dois usos aparentemente incompatíveis: o extenso programa escolar e as áreas técnicas e operacionais da empresa de telefonia.[26]

Outro aspecto que chama atenção é o painel de 18 x 18 m na fachada, que serve de intervenção urbana e foi colocado no edifício que já existia da telefonia. A arte exposta pode ser sempre substituída. Além desse aspecto da arquitetura moderna, é interessante notar que, na fachada branca do Colégio, existe aço escovado na arquitetura do prédio, que comporta a parte técnica da escola, compõe e transmite a sensação do

---

[25] Ver *site* Censo IBGE Disponível em: <http://populacao.net.br/populacao-rio-de-janeiro_rj.html>. Acesso em: 26 ago. 2018.

[26] Ver *site*. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/index.php/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 29 ago. 2018.

antigo e do moderno em suas estruturas. Vale ressaltar que houve a preocupação com acessibilidade. Com isso, o prédio conta com três elevadores.

Figura 2: Painel 18 x 18 m – intervenção urbana

Fonte: *Site* oficina de arquitetos.[27]

A fachada do Programa Nave fica na entrada do lado esquerdo do prédio do Colégio. O horário de funcionamento é de tempo integral: das 7 às 18 h de segunda a sexta-feira.

[27] Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-37561/escola-nave-oficina-de-arquitetos/37561_43623>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Figura 3: Fachada revitalizada do prédio da telefonia

Fonte: *Site* Oi Futuro – fotógrafo Américo Vermelho.[28]

O prédio da antiga telefonia Oi é de alvenaria com quatro pavimentos. A fachada do Colégio é de cor branco gelo e com grades também brancas. É possível ver da calçada a parte interna do estacionamento. O portão de entrada para pedestres é eletrônico. O visitante é identificado pelo porteiro, funcionário da Oi futuro, que é quem faz contato com a área de destino a ser visitada.

[28] Ver mais no *site* Oi Futuro. Disponível em: <https://oifuturo.org.br/programas/nave/>. Acesso em: 29 ago. 2018.

Figura 4: Imagem da fachada do Colégio Estadual

Fonte: *Facebook* Nave.[29]

Ao adentrar o Colégio e me identificar ao porteiro, fiquei aguardando no pátio a representante educacional do Programa Nave, para começar a visita que estava marcada para as oito horas da manhã, mas ainda eram 7h30. Enquanto aguardava, observei a estrutura física da escola e o prédio revitalizado da telefonia. A divisão entre o público e privado remeteu ao pensamento do arquiteto grego Stravos Stavrides (2016) sobre o seu conceito de "espaço comum", que não é público nem privado, mas compartilhado.

Parte de demandas coletivas é originada de maneira plural e o mais horizontalmente possível, que visa à conquista e à garantia dos direitos urbanos. Traz à discussão uma comparação entre o conceito de bem comum, com base na ideia de uma comunidade, e de público. A comunidade refere-se a uma entidade, principalmente a um grupo homogêneo de pessoas, enquanto a ideia do público enfatiza a relação entre diferentes comunidades. O domínio público pode ser considerado como o espaço real ou virtual onde estranhos e diferentes pessoas ou grupos com formas de vida divergentes podem se encontrar.

Em seguida, chegou a representante educacional, cujo nome fictício é Márcia, para iniciar a nossa visita guiada. Márcia é também professora contratada pela empresa Oi, que está há menos de um ano na instituição. É a profissional de ligação com a qual mantivemos contato após algumas trocas de mensagens via *e-mail*, e rearranjos de agendas para fazer o *tour* pela escola como visitante. A educadora, muito carismática,

[29] Ver mais em rede social Facebook Nave RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 29 ago. 2018.

demonstra satisfação em falar do trabalho executado no programa, assim como a realização profissional no ambiente onde trabalha.

No percurso, para iniciarmos a visita guiada, encontramos alunos que a cumprimentavam. Às vezes, ela falava com algumas pessoas específicas dando *feedback* de materiais que iriam chegar para dar suporte a algum evento que iria ocorrer na semana. Iniciamos a nossa conversa já na subida para o primeiro pavimento da Escola.

Figura 5: Entrada do edifício escada, constituído de estrutura de aço revestido por uma camisa de placas de chapas de aço galvanizado[30]

Fonte: Ateliê oficina.

Ao me deparar com a estrutura de aço forte com escadas largas, perguntei como era a proposta-conceito do *designer* e do programa Nave, já que sua arquitetura era muito diferente da do prédio do CEJL, que possui um formato de caixote de alvenaria, onde fica o Colégio, uma vez que ocupam o mesmo espaço. Márcia explicou que a estrutura construída foi *"para separar os dois ambientes e passar um pouco de 'linguagem digital' dentro do prédio"*. De fato, a construção passa uma proposta de "intervenção no conhecimento" a partir da própria arquitetura. Tive muita curiosidade sobre a criação do espaço e, por isso, busquei sítios, que pudessem explicar um pouco melhor a estrutura e suas divisões por pavimento.

[30] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Acessei a empresa de arquitetura Ateliê Oficina de Arquitetos, que fez o projeto da escola, com a autoria dos arquitetos Ana Paula Polizzo, Gustavo Martins e Marco Milazzo. O projeto demonstra a preocupação com a circulação da organização do programa e, por isso, dividiu a estrutura em pavimentos: no térreo, está instalada a central da Oi, e o 1º e o 2º pavimentos são onde ocorrem uma concentração maior do público e o acesso de alunos e funcionários da escola. Segundo trecho retirado da Revista AU Arquitetura e Urbanismo (2010, p. 1) descreve que

> [...] o primeiro pavimento foi reservado às áreas para atendimento, direção, sala de professores, refeitório, cozinha, serviço e manutenção. A 4,19 m de elevação em relação à entrada principal, este andar pode ser acessado também por uma rua lateral, onde estão entrada de serviço, área de carga e descarga e espaço para funcionários. [...] Subindo um nível, chega-se à área de laboratórios e ao auditório, que tem capacidade para 119 pessoas e é acompanhado por um espaço para exposições. Mais acima, no 3º e no 4º pavimentos, distribuem-se as salas de aula. Há ainda uma cobertura há ser ocupada por quadra poliesportiva e que, posteriormente, contará também com vestiários.[31]

A estrutura arquitetônica chama atenção para algo, que é novo e de fato desperta encantamento. O meu olhar foi todo direcionado e envolvido para essa estrutura nova. Só consegui observar o prédio antigo do Colégio no momento da minha entrada na escola. Buscava pichações nas paredes e nos muros, o que também despertou o interesse por não existirem nem na parte externa, nem na parte interna, pichações dos espaços. Tudo estava muito limpo e organizado. Logo em seguida, continuamos com o *tour* pelo Programa Nave, adentrando os pavimentos e podendo observar um pouco a dinâmica do lugar.

3.1.3 **Navegando no conhecimento**

Márcia iniciou a apresentação explicando a proposta do Programa, assim como a atuação que a parceria público-privada pretende alcançar na área da educação: aumentar a valorização da educação, reconhecer o trabalho dos professores e dar voz a todos os atores de comunidades escolares. Esses foram os pontos chaves de sua fala inicial. Para que eu pudesse entender o funcionamento técnico-docente, Márcia explicou que tanto a

[31] Ver *site* Portal Metálica Construção Civil. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/index.php/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 1º set. 2018.

equipe da Secretaria Escolar como a Direção são formadas por integrantes do Estado. O corpo docente é dividido entre professores do Estado e os contratados pelo Oi Futuro, que ministram as aulas técnicas em Roteiro, Mídia e Educação e Roteiro Multimídia.

O Programa NAVE funciona no Rio de Janeiro, no CEJL, há dez anos, completados em maio desse ano, e possui 432 alunos. Em Pernambuco, o Centro de Ensino Experimental da Escola Técnica Cícero Dias existe há 12 anos e atende a 500 alunos. Além dos anseios de inovar a educação, como relata Márcia, existe um trabalho, o qual ela informa ser de suma importância, que é a ideia de o Programa tornar-se um grande laboratório, que inspire e instrua os professores da rede e do Brasil. E para que a realização desse projeto fosse possível, foi lançado um *e-book* com 40 práticas pedagógicas; destas, 21 foram elaboradas pelo Nave RJ e outras 19 por Recife.

O *e-nave* é um *e-book* gratuito com práticas superinteressantes, no qual o professor não precisa ter a infraestrutura que o programa possui. Essa é a ideia a ser propagada de formação, sistematização e disseminação do conhecimento junto aos professores e gestores: capacitar os professores a partir de ferramentas que ele possui no seu ambiente de trabalho. A necessidade de se criarem práticas possíveis de serem executas em qualquer lugar surgiu a partir da visita de professores de outras escolas da rede, que ficaram encantados com o espaço físico e com a metodologia do trabalho, mas que não viam possibilidades de poder vivenciar as mesmas experiências em suas escolas.

Figura 6: *E-book* com 40 práticas pedagógicas

Fonte: *Site* Oi Futuro.[32]

Para uma compreensão melhor do guia prático, dito como "mão na massa", acessamos, após a visita, o *site* da Oi futuro, para verificar algumas características no *link* disponível no *site*: se era de fácil visualização e se o material interativo também era de fácil compreensão tecnológica. Ainda que haja vários grupos de professores que usem a tecnologia com mais rapidez e facilidade e optem por inseri-las em suas práticas, existem aqueles mais resistentes ao uso tecnológico no ensino, seja pela dificuldade do manuseio, seja por questões de paradigmas.

Entrei no *link* e o botão para acessar o *e-book* era de fácil visualização na arquitetura do *site*: *"para baixar o e-nave clique aqui"*. Baixei a ferramenta e naveguei. O material proposto é bem interessante, por não estar dividido por disciplinas, e pode ser reeditado conforme a necessidade pedagógica, assim como não é condicionado aos elementos sugeridos no *e-book*. Ele conta com a criatividade dos profissionais e dos educandos. No *site*, também, podemos observar que há um acordo técnico de cooperação com o Ministério da Educação (MEC), "para que o conteúdo do *e-Nave* fique disponível para educadores e escolas na Plataforma Integrada de Recursos Educacionais Digitais do MEC":

> Conceitos da física podem se tornar personagens de histórias em quadrinhos. A animação *stop-motion* é usada para representar os mitos egípcios, gregos e fenícios. Uma roda de *rap* é um evento permanente dentro do pátio da escola

[32] Ver mais no *site* Oi futuro. Disponível em: <http://oifuturo.org.br/e-nave/>. Acesso em: 1º set. 2018.

> para a disseminação da cultura negra. Computadores combinados com papelão, cola e tesouras criam máscaras para a reflexão sobre a condição humana. A poesia concreta e o pensamento de Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo são temas filosóficos debatidos ao lado das letras do *funk.* São estas algumas das 40 práticas educativas reunidas no *e-Nave*, o *e-book* que o Oi Futuro lançou para compartilhar o conhecimento desenvolvidos pelo NAVE (Núcleo Avançado em Educação) nos últimos 12 anos para a política pública em educação. Em linguagem acessível e de fácil entendimento e formato digital, o *e-NAVE* detalha experiências inovadoras criadas na Escola Técnica Estadual Cícero Dias, em Recife, e no Colégio Estadual José Leite Lopes, no Rio de Janeiro [...].[33]

Em seguida, por curiosidade, questionei o porquê do nome Oi Futuro. De maneira didática, Márcia explicou que o Oi futuro existe há 18 anos, como um braço social da telefonia, com a missão de democratizar o acesso ao conhecimento nas áreas de educação, cultura, inovação social e esporte, e essa proposta está presente em todo o território nacional. Foi em 2005 que iniciou o projeto em educação de forma experimental com a Escola Cícero Dias, em Pernambuco, atendendo a 200 jovens. Ao buscar no *site* a história do surgimento da *Oi Futuro*, pude observar no *link* uma linha do tempo explicativa de cada etapa da formação do instituto de inovação e criatividade como ilustra a imagem a seguir:

[33] Ver *site* Oi futuro. Disponível: <http://www.oifuturo.org.br/educacao/enave/>. Acesso em: 20 ago. 2018.

Figura 7: Linha do tempo Oi Futuro[34]

Fonte: *Site* Oi Futuro.

A equipe técnica da Oi Futuro é dividida entre: comunicação, educação, inovação social e cultura. As manutenções das instalações ficam por conta da Oi. Entretanto, o esforço para manter o ambiente saudável ocorre juntamente com um trabalho pedagógico com os alunos, para que a preservação do ambiente escolar seja consciente. Os banheiros, por exemplo, são limpos, organizados, iluminados e abastecidos com papel higiênico de boa qualidade, papel toalha e sabonete líquido com todas as torneiras e descargas funcionando em perfeito estado.

É um trabalho com atividades desafiadoras, pois propõe e convida aos alunos a todo o momento à colaboratividade, produção conjunta e que envolva parcerias deles com a escola. Percebe-se que há preocupação em se criar um senso de comunidade com envolvimento de alunos-professores-funcionários e com os responsáveis, para desenvolver um trabalho feito com ética, bondade e acolhimento. A organização na escola e o cuidado do aluno com seu espaço de convivência remeteram a ideia de afeto produzida por Foucault (1979), já que o autor entende a produção de afetos como

[34] Ver *site* Oi futuro. Disponível em: <http://www.oifuturo.org.br/educacao/enave/>. Acesso em: 1º set. 2018.

biopolíticos. Por isso, podem ser moldados ou estimulados para uma organização da vida coletiva.

> Se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber [...] O enraizamento do poder, as dificuldades que se enfrenta para se desprender dele vêm de todos esses vínculos (FOUCAULT, 1979, p. 86).

Por esses pequenos detalhes percebidos na entrada das instalações e da própria forma comportamental dos alunos pelos corredores e pelo entre e sai de salas, bem como a maneira como eles lidam com apropriação do espaço, pude perceber que há uma tentativa de mudança de paradigma na educação. A partir de acordos feitos entre a gestão da escola e os alunos, pode-se notar outra configuração de escola do século XXI. O foco principal e o protagonista são o aluno, o que altera o modelo de aprendizado ao qual estamos acostumados. A escola é de tempo integral e se preocupa em compartilhar o que há de melhor da cultura: um currículo forte em matérias técnicas como roteiro multimídia e na educação e mídia.

A metodologia de ensino que transparece não só pela narrativa de Márcia, mas também pelo observado no Colégio é que a escola traz uma proposta de ensinar para o mundo e que este está imerso em tecnologia. Aliados a isso, existem os espaços criativos da escola *make space*, os laboratórios e as salas de monitorias. São espaços do "mão na massa" do entendimento de cidadania e de participação social. Neles, é possível desenvolver competências e habilidades, que vão além da tecnologia, como trabalharem em equipe, resolverem problemas e serem críticos. Todavia, esse diálogo não foi sempre assim. Novas diretrizes e mudanças passaram a ser com base em acordos após a nova gestão em 2016.

Esta escuta da relação do uso dos espaços da escola com responsabilidade remeteu ao que Milton Santos (2000, p. 5) utiliza como território: o conjunto "indissociável do substrato físico, natural ou artificial, e mais o seu uso ou, em outras palavras, a base técnica e mais as práticas sociais, isto é, uma combinação de técnica e de política". Ou seja, é colocar o espaço educacional como um território usado com prática de afetos e de saberes e fazer dessa experiência uma ação concreta de ser no mundo. O que percebemos são os investimentos simbólicos nesse território educacional

como um processo histórico, fazendo, sentindo e reconhecendo os interesses do coletivo.

3.1.4 **Sob nova direção**

A escola passou a ter uma gestão democrática em 2016, conforme relata Márcia, após o movimento estudantil de ocupação na escola. Os alunos ocuparam o CEJL ainda que pertencesse ao principal projeto de educação do governo NAVE, que funciona em parceria com a telefonia. A justificativa para a adesão ao movimento de ocupação foi o sucateamento das escolas estaduais do Rio de Janeiro. Os estudantes fizeram um vídeo e postaram em rede social no dia 14 de abril de 2016 informando a ocupação na escola e seu apoio a todos os movimentos com mesmo ideal, conforme descrito no trecho do vídeo:[35]

> [...] por meio de uma assembleia democrática com voto da maioria, a gente decidiu ocupar o nosso colégio hoje. E a gente apoia qualquer outra ocupação que venha ter o mesmo ideal que a nossa, mais escolas ocupadas e mais escolas mostrando o apoio à educação do Rio de Janeiro.

Ainda que o Colégio tivesse condições, tanto na infraestrutura como também em recurso pedagógico para os alunos, o senso de comunidade do Colégio foi para além das suas próprias estruturas, a fim de atingir o comum – a educação de qualidade que deveria pertencer a todos os colégios. Isso nos remete à noção de comunidade. Para Ferdinand Tonnies (1987), um acordo de sentimento, de emoção. Na sociedade, esse acordo possui regras e convenções.

Observei, nos vídeos postados na página da ocupação do Colégio em 2016, que havia disputas de espaços dos estudantes, que eram a favor e outros contra a ocupação, assim como o medo e os desafios que o processo de desocupação gerou nos colégios ocupados no Rio de Janeiro. Entretanto, essa experiência, que permitiu a interpretação dos alunos na construção da sociedade educacional, foi construída através do sensível, do olhar a partir do Outro. Nesse sentido, Sodré (2002) entende que a comunicação se constitui como um elemento fundamental da organização do comum.

Utilizando as plataformas comunicacionais como um meio equalizador da criação do comum, entendemos, pelo conceito de *bios* midiático, que vivemos hoje uma

[35] Ver vídeo do Colégio Estadual José Leite sobre ocupações. Disponível em: <https://www.facebook.com/EscolasRJemLuta/videos/o-col%C3%A9gio-estadual-jos%C3%A9-leite-lopesnave-escola-modelo-da-seeduc-tamb%C3%A9m-foi-ocupa/1530832000556622/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

nova forma de vida, radicada nos negócios e feita de informação, espelhamento e novos costumes (SODRÉ, 2014). A partir do momento em que os valores construídos da realidade alteram processos de sociabilidade, pressupõe-se a educação como brecha para o entendimento ou descoberta do social, o lugar de encontro. Os laços afetivos corroboram para o comum e, na contramão, a hegemonia da mídia produz um estilhaçamento desse vínculo a partir do momento que assume o papel da relação virtualizada em seu repertório narrativo.

Partindo da perspectiva gramsciana, o conceito de hegemonia e sociedade civil[36] que Gramsci (1999) analisa, ocorre nas estruturas econômicas, políticas e sociais, além de agir sobre o modo do pensar, do conhecimento e das ideologias. O autor nos dá base para reconhecer a força que as plataformas comunicacionais produzem e as diversas formas de coerção utilizadas ao envolverem artifícios que mexem com o sensível. Para ele, os meios de comunicação não só possuem o intuito de satisfazer os anseios de determinada categoria, como também de criar e desenvolver necessidades, que resvalam para estruturas políticas e culturais e constroem um consenso comum.

Achei o fato curioso, por ser uma escola com iniciativa público-privada, com estrutura física de qualidade e com professores presente em sala de aula, participar de uma pauta político-educacional em que vivia a cidade do Rio de Janeiro naquele ano. O que se via nas reportagens referente às ocupações das escolas em 2016 era a diminuição de verba estadual proposta pelo governador em questão, Luiz Fernando Pezão, que propunha uma diminuição no recurso à educação em 9,3%.[37]

Ainda que sendo um colégio de excelência, os alunos decidiram ocupar e fazer pressão política pelas pautas mais gerais do movimento, como melhores condições de salário para os servidores públicos e para os professores, por exemplo. Esse fato propiciou um diálogo que refletisse sobre as questões internas desde a Direção da escola à organização dos estudantes em grêmios. As práticas pedagógicas e políticas desenvolvidas nas ocupações demonstravam a necessidade de reflexão coletiva sobre a escola, buscando repensar as relações que a constituíam, principalmente suas hierarquias. Todas as etapas de ocupação e da desocupação eram acompanhadas por pais, professores e alunos na rede social do *Facebook.* A nova Direção se manifestou e

[36] A sociedade civil adquire um papel central, bem como a ideologia, que aparece como constitutiva das relações sociais. Desse modo, uma possível tomada do poder e construção de um novo bloco histórico passa pela consideração da centralidade dessas categorias, que, até então, eram ignoradas.

[37] Ver matéria relacionada nas ocupações em escola no *site* do Nexo Jornal. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/19/Por-que-os-secundaristas-do-Rio-est%C3%A3o-ocupando-escolas>. Acesso em: 30 ago. 2018.

foi publicada a mensagem em um *post* convidando os alunos para um diálogo conforme mensagem enviada pela diretora interina Karla no dia 05 de junho de 2016:

> Bom dia, alunos e responsáveis!
> A Direção do CE José Leite Lopes/NAVE gostaria de pedir que vocês retornassem na segunda-feira às 7h.
> Pensamos em fazer um acolhimento na segunda e terças-feiras, pois achamos importante o diálogo, que todos vocês também sejam ouvidos. Vocês podem sugerir atividades e o que gostariam de fazer.
> Pensamos em retornar na quarta-feira com as aulas normalmente.
> Pedimos que neste momento tenham calma e tranquilidade, pois o nosso maior objetivo é poder recomeçar o ano letivo de onde paramos. Sabemos que não está sendo fácil pra ninguém e por isso temos que falar e ouvir sem pré-julgamento. Temos que nos dá essa oportunidade.
> Quanto aos senhores responsáveis, faremos uma reunião o quanto antes, mas nos colocamos à disposição para todo e qualquer esclarecimento em qualquer momento e hora que quiserem.
> Somos todos da mesma Escola!
> Um abraço carinhoso!
> Karla[38].

Figura 8: Ocupação CEJL

Fonte: Alexandre Brum/Agência O Dia.[39]

[38] Ver mais em rede social *Facebook* Nave RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 30 ago. 2018.
[39] Disponível na Agência O Dia – Fonte: Alexandre Brum.

3.1.5 **Ocupando os espaços com o saber**

Um dos pontos negativos das instalações é a falta de luz solar e de espaços para os jovens fazerem atividades de Educação Física. Para substituir essa insatisfação de falta de espaço e para descontração, existe uma área de convivência, pois os alunos ficam por um período de quase dez horas na escola e necessitavam desse espaço para desopilar um pouco da carga de estudo. O espaço é coberto e bem iluminado, repleto de mesas, computadores, televisores e videogames. Nele, os adolescentes desfrutam de internet livre e gratuita.

Figura 9: Área de convivência

Fonte: Ateliê Oficina.[40]

[40] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Figura 10: Espaço de convivência

Fonte: Ateliê Oficina.[41]

Figura 11: Refeitório

Fonte: Ateliê Oficina.[42]

A alimentação é fornecida pelo Estado. Porém, eles só têm uma hora de almoço e por isso só podem ficar 15 minutos dentro do refeitório, para que todos possam fazer suas refeições. Em seguida, utilizam o tempo vago no espaço de convivência, onde é muito estimulada a parte de *game* dentro da escola. Quando é preciso, os próprios alunos arrastam as cadeiras para fazer atividades, como meditação no auditório, ou até mesmo utilizam no salão o *X-box* e o *Kinect*. Eles dispõem de quatro tempos de aulas toda semana, fazem os deveres e estudam.

[41] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.
[42] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Figura 12: Salão de *X-box* e *Kinect*

Fonte: Ateliê Oficina.[43]

Figura 13: Área de *games*

Fonte: Ateliê Oficina.[44]

[43] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.
[44] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Figura 14: Espaço de encontros

Fonte: Ateliê Oficina.[45]

No dia da visita ao Colégio, observei que, no espaço de convivência, na área de encontros, havia um grupo de meninas reunidas em torno de cartazes escrevendo e fazendo debate sobre alguma temática, que, pela distância em que eu me encontrava, não dava para saber o assunto. Achei interessante o que observava e perguntei à Márcia se as jovens estavam reunidas para algum trabalho de disciplina. Ela me respondeu que os estudantes decidiram, por iniciativa própria, trazer o debate sobre assédio nas escolas. A pauta estava acontecendo em redes sociais, como também em canais de televisão. As jovens escolheram aquele dia (18 de agosto) para falar sobre o assunto, trazer reflexões entre elas e fazer intervenções na própria escola.

[45] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Figura 15: Espaço Convivência

Fonte: *Facebook* Nave.[46]

Figura 16: Sala Germinal

Fonte: Ateliê Oficina.[47]

A sala germinal é um espaço destinado às reuniões de professores, projetos e planejamento. Os computadores possuem acesso à internet, os quais eles podem usar. A televisão informativa na área de convivência divulga o que está acontecendo nos

[46] Ver mais em rede social *Facebook* Nave RJ Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 30 ago. 2018.
[47] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.

espaços internos do Colégio, os projetos e os horários como se fosse uma comunicação interna. Entretanto, eles não usam tanto como deveriam a informação na TV no sentido de observar o que está sendo divulgado. Márcia comentava, de forma muito descontraída, que o melhor canal de comunicação com os alunos, apesar de toda a tecnologia disponível, é ir de sala em sala informando as atividades que irão ocorrer ao longo da semana, assim como as salas de monitorias que também começaram recentemente. Esse aspecto nos retoma a questão da vivência comunitária que Paiva e Sodré (2010, p. 7)[48] dissertam: "Não é, portanto, a pura e simples interatividade técnica que ajuda a nos conciliarmos em termos humanos, e sim a interação comunicativa que acolhe a tecnologia como apenas um dos elementos constitutivos do comum". Ainda que a tecnologia esteja presente no CEJL e os alunos serem antenados, a questão do vínculo com a escola e com os professores é a pedra angular, que sustenta qualquer processo educacional. Isso independe do modelo de escola e de suas doutrinas.

Figura 17: Painel com as últimas novidades do mundo da tecnologia

Fonte: Ateliê Oficina.[49]

[48] Ver mais em Revista Alceu. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Sodre_Paiva.pdf>. Acesso em: 1º set. 2018.

[49] Ver mais em Ateliê Oficina. Disponível em: <http://wwwo.metalica.com.br/construcao-em-aco-nave-nucleo-avancado-em-educacao>. Acesso em: 30 ago. 2018.

3.1.6 **Potencializando o saber**

No auditório, ocorre à gravação mensal do Programa Educação Na Veia, uma parceria do Programa Nave com o Canal Futura. A cada mês, o Programa trabalha com um tema. No mês de agosto, foi educação e tecnologia. As reflexões giram em torno da preocupação dos avanços tecnológicos na educação. Falou-se sobre robótica, cultura *maker*, *games*, realidade virtual e aumentada, e inteligência artificial. Desse Programa, participaram: Giselle Santos (*Google*), Hélio Sales (Conecturma) e Samara Werner (Tamboro). A escola pode participar dessa gravação e ela ocorre com a transmissão ao vivo. O vídeo fica no *Facebook*, e isso é um fator facilitador, pois tanto o professor quanto o aluno que não puderem participar ou que não estejam na escola naquele dia e tem interesse na temática podem acessar depois o conteúdo.

Na semana passada, Márcia relatou, com muito entusiasmo, sobre a palestra que ocorreu no auditório sobre a *fake news* da Agência lupa, que faz a checagem de fatos. A palestra foi direcionada para que os alunos pudessem ser multiplicadores na escola e passassem o conhecimento adquirido aos demais. Essa dinâmica de dar a autonomia do aprender e multiplicar o apreendido remeteu ao pensamento de Freire (1996, p. 47),

> Se o bom educador compreendesse que ensinar é perpassar a transmissão de conteúdos, não teríamos tantas dificuldades em sala de aula com aprendizagem. O educando deve ser o construtor da sua aprendizagem. Nesse sentido, o educador é apenas o auxiliador desta construção. Deve-se compreender que a aprendizagem deve promover a autonomia e é nessa autonomia é que o educando terá seu crescimento cognitivo e emocional. Saber que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção.

Assim como o próprio entusiasmo com que Márcia relatava o sucesso da palestra, o envolvimento e a curiosidade despertada nos alunos foram extremamente envolventes. É fantástica a experiência, em poder olhar nos olhos do educador e ver o brilho no olhar ao falar de um conhecimento compartilhado. A fala de Márcia trouxe sensações de arrepio na pele. O evento foi superinteressante e capaz de disseminar conhecimento para qualquer idade. Perguntei a representante educacional como são feitas as escolhas dos temas para as palestras que tinham como foco o aluno, e ela informou que a escolha do palestrante pode surgir desde uma oportunidade externa que aparece, uma demanda do professor ou a necessidade dos alunos.

Figura 18: Auditório – Palestra *Fake news*

Fonte: *Facebook* Nave.[50]

Figura 19: Palestra sobre *Fake news*

Fonte: *Facebook* Nave.[51]

Dando continuidade ao *tour* pela escola, perguntei à Márcia se havia diferença entre os professores que eram do Estado em relação aos contratados pela empresa de telefonia, que investiu no projeto. Ela relatou que, infelizmente, existe, pois, antes, o

[50] Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 30 ago. 2018.
[51] Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

professor do Estado tinha uma dedicação exclusiva na escola[52] e, atualmente, isso não ocorre mais, o que interfere na perda do vínculo com o espaço e, até mesmo, na participação em algumas atividades do Colégio, assim como na integração entre o regular e o técnico. O professor do técnico fica 40 horas na escola e está mais envolvido nos processos voltados para o desenvolvimento do ensino e do conhecimento. Esse descompasso entre o técnico e o regular passa por algumas situações conflituosas de trabalho.

Questionei se, além da diferença entre horários e disponibilidades dos professores, ocorre a ausência de habilidade tecnológica de alguns professores e se isso prejudica no desenvolvimento pedagógico proposto pela escola. Foi, então, que Márcia me apresentou o Laboratório de Mídia e Educação, que é um espaço que dá assessoria tanto ao professor quanto ao aluno. Entretanto, ela retomou a questão de o professor do Estado não ter tanto tempo para se dedicar nesse investimento que o Programa NAVE possibilita. Todavia, reforçou que, caso o docente queira o suporte, há possibilidade de buscá-lo internamente. O que o professor quiser desenvolver pedagogicamente terá o apoio da Direção e do Instituto, porém essa também é uma conquista após a ocupação de 2016.

A questão de não exclusividade dos professores do Estado como um empecilho para o melhor aproveitamento das estruturas de ensino disponíveis no Colégio retoma o pensamento de Sodré (2014) quando analisa a sociedade neoliberal. O processo é potencializado, uma vez que o Estado perde a centralidade na administração dos bens públicos e passa a funcionar a partir da lógica de privatização das ferramentas. Outro ponto que questionei foi o fato de a escola fazer parte da região da Tijuca e ter muitas favelas no entorno e se era o caso de a violência do bairro ter reflexo negativo na escola, como: fechamento de escolas, suspensão de aula devido a tiroteio na comunidade ou até mesmo por ordem do chefe do tráfico. Ela informou que, infelizmente, é uma realidade na cidade do Rio de Janeiro, no que tange às escolas que ficam em bairros próximos à favela e passam por esse tipo de rotina, mas que não é o caso do CEJL.

Além da criminalidade, perguntei se há uso de drogas nas dependências escolares. Ela informou que isso era mais recorrente quando ex-alunos tinham acesso

[52] Dedicação Exclusiva (DE) com obrigação de prestar 40 horas semanais de trabalho em dois turnos diários completos e impedimento do exercício de outra atividade remunerada pública ou privada. Requisitos básicos: ser investido no cargo de professor. Ver mais em Guia do servidor. Disponível em: <http://www.srh.unb.br/component/content/article/35-guia-do-servidor/135-regime-de-dedicacao-exclusiva>. Acesso em: 15 jan. 2019.

livre à escola. Agora, é restrito e não houve mais episódios de usos de drogas no Colégio. As questões em torno da juventude ocorrem na escola, mas, desde 2016 para os dias atuais, até a forma de ingresso na escola mudou. Anteriormente, era feita uma espécie de vestibular para ingressar na escola, porém o acesso agora é pelo Matrícula Fácil,[53] o que trouxe uma grande diversidade para a escola. O rendimento diminui, pois os alunos vêm com diferentes níveis escolares. O ganho na mudança do ingresso é a oportunidade de trabalhar com a diversidade, que passou a ser a maior característica da escola. Na escola, há negros, brancos, *trans*, jovens com deficiências e grupos com meninas feministas.

Observei alunos atuantes nas escolas e ex-alunos como coordenadores de projetos. Escutei sobre o empenho dos professores do curso regular em usufruir da parte técnica para melhorar o ensino em disciplinas como: Biologia, História, Filosofia e Matemática entre outras. Perguntei como era a atuação dos pais. Márcia informou que variava bastante, pois tinham os mais participativos nas reuniões e outros que não participavam tanto. O ponto de contato com os responsáveis são as reuniões bimestrais e os eventos na escola, como o "Nave de Portas Abertas", que acontece em outubro, evento bem tradicional quando acontecem várias oficinas.

O grande canal de comunicação entre a comunidade externa e os responsáveis é o *Facebook* da escola. Eles fizeram recentemente uma pesquisa e coletaram dados que a maioria das pessoas que acessava a página do *Facebook* da escola era as famílias dos alunos, para acompanharem o que acontece e tirarem dúvidas. Perguntei quem era o responsável por responder os *posts*, e Márcia me informou que era a equipe do Mídia e Educação juntamente com a Direção.

Além da página na rede social bem atuante e atualizada, há grupos de *WhatsApp* com os pais de cada turma. Isso demonstra que o pai só não tem informação do seu filho e acesso à escola se não tiver interesse, pois há um esforço e diversas formas de comunicação para divulgar os percursos tomados pelo Programa Nave. Caso haja necessidades específicas dos responsáveis com relação às dúvidas sobre procedimentos na escola, ou até mesmo de acompanhar o desenvolvimento do seu filho, a Direção faz agendamento de atendimento com esses pais, assim como recebe o responsável que aparecer na escola sem ter agendado reunião. Todos são colhidos.

---

[53] As inscrições são realizadas por meio do *site* do Matrícula Fácil. Ver mais no *site* da Secretaria de Educação do Estado do RJ. Disponível em: <http://www.matriculafacil.rj.gov.br/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

3.1.7 **Inclusão do conhecimento**

> [...] a formação de 15 professores para o atendimento educacional especializado e aos demais profissionais da educação, para a inclusão; a participação da família e da comunidade; a acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informações; e a articulação intersetorial na implementação das políticas públicas (BRASIL, 2008).[54]

Em 2008, o MEC trouxe mecanismos que contribuíram para a perspectiva de uma educação inclusiva, como a criação do Atendimento Educacional Especializado (AEE). O processo de inclusão começou a ocorrer em diversas escolas do Estado, com projetos para formação de gestores e de educadores. Sendo assim, perguntei se existia o processo de inclusão e mobilidade na escola. Márcia relatou que, para a acessibilidade, existe o elevador na entrada do prédio, que comporta o Programa Nave. Com relação à inclusão, depois da mudança do ingresso da escola pelo Matrícula Fácil, observou-se um aumento de alunos autistas e com baixa acuidade visual, o que tem sido um grande aprendizado para os gestores do Programa.

O que existia antes da Matrícula Fácil eram algumas crianças cadeirantes. Hoje, há uma aluna surda, que possui um apoio especial com a intérprete de Libras do Estado e alunos com baixa visão. Esses alunos têm direito ao acompanhante, porém não há um para cada aluno com necessidades especiais, mas em média, de dois a três. Há, também, alunos com diferentes graus de autismo, o que não impacta na questão de rendimento deles alunos, e sim na dificuldade de sociabilidade.

Diante de toda a necessidade da escola, começaram os ciclos de formação para professores. No mês de junho, foi feito um diagnóstico, que apontou os pontos prioritários para serem abordados na escola. Um deles foi a educação inclusiva. A educadora relata que os professores estão cada vez mais recebendo alunos com necessidades especiais e eles querem entender como se deve trabalhar com esse novo aluno. Eles assistiram a uma palestra com o Rodrigo Mendes, do Instituto Rodrigo Mendes (IRM)[55], no dia 22 de agosto, que é o principal Instituto, o qual trata sobre inclusão atualmente no Brasil. Esse foi um encontro com professores à tarde.

---

[54] Ver mais em: <http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

[55] Ver mais em Instituto Rodrigo Mendes. Disponível em: <https://institutorodrigomendes.org.br/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Figura 20: Encontro com Rodrigo Mendes – educação inclusiva

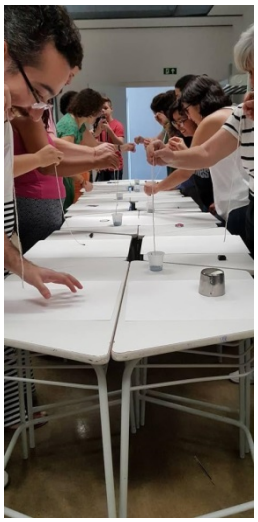
Fonte: *Facebook* Escola Nave.[56]

Os nossos educadores tiveram uma verdadeira imersão no tema da Educação Inclusiva. A formação foi conduzida pelo Rodrigo Mendes, fundador do Instituto Rodrigo Mendes, que trabalha no desenvolvimento e disseminação da Educação Inclusiva como parte de uma educação capaz de transformar escolas e processos de aprendizagem não só para alunos com deficiência, mas para toda a comunidade escolar. Tivemos também a presença de Luciana Perpétuo de Oliveira e Maria Antonia Goulart, do Centro de Referências em Educação Integral. Foi a segunda parte de uma série de quatro encontros, que capacitará os professores a criarem planos de aula e metas para o próximo ano letivo.[57]

[56] Ver Facebook Escola Nave RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

[57] Ver *Facebook* da escola Nave post publicado em 22 de agosto 2018. Disponível em <https://www.facebook.com/navecejll/videos/289083165227658/>. Acesso em: 25 ago. 2018.

Figura 21: Dinâmica de desenvolvimento de Educação inclusiva



Fonte: *Facebook* Nave RJ.[58]

3.1.7.1 Laboratórios do saber

Existem três laboratórios com computadores e projetores, possibilitando um computador para cada aluno. No primeiro piso, temos o laboratório de roteiro de multimídia e, no terceiro piso, a programação. Os programas que são utilizados na parte técnica da escola fazem parte do *Adobe*, que é um pacote de aplicativos para edição de material gráfico, seja ele *online* ou impresso. Porém, como o programa é licenciado, muitos alunos não possuem o acesso a todas às ferramentas em casa. Sendo assim, utilizam na escola os computadores. Os laboratórios ficam com as portas destrancadas facilitando o uso para qualquer pessoa. Além dos trabalhos, a prática do jogo é também bastante estimulada. Márcia relatou com empolgação a conquista dos alunos do Nave RJ na participação do campeonato da *League of Legends* na semana passada.

[58] Ver *Facebook* Escola Nave RJ. Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Figura 22: Primeira Equipe Nave RJ na Liga Escolar Brasileira de *League of Legends*

Fonte: *site* Oi Futuro.[59]

O Espaço de Mídia e Educação é coordenado por um ex-aluno do Programa, que receberá o nome fictício de Felipe, o qual também é responsável pelo espaço *Make* da escola. Márcia pediu para o coordenador apresentar o laboratório e dividir um pouco a rotina desenvolvida. O setor é composto por uma ilha de edição, estúdio de áudio e vídeo, armazenamento de equipamento e um espaço que fica aberto o dia todo, já que não é um técnico, e, sim, um espaço para atender aos alunos. Estes fazem registro de todas as atividades que acontecem dentro da escola e compartilham os eventos, palestras, oficinas e cursos na página do *Facebook*. Felipe relatou que, no dia anterior os alunos haviam se reunido para falar sobre a questão do *bullying* e do engajamento na escola.

O coordenador compartilhou a importância temática não somente por ser um tema atual na mídia, mas pelo fato de a própria escola também ter passado por essa experiência do estranhamento com o Outro. A partir do momento em que o acesso para o ingresso na escola CEJL deixou de ser pelo vestibular e passou a ser pelo Sistema

[59] Ver mais no *site* Oi Futuro. Disponível em: <http://www.oifuturo.org.br/noticias/nave-participa-de-primeira-liga-escolar-brasileira-de-league-of-legends/>. Acesso em: 25 ago. 2018.

online pela Secretaria de Educação do Governo, o convívio com a diversidade foi um aprendizado para a comunidade escolar. Um ponto curioso que ele relata é pelo público que acessa a rede social da escola ser formado por mulheres com a faixa etária de 35 anos. Geralmente, são as mães interessadas em matricular seus filhos na escola que fazem várias perguntas.

O acesso feito pelos pais reflete o aluno que, muitas vezes, chega à escola sem saber a proposta que o Programa oferece, gerando barreiras iniciais de convivência e aprendizado. Há um interesse maior dos responsáveis em querer seus filhos na escola. Todavia, às vezes, o aluno não tem perfil. O Programa é atrativo não só pela pedagogia do ensino oferecida, mas também por ser um lugar que transmite segurança, pois a carga horária de estudo é de oito a nove horas por dia e não há liberação por parte da Direção para saírem da escola. Além da alimentação, que também é fornecida pelo Estado, é uma escola que não possui o histórico de greve, não há falta recorrente de professor e tem infraestrutura didática e de entretenimento.

Entretanto, para o jovem que não tem prazer em fazer programação e não tem interesse em roteiro ou multimídia ficar no período de nove horas dentro de uma escola, que não é perfil do aluno, isso gera frustrações e incompatibilidade com a proposta do Programa. Muitas vezes, quando chega ao segundo bimestre, o aluno pede transferência por não se adaptar à escola. Às vezes, o aluno é ótimo e teve bom desempenho, mas não gostou da parte técnica, ou não quer fazer multimídia, ou não quer fazer o roteiro, ou não quer fazer programação. Porém, a escola consegue estabelecer uma boa relação com a comunidade, pais e alunos, sendo bastante respeitada por todos e considerada de excelente qualidade, sendo que estes se orgulham de ter os filhos matriculados nela. Ao fazer uma busca pela internet, acessei um canal da Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado e Educação do Rio de Janeiro[60] e coletei partes de trechos dos depoimentos do que os alunos pensam da escola em que estudam:

> Aqui o convívio social é o mais importante. Claro que as boas notas são necessárias, mas a boa convivência no dia a dia é que possibilita os bons resultados. Somos todos unidos. (Ruan Santos Silva, 16 anos, 2º ano).
>
> A gente aprende a trabalhar nos cursos técnicos. Estamos conectados com o mercado de trabalho. Os professores são muito atenciosos, sempre participam da nossa vida estudantil (Jéssica Pereira, 16 anos, 2º ano).

[60] Fonte: Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE e Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro.

> O ensino é forte e os professores excelentes. Sempre atenciosos e preocupados com nossa formação. Passamos o dia todo estudando e isso é muito bom (Lucas de Souza Amorim, 15 anos, 1º ano).

O Laboratório Mídia e Educação também contribui para a formação de professores e com os alunos. Ele possui um grupo mesclado do primeiro, segundo e terceiro anos com os professores. Existe uma formação individual a partir de projetos como de *workshop* para a rede, tanto em Recife como no Rio de Janeiro (RJ), com modelos de trabalhos bem parecidos, que, geralmente, acontece no mês de setembro. A oficina é presencial. É feito um intercâmbio entre as equipes do RJ com a de Recife. Essa troca é importante, pois demonstra duas realidades de escolas públicas, mas de redes diferentes.

Antes da ocupação no ano de 2016, o Laboratório de Mídia e Educação (MDE) ficava dentro de uma sala fechada. Atualmente, está no espaço aberto e misturado com os estudantes. A sala de equipamentos era a antiga sala do laboratório. Essa mudança ocorreu após uma pesquisa interna de avaliação de como era a escola em relação à equipe e ao espaço mídia e educação. Percebeu-se que havia um isolamento do laboratório em relação à escola, e não havia muita comunicação. Quando ocorreu a mudança do espaço isolado para o aberto aos jovens e aos professores, de início, foram gerados estranhamento e desconfiança por parte dos alunos por acharem que seria algum tipo de vigilância. Com o tempo e a rotina, eles começaram a procurar o espaço para fazer trocas.

Quando há evento externo, os próprios alunos, por já possuírem algum conhecimento de fotografia, acabam registrando e depois compartilham as fotos com a equipe de mídia e educação, que são mais ou menos 20 alunos. Eles fazem a cobertura e, quando há o intercâmbio na rede, produzem vídeo para a escola e aprendem a editar. No terceiro ano, tem produção de roteiro, que trabalha muito com audiovisual. Por mais que a escrita seja importante, eles produzem esse tipo de linguagem. Já a equipe de multimídia sabe muito de audiovisual, que é da área deles, a de programação, ainda que não tenha a mesma expertise também fazem trabalhos audiovisuais de forma razoável não sabe muito apesar de fazer também. A mescla de técnicas do conhecimento é também importante, pois há alunos que são de programação, por exemplo, mas fazem a cobertura fotográfica do evento na escola. Em sua maioria, por interesse próprio, gostam de participar e acabam trocando conhecimento com outros alunos.

O audiovisual é usado como suporte nas avaliações de disciplinas como: História, Biologia e Filosofia entre outras. Quando precisam fazer uma transmissão de audiovisual, os alunos fazem para ganhar nota. Quando é a animação, às vezes, os alunos já possuem algum trabalho pronto, pois ficam com a mesa de desenhos digitais o dia todo fazendo desenho. Na mesa digital, eles criam jogos todos os dias, em que o personagem precisou se transformar em um dragão, por exemplo, para viver uma realidade. Outro ponto importante que Felipe ressalta é que o acesso aos equipamentos, como a máquina de mesa digitalizadora, é livre. Basta colocar o nome e o controle é feito entre os próprios alunos. Existe uma vigilância entre os pares. Eles ficam o dia inteiro e depois devolvem o equipamento.

Porém, há alguns anos, esse acesso ao equipamento da mesa digital era mais restrito. Para fazer o empréstimo do material, havia regras. Era preciso ter a presença de um professor para liberar o material além da necessidade de o aluno estar inserido em algum projeto pedagógico para acessar a mesa digital. Ou seja, a utilização do espaço não era tão simples. A maneira de enxergar a usabilidade desse espaço atualmente é diferente. Eles disponibilizam todo o material tecnológico que o aluno desejar e o integram-no ao seu cotidiano. O aluno explora e senta no carpete para descansar. Há um trabalho do ócio, que antes não era possível. A nova relação gerou um trabalho de cuidar. Quando o aluno pega o material e não entrega, a equipe do laboratório precisar ir atrás do equipamento. Entretanto, de modo geral, a devolução ocorre até devido à especificidade da utilidade.

Entre os próprios alunos, há uma cobrança, zelo e responsabilidade. Quando acontece algum dano no equipamento, todos ficam sabendo. Então, há um “acordo” de cuidar. Há um controle entre eles. Existe uma autovigilância. Se uma situação ocorre e fica em desacordo, o espaço é fechado e o professor é acionado para que os alunos saibam que existe uma punição caso não se tenha zelo com o material em uso.

3.1.8 **Trabalhando com a diversidade**

Existe uma disparidade entre os alunos que não sabem inglês daqueles que nunca tiveram acesso à arte, daqueles que já têm fluência em língua estrangeira. O coordenador nos relatou:

> O primeiro bimestre é muito complicado devido aos impactos culturais, intelectuais e à própria dinâmica das aulas, pois há muita troca de sala e apenas o professor que fica fixo. Então, o autocontrole vem dos alunos, pois não há inspetor, não tem sirene e são eles quem precisam prestar atenção no relógio e verificar qual é a matéria do próximo tempo e em qual sala ou espaço ela ocorrerá.

Felipe informou que a ocupação de 2016 na escola trouxe mudanças positivas e amadurecimento no convívio tanto por parte da Direção como dos alunos. Essa fala do coordenador muito me chamou a atenção. É curioso o fato de não ter sinal na escola.

Os professores são bastante politizados, e a questão da ausência do sinal tem a ver com uma lógica fabril. Isso também trouxe mudança a partir dos acordos estabelecidos entre os corpos docente e discente e a Direção. O ganho percebido foi a autonomia e o senso de responsabilidade do educando com relação à sua autodisciplina. Estudos apontados pelas pesquisadoras Nivea Andrade e Alessandra Caldas (2017), acerca dessa visão de mundo na escola, contribuem positivamente para o acordo proposto. As autoras discorrem sobre como as sirenes da escola, embora não indiquem o perigo mortal, buscam penetrar em todos os espaços, ocupando também o controle do tempo.

> [...] A sirene, ou o sinal, como é chamado, marca o tempo desta e de tantas outras escolas: tempo da entrada dos estudantes, da mudança de professor e da disciplina na grade de horário, tempo da hora do recreio ou da saída da escola. Neste entrelaçado do som com o tempo, percebemos o tempo capitalista sendo forjado na vida dos nossos estudantes. O imperativo da máquina determina a hora de acordar, aprender, comer, ouvir, falar, brincar, pouco atento às demandas do corpo e aos acordos coletivos[61] (ANDRADE; CALDAS, 2017, p. 20).

Dentre as medidas de mudança, o uniforme, por exemplo, foi mantido por uma questão de senso comum entre a escola e os alunos. Porém, não há uma obrigatoriedade explícita no uso. Sendo assim, acabam não usando e cabe à Direção ficar atrás dos alunos cobrando o uniforme. Esse fato é contraditório, pois há uma cobrança por parte da Direção, já que os próprios alunos optaram em mantê-lo, mas não há nenhuma punição ou proibição na entrada do aluno, caso não esteja uniformizado, na escola.

O coordenador relata que, quando eles entram nesse novo universo, a sensação é de que a escola não é para eles. Chegam ressabiados com relação à dinâmica e muito desconfiados da metodologia aplicada na escola devido, principalmente, à liberdade de

[61] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v42n2/2175-6236-edreal-42-02-00495.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.

escolhas e à responsabilidade que vem junto. Durante a aula, por exemplo, não há um controle da saída do aluno para ir ao banheiro. Não há ninguém controlando. Os alunos saem da sala sem pedir. Isso impacta no cotidiano desses alunos, que, em maioria, vêm de escolas com culturas mais controladoras. No início, eles não sabem lidar muito com a questão da autonomia.

Ao longo do semestre, essas barreiras vão sendo transpassadas. Há uma familiarização e aceitação dos direitos e deveres dentro daquele ambiente escolar. Com o decorrer do tempo, os vínculos começam a surgir e a questão com o espaço toma outra proporção no fazer cotidiano. A cultura e o hábito da convivência mudam não somente no aspecto com a escola, mas também com a questão do próprio sujeito, do espaço e do olhar para o Outro.

No ano de 2018, existe um marco de transição tanto para os alunos como para a gestão. Será a primeira turma de terceiro ano formada, que teve a entrada no Colégio pelo novo sistema de ingresso. Foi uma experiência atípica e muito importante. Nesse período, ocorreram fatos marcantes na escola. Houve a adesão de uma greve em prol da educação pública de qualidade e em apoio à valorização do professor. A ocupação foi um divisor de águas, que motivou a troca de gestão, a qual passou a ter um viés de escuta e de troca com esse aluno, que estava como um sujeito protagonista de sua história estudantil. Mudanças, como as citadas, demandam mais trabalho de organização e coesão, pois a comunidade CEJL estava vivenciando um espaço de disputa e precisava atingir um bem comum em prol de todos os envolvidos. Os próprios professores perceberam a necessidade de se reinventarem.

Portanto, essa turma será um marco positivo e ao mesmo tempo negativo pelos embates gerados ao longo desse período, que não foram fáceis. Nessa disputa pelo ideal comum, todos tiveram que trabalhar a questão do preconceito em relação aos alunos, que entraram pelo processo seletivo do Matrícula Fácil. Ao mesmo tempo em que foi um ponto negativo, essa disputa reverberou em necessidades de pautas para o debate crucial não só pelo momento vivenciado de transição da escola, mas também pela oportunidade de trazer questões do mundo para dentro na realidade vivenciada pela comunidade. A experiência da diversidade, a limitação e o estranhamento tiveram como saldo positivo o engajamento tanto por parte da Direção como dos alunos, o que foi muito significativo para o aprendizado.

A mudança no perfil de aluno era notória em comparação à primeira turma em 2008. Os alunos foram selecionados pelo município e faziam uma imersão. Tiveram um

método de ingresso, muito parecido com a nova turma, na qual os alunos não fizeram prova para ingressar na escola. Entretanto, tinha aluno de escola particular, que fazia cursinho e com condições de vida favorável, com estrutura; muito morador da zona sul. Hoje em dia, é outro universo de aluno. São oriundos da comunidade do Borel, Formiga, Salgueiro, Tijuca, Andaraí, Vila Isabel e Macaco.

Diante do exposto, perguntei se há algum trabalho da escola em conjunto com as comunidades da região, desenvolvendo algum projeto que as insira no contexto educacional. Márcia informou que não há um trabalho específico com as comunidades, mas há um projeto escolar, que propicia a disseminação do conhecimento adquirido no âmbito da escola à comunidade. Como exemplo, houve a organização entre os alunos para formar grupos de pagode e de teatro. O grupo musical Na veia é outro exemplo, pois os alunos trouxeram suas vivências para dentro da escola. Toda sexta-feira, acontece música ao vivo na hora do almoço. Questionei qual foi a importância desse espaço conquistado tanto para os alunos como para os professores e a Direção. O coordenador compartilhou que aumentou a interação entre professores e alunos no intervalo, propiciando um ambiente descontraído e envolvente, de tal modo que a Direção precisa ficar de olho no horário tanto dos alunos quanto dos professores, que aderiram ao projeto.

Nesse ambiente agregador, os vínculos construídos entre aluno-escola-professor são muito evidentes. O momento de descanso foi uma sugestão dos alunos, o que compensa um pouco a carga horária, que é bastante puxada para todos. A relação com a escola é tão atraente que até o único dia que quando saem mais cedo, as quartas-feiras, no horário de 12h20, eles acabam ficando dentro da escola, ora adiantando trabalhos, ora fazendo daquele espaço do conhecimento um momento de entretenimento para além da grade de horário, que o Programa propõe. Outro fator relevante são as tardes livres, que também são usadas para passeios com os professores. Há, ainda, disponibilidade para agendamento de palestras, que possam atender tanto à necessidade dos alunos como dos docentes e robótica (Naveslev) entre outros.

Sendo assim, percebe-se que, a partir da experiência vivida pelo aluno dentro da escola, ele pode abrir portas para um futuro melhor para si e para a comunidade onde vive. Durante o período em que estive presente acompanhando a rotina da escola, percebi a intensa movimentação “barulhenta” de alunos e professores, que, por vezes, dificultava escutar o que a orientadora pedagógica relatava, pois, nos intervalos, os alunos saem de sala e ficam pelos espaços de convivência ou nos corredores e escadas.

Depois dessa “interrupção barulhenta”, demos continuidade à visitação e entramos no estúdio de áudio, que é acessível aos alunos. No dia da visita, o aluno Matheus estava gravando um *podcast* para o trabalho de História no estúdio em formato de paródia. Outras disciplinas também utilizam esse espaço. O coordenador de Mídia e Educação ajuda os professores e os trabalhos, geralmente, ficam de alto nível técnico e intelectual.

Outro relato significativo foi sobre a existência de uma disciplina integrada, a qual agrupa os alunos por projeto independente se eles fazem roteiro, multimídia ou programação. Eles possuem autonomia para usar o MDE, assim como espaços diferentes para concluir o trabalho. Apesar da autonomia nos laboratórios, existem cronogramas para lembrá-los dos prazos, assim como lembretes com *postites* coloridos e o *status* da elaboração de cada grupo de trabalho. No primeiro ano, eles desenvolvem várias micro-oficinas; no segundo ano, um jogo; e no terceiro ano, estão livres para poder gravar um *clipe*. Nesse dia de nossa visita, às 11 horas, iria ocorrer um vídeo para a segunda geração do Nave.

Alguns ex-alunos trabalham na empresa Oi. Essa parceria iniciou no ano passado. São dez vagas exclusivas para os alunos ocuparem a área digital que a empresa possui com características criativas. No processo de admissão, eles contratam de seis a oito horas, como regime de Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), com todos os benefícios que a empresa oferece. Outro exemplo de sucesso próximo é o fato de o próprio coordenador do MDE ser um ex-aluno do CEJL que passou para Jornalismo na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Além do apoio dos coordenadores e professores, os laboratórios recebem suporte técnico de informática para os computadores. As salas são equipadas com um projetor, computador para o professor e mesas coloridas feitas por um *designer*, para que elas possam se encaixar e ficar em círculo. A disciplina de *games* todo ano tem um tema para ser desenvolvido pelos alunos. Geralmente, os assuntos são sobre temas construtivos. O desse ano é empatia.

Seguíamos os corredores, enquanto Márcia mostrava as salas. No pavilhão superior, ela relatou ser o único espaço com sol além do estacionamento. Nesse espaço, os jovens jogam bola devido à falta do espaço da quadra. Os alunos apontam como um fator negativo da escola. Nesse pavilhão, conhecemos a biblioteca informatizada, onde os professores de língua portuguesa costumam sentar em roda e debater assuntos atuais. Perguntei se os alunos sabem procurar livro na biblioteca, e a responsável pelo setor

respondeu que sim. Eles possuem também uma carteirinha para pegar os livros emprestados. E a escola possui *wifi* e todos estão sempre conectados.

Figura 23: Pavilhão superior

Fonte: *Facebook* Nave.[62]

3.1.9 **Professores e a capacitação**

Ao descer o último pavilhão, Márcia comentou que, em setembro, irá ocorrer o Seminário Amplifica,[63] que tem por objetivo capacitar os professores e trazer um pouco da inovação para a educação. A palestra é ministrada por duas educadoras que possuem canal no *Youtube* com várias videoaulas e palestras com atividades práticas dividindo o conhecimento de como trabalhar o uso da tecnologia a favor do professor e em prol do aluno. Elas fazem seminários presencias e contam com o apoio da Fundação Lemann[64] da *Google*.

---

[62] Ver rede social *Facebook* Nave. Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 12 set. 2018.

[63] O seminário Amplifica focou em aplicações práticas para despertar novas possibilidades de trabalho com colaboração e criação utilizando ferramentas digitais. O evento aconteceu por meio de uma parceria entre a Secretaria de Educação e o Instituto Oi Futuro. Participaram do encontro cerca de 100 educadores da rede estadual, que atuam em Colégios de Ensino Médio em Tempo Integral com ênfase em Empreendedorismo. Fonte *site* Oi Futuro. Disponível em: <http://www.amplifica.org. #SeeducRJ#Educação #amplifica2018 #amplificando #inovatec>. Acesso em: 27 set. 2018.

[64] A Fundação Lemman se define em seu *site* oficial como uma organização familiar sem fins lucrativos, que desenvolve e apoia projetos inovadores em educação para embasar políticas públicas no setor. Ver mais em Fundação Lemann. Disponível em: <http://www.fundacaolemann.org.br/quem-somos/&gt>. Acesso em: 7 dez. 2017.

O *workshop,* que é oferecido no Programa NAVE, trabalha com a questão de como pontecializar o professor em alguma metodologia que possa acessar ao aluno com as estruturas tecnológicas que eles possuem na escola. Eles ensinam o professor como utilizar a tecnologia na sua sala de aula, ampliando o uso de *softwares* livres[65]. O Programa de Formação de Professor não fica restrito ao CEJL. Ele é disseminado através de palestras e *workshops* para professores da rede estadual. As gestoras do Programa NAVE, Carla Arena e Samara Brito, investem no processo de letramento digital para os professores.

Segundo as informações obtidas no Colégio, a importância em valorizar o professor é a filosofia dessa gestão. O saldo positivo é ver o profissional realizado, proativo e que busca sempre agregar novos conhecimentos na escola e incentivar o aluno a ir além dos seus limites. Trazer os professores para essa imersão é imprescindível, pois parece que, no campo educacional, as tecnologias demoram a chegar. Boas práticas digitais de conexão, que façam o aluno, o professor, a escola e o gestor se integrarem ao ecossistema, promovem um aprendizado e facilite uma sinergia dos projetos dos professores e dos gestores. Observamos que a importância do entrelaçamento da comunicação e da educação não é só tecnológica, mas também aprimora a utilização de linguagem diversa. Seria uma maneira de trazer o aluno para próximo da escola e atrair sua atenção. Tradição e inovação, com o analógico junto com o digital: seria essa uma mudança no paradigma educacional na escola do século XXI, com o aluno sendo protagonista, já que a escola deve ensinar para o mundo, o qual está imerso em tecnologia?

Outro ponto é pensar: qual o impacto do professor que ainda tem resistência com a tecnologia? Há escola que promove a inovação para os alunos, mas a sala dos professores não recebe o mesmo investimento. Não possuem acesso à internet e nem computador. Isso dificulta o trabalho e a familiarização com os aparatos tecnológicos. Talvez, encontrar o valor pedagógico seja o grande segredo para aproximar os alunos do conhecimento. Dados do FEM informam que 65% das crianças que estão entrando na escola agora irão trabalhar em profissões que ainda não existem.[66] É uma visão desruptiva pensar que, se o mundo vai vivenciar transformação, a escola faz parte dele e a questão da formação de gestores e de professores trará mais discussão na sociedade.

---

[65] Ver mais em Fórum Aprendizado. Disponível em: <https://forum.aprendizagemcriativa.org/t/rio-de-janeiro-rj-aprendizagem-criativa/1018/9?u=guile>. Acesso em: 25 ago. 2018.

[66] Ver mais em revista FOURSALES. Disponível em: <http://www.foursales.com.br/carreira/as-previsoes-do-forum-economico-mundial-sobre-o-futuro-do-trabalho/>. Acesso em: 28 ago. 2018.

3.1.10 **Nave e a comunidade**

> "A execução do evento possui o objetivo de manter ou recuperar o conceito de uma organização junto ao seu público de interesse" (CESCA, 2008, p. 20).

Todos os anos, o NAVE Rio convida a comunidade para conhecer o trabalho e inspirar os colegas das redes pública e particular a serem cada dia mais inovadores nas aulas. Neste ano, o Programa NAVE completou dez anos no CEJL. O evento aconteceu nos dias 25 e 26 de outubro. A programação contou com várias oficinas oferecidas pelos próprios alunos. Ocorreram, também, palestras inspiradoras com professores, que traziam em seu depoimento a realidade vivida pelo Programa NAVE.

Figura 24: Evento Nave de Portas Abertas

Fonte: *Site* do CEJL.[67]

No dia 25 de outubro, quinta-feira, era o primeiro dia do NAVE de Portas Abertas. A aula inaugural começaria às 9 horas. Por volta de 8h30, cheguei ao Colégio e comecei a observar a movimentação no entorno da escola. Eram bastantes jovens, que chegavam acompanhados de seus pais e vans de colégios públicos, que desembarcavam os alunos no CEJL. Assim que entrei no Colégio, havia uma fila para assinatura de presença. Achei interessante o fato de chegar à fila e, logo em seguida, uma dupla de alunos do NAVE com identificação me abordou para saber se eu conhecia a escola e se precisava de um guia para conhecer os espaços do evento. Agradeci os alunos e optei em dar continuidade ao percurso sozinha. Queria seguir o lugar sem roteiro, queria que

[67] Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 30 ago. 2018.

meu olhar apontasse o caminho a seguir sem ser direcionada e, assim, poder, de fato, ser afetada pela força do evento.

Continuei na fila e, ao chegar a vez para me identificar, novamente, fui surpreendida com a recepção dos alunos, todos uniformizados com a blusa do evento e com crachá dando um bom-dia muito cordial. Com sorriso no rosto e envolvidos com a programação, essa era a primeira impressão que o Colégio passava – empatia. De fato, parecia que estavam felizes em trabalhar no projeto de visitação da escola. Realmente, aquela recepção calorosa já nos envolvia e aguçava a curiosidade daqueles que, pela primeira vez, pisavam no Colégio. A expectativa de explorar o lugar era visível ao ver a animação dos alunos no pátio e a euforia para darem início à visitação e começarem a exploração do espaço

Segui, também, em direção à escada e, depois de subir três degraus, retornei ao local de recepção do evento. Não contive a curiosidade e perguntei se eles eram obrigados pela Direção a fazer parte da organização do evento ou se aquela participação contava ponto para alguma disciplina, pois eram muitos os jovens envolvidos na programação do evento. Para minha felicidade, a resposta foi rápida: “Claro que não. Adoramos estar aqui e nos preparamos pra o evento, e por isso compartilhamos nossas oficinas e todos os trabalhos desenvolvidos ao logo do ano para mostrar não só para o público externo, como para aos próprios pais, os trabalhos desenvolvidos pelos alunos”, relatou Felipe do 2º ano.

O aguçamento da curiosidade não foi só como pesquisadora, mas também como profissional de Relações Públicas. Sentir a sinergia do evento é algo muito especial, pois a força comunicativa que o evento produz na instituição reverbera em um amplo planejamento comunicacional, já que possui a capacidade de promover e reforçar os conceitos e valores que a instituição se propõe. É a ideia que Cristina Giácomo (1993, p. 45) analisa sobre o evento “componente do *mix* da comunicação, que tem por objetivo minimizar esforços, fazendo uso da capacidade sinérgica, da qual dispõe o poder expressivo, no intuito de engajar pessoas numa ideia ou ação”. A partir do momento em que a ideia do evento consegue engajar o público interno, a comunidade escolar, ele acaba tendo como consequência direta o envolvimento do público externo, pois transmite a sensação de como é bom conviver naquele espaço.

Figura 25: Credenciamento do Evento Nave de Portas Abertas

Fonte: *Facebook* Nave.[68]

Em seguida, retornei às escadas junto aos alunos de uma escola pública, que visitavam pela primeira vez o Colégio. Apertei o passo para me posicionar próximo ao grupo e escutar os comentários que aquele grupo de alunos da rede estadual estava fazendo no momento em que visitava os espaços. A reação foi de total encantamento por parte dos alunos. Era um *"Olha isso!"*, *"Olha aquilo!"*, *"Caraca mulequeeeee! Boladão o bagulho!"*, e corriam para um lado para ver alguma coisa na exposição. O colega chama outro para mostrar outra coisa, que também achava interessante.

A impressão que tive era que estava em uma expedição observando aqueles meninos com olhares curiosos e brilhantes com tudo que viam. No fundo, escutava a voz da professora chamando: *"Pedroooo, venha. Depois, voltamos aí. Você irá se perder"*. Pedro, do outro lado, parecia longe da fala da professora e completamente entretido com a criação de bonecos de massinha em 3D.

[68] Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 27 out. 2018.

Figura 26: Oficina de Mídia

Fonte: *Facebook* Nave.[69]

Continuei a explorar o espaço do evento e observei murais com a exposição em diversas perspectivas diferentes sobre a tabela periódica, pois mostrava, de forma muito elucidativa, como poderíamos encontrar aqueles elementos na natureza. Logo adiante, havia um sarau muito animado com o público, que interagia com os cantores. Foi bem divertido. Tudo ao mesmo tempo, exposições de trabalhos, espaços de convivências sendo tomados por alunos, pais e professores buscando informações que pudessem a partir daquele evento dividir a proposta da escola.

A abertura oficial do evento foi bem construtiva, pois deu um panorama geral da escola e teve a tentativa de passar a missão, visão e valores do Colégio. Muitas oficinas interessantes e falas inspiradoras como: a questão do gênero e sexualidade, a tecnologia e educação, e o jovem empreendedor; ou seja, assuntos atuais e de muito interesse dos públicos ali envolvidos.

[69] Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 27 out. 2018.

Figura 27: Falas inspiradoras

Fonte: *Facebook* Nave.[70]

Circulando pelo evento, perguntei à estudante do CEJL, que estava no corredor das oficinas e exercia a função de guia, Fernanda, como acontecia a dinâmica do evento e como ela se sentia fazendo parte do Nave de Portas Abertas. A aluna do 1º ano foi muito gentil e, rapidamente, fez questão de me acompanhar na visitação, levando-me às salas e às oficinas, mas respeitando o meu interesse em observar a movimentação, muito disposta a dividir com a pesquisa o que o Colégio possui de interessante e como estava satisfeita em estar ocupando aquele espaço. Fernanda falou que o evento é muito esperado pelos alunos. Relatou que todos estão envolvidos, desde o pessoal da limpeza, manutenção e seguranças até professores e alunos.

Além de guiar e mostrar os espaços, ela aproveita a oportunidade para fazer as oficinas oferecidas pelos seus colegas. Perguntei se estava na função por alguma obrigação, e ela respondeu que não tinha obrigação, pois, nos dias do Nave de Portas Abertas, no caso quinta e sexta-feiras daquela semana, não haveria aula. Então, o aluno que não quisesse participar não precisaria vir ao evento. Em seguida, questionei se de alguma forma aquele aluno seria punido por não participar. Fernanda respondeu:

> Não, pois esse era o princípio da escola. Fazer com que os alunos queiram estar naquele espaço por eles mesmos, e não por imposição, e que muito provavelmente o aluno que não estivesse envolvido com evento é por que não está satisfeito na escola. O Nave de Portas Abertas é muito maneiro para não participar.

[70] Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 27 out. 2018.

Perguntei o que ela achava da escola?

"Tipo, eu não esperava que fosse assim. Ela é muito maior que parece, mas eu já me acostumei e agora eu gosto. É muita coisa para fazer. Tenho que estar organizada, mas estou tendo muitas oportunidades".

Você veio estudar no CEJL por que quis ou foi por imposição da família? Já conhecia alguém que estudava na escola?

"Eu vim porque eu quis. O projeto que tá rolando aí [Nave de Portas Abertas]. *Eu vim no 9º ano".*

Quando você chegou aqui, qual foi seu maior impacto?

"Ficar muito tempo aqui dentro, o período integral. Escolhi multimídia. Mexe com muita matemática".

Você se sente hoje em dia fazendo parte da escola ou ainda há um distanciamento?

"Aqui, eu me sinto útil e, quando não tem aula, eu prefiro ficar aqui dentro do que em casa. Porque a gente pode conversar, mexer na internet e fazer coisas em grupo".

Quando você sai da escola, você consegue ficar longe de computador e interagir com outras pessoas?

"Fico, sim. Não sinto necessidade em estar mexendo toda hora no computador ou no celular. Quando acesso o celular é para entrar no Whatsapp *e falar com outras pessoas que não seja só da escola".*

Qual é a disciplina que você mais gosta e já sabe que profissão que quer seguir?

A que eu mais gosto é a de filosofia. E quero muito fazer Direito ou ser militar da Marinha".

Conversávamos no corredor em que ia iniciar uma nova oficina. Como eu queria participar, apertamos o passo. Fernanda me apresentou o estudante Luís, responsável pela oficina de modelagem em 3D. Participamos junto com outros alunos, pais e professores na oficina. Sentei ao lado do Rafael, que visitava pela primeira vez a escola. Ele é estudante do 9º ano da Escola Municipal Antonio Guimarães.

Perguntei se conhecia alguém para querer estudar na escola? Ele respondeu:

"Apenas recebi a programação e resolvi vir, pois tenho curiosidade em programação e já tenho um projeto com um amigo meu, que desenha muito bem. Mas, com provas, tivemos que parar nosso projeto".

Você está aqui sozinho? Está na escola por escolha sua ou de algum responsável?

"Vim com a minha avó, mas ela foi ao banco enquanto eu estou aqui olhando as oficinas. Eu que quero estudar no NAVE. Pela minha avó, eu teria que ir para escola naval, colégio militar ou Pedro Segundo, que está uma bosta".

E você não quer essas escolas por quê?

"Quero alguma coisa relacionada aos jogos, tecnologias, que seja mais pra frente".

Luís deu início à oficina de forma muito didática. Falou sobre a modelagem 3D e como ela poderia ser aplicada, as ferramentas que são usadas e como fazem para dar suporte às modelagens pesadas. Circulou durante a oficina e ia a cada mesa oferecendo massinhas, com cores diferentes, tirando dúvidas e dando muita atenção àquele público diverso. Luís é o aluno que passou pelo processo de ocupação e de mudança na escola e disse como foi importante o amadurecimento tanto para a escola como para os alunos.

Em seguida, ele me acompanhou até a sala onde estava tendo as orientações para o ingresso do Matricula Fácil aos pais presentes com a coordenadora Silvana, que, após a explanação da proposta da escola, conseguiu nos responder algumas perguntas sobre a escola e o processo de matrícula.

Figura 28: Acesso pelo Matrícula Fácil

Fonte: Facebook Nave.[71]

[71] Disponível em: <https://www.facebook.com/navecejll/>. Acesso em: 27 out. 2018.

O acesso pela Matrícula Fácil foi melhor do que o processo de vestibular?

"Acho que o Matricula Fácil permitiu o acesso de alunos que antes não teriam a oportunidade de ingressar na escola se fosse só pelo processo de vestibular. Esse fato contribui para a diversidade na escola e com isso fez com que a Direção e os professores estejam sempre em busca de aperfeiçoamentos".

Qual é o ponto negativo do Matrícula Fácil?

"Só dá acesso aos alunos da redondeza. A maior preocupação é em saber se aquele aluno quer estudar aqui, se ele tem esse perfil. Existem pais que colocam seu filho aqui na escola e não respeitam a vontade dele não querer. Pois buscam escola pública de qualidade com estrutura, mas não entendem que para o aluno não será benéfico, pois ele vai criar resistência para aprender e ficará muito tempo na escola".

Como foi o processo de transição na escola após a ocupação?

"Antes era muito mais rígido, tinha muitas regras. Nós entramos, após a ocupação com a proposta de uma gestão mais democrática. Só que eles prezavam por uma liberdade que não sabem usar. Falta maturidade. Nós pegamos algumas situações na escola que precisava que tomássemos providências. Entupiram pias, enfiavam bolinha de papel nos computadores... A Direção pegou várias fotos da realidade das escolas públicas que não têm esse investimento privado e reuniu os alunos para mostrar como é difícil estudar em lugar que não tenha infraestrutura básica, e dentro do CEJL eles estão tendo a oportunidade de ter uma escola limpa e organizada e eles mesmo estão danificando. Só que essa conscientização é trabalha desde o início do ano.

Há diferença de relacionamento entre as séries com a Direção?

"Sim, o meu terceiro ano passou pela transição da ocupação e é a primeira turma do Matrícula Fácil. Então, a relação dele com a escola é outra. Existem mais envolvimento e o segundo ano também tem um envolvimento, não tão grande quanto o terceiro ano, mas, em sua maioria, quiseram estar aqui e o primeiro ano, não. Pois, conforme vai aumentando a divulgação da escola e o número de interessados na escola aumentam, mas sem entender a dinâmica da escola, por isso o Nave de Portas Abertas para que os candidatos tenham essa oportunidade de conhecer a proposta da escola".

Os alunos são engajados?

"*Engajados só aqueles que querem estar aqui. Eles são proativos. O Nave é isso. Aqueles que são apáticos e não querem estar não se envolvem com nada.*

Como é a relação da escola com o Enem?

"Nosso foco aqui não é o vestibular. Ano passado, colocamos cerca de 70 por cento dos nossos alunos no Enem, mas não temos a obrigação de preparar para o vestibular. Nosso principal objetivo é que o aluno saia daqui para ser um bom cidadão lá fora".

3.2 **POR OUTROS CAMINHOS**

Com as dificuldades do retorno da autorização das escolas que inicialmente escolhemos para nosso objeto de estudo, percorremos outras que pudessem contribuir com a nossa pesquisa dentro do recorte que optamos por estudar. A Escola Fundação Osório, localizada no Rio comprido, Rio de Janeiro, nos permitiu dar continuidade à nossa pesquisa e a experiência foi muito gratificante e superou nossa expectativa. O desafio inicial foi desfazer o encantamento que tivemos com o CEJL com o Programa NAVE devido aos espaços criativos e pelo fato de a tecnologia pulsar nos corredores da escola. Era preciso olhar a Fundação Osório e buscar a singularidade, os encantamentos e as fissuras que uma escola criada em 1921 poderia nos afetar com tantas mudanças políticas e novos paradigmas no sistema educacional. Ao entendermos a escola como sujeita a um projeto histórico, foi possível perceber diferenças nas estruturas físicas e na proposta de ensino.

A Fundação foi criada inspirada em modelos de ensino do exterior. Na atualidade, propõe-se um projeto histórico contemporâneo, que envolve a família, os alunos e a escola. Talvez, o grande desafio do ensino que mistura tradição e disciplina seja trabalhar com as demandas da contemporaneidade, como nos elucida Hannah Arendt (1999, p. 135):

> Na medida em que o passado se transmite sob a forma de tradição, possui autoridade; na medida em que a autoridade se apresenta historicamente, converte-se em tradição. Walter Benjamin sabia que a ruptura com a tradição e a perda da autoridade que se verificaram no seu tempo eram irreparáveis, e concluiu daí que era preciso descobrir novas formas de relações com o passado.

As releituras de Paulo Freire (1979) nos ajudam a compreender a necessidade do movimento pedagógico que reestrutura novas formas de saberes, assim como aprender que as trocas com o educando se fazem com humildade e parcerias. Acreditamos que esta seja a magia de ensinar: o conhecimento com cumplicidade.

> O saber se faz através de uma superação constante. O saber superado já é uma ignorância. Todo saber tem em si o testemunho do novo saber que já anuncia. Todo saber traz consigo sua própria superação. Portanto, não há saber nem ignorância absoluta: há somente uma relativização do saber ou da ignorância (FREIRE, 1979, p. 15).

Inicialmente, após o Decreto 14.856,[72] em 1º de junho, a instituição foi planejada como *Orphanato Osório*, para atender às crianças órfãs de militares do Exército e da Armada, após a Guerra do Paraguai, sob a supervisão das freiras da Congregação Nossa Senhora da Misericórdia. Porém, somente em 1924, tornou-se conhecida, como é na atualidade, por Fundação Osório. Sendo assim, não seria possível um olhar comparativo entre as duas escolas a princípio, já que o tempo histórico era outro e isso demanda mudanças educacionais. Olhar a imensidão física e imaginar a mistura da ausência dos vínculos afetivos das crianças, o fato da direção de a Instituição ter cunho religioso (Congregação) e o Militarismo (em 1928, quando passou a ser administrada pelo Exército) foram ingredientes suficientes para impulsionar o relato desta pesquisa. Entretanto, busquei mirar nos pilares que a própria escola na atualidade se propõe: *Fundação Osório – formando hoje o cidadão do amanhã.*

[72] A Fundação Osório é uma entidade de direito pública vinculada ao Ministério do Exército, criada pelo Decreto nº 14.856, em 1º de junho de 1921, em 04 de janeiro de 1921 por força de decreto legislativo nº 4.235. Ver mais no *site* da Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/imagens/pdf/reginterno.pdf>. Acesso em: 27 out. 2018.

Figura 29: Placa Comemorativa da Fundação Osório

Fonte: *Site* da Fundação Osório.[73]

3.2.1 Mapeando o objeto

Ocupando uma área de 200 mil metros quadrados cercados pela mata atlântica, a escola fica por detrás de muitos verdes, um pontinho bem no alto. O patrimônio educacional foi construído nas propriedades de Santa Alexandrina no século XIX. A região recebeu, no período joanino, ingleses e pessoas com muitas posses, que adquiriram chácaras e casas próprias.[74] O bairro do Rio Comprido é a principal passagem da zona norte para a zona sul pelo viaduto Paulo de Frontin criado em 1967. Atualmente, a região é cercada por favelas como Turano, Fogueteiro e Querosene e o complexo de Paula Ramos. Dados do IBGE de 2012 demonstram que, apesar da quantidade de comunidades que integram o bairro, ele ocupa o 43º melhor índice imobiliário do Rio de Janeiro.

A escola atende a cerca de 900 alunos entre meninos e meninas. Inicialmente, na transição do orfanato para a Fundação Osório, a escola educava e amparava um pequeno grupo de meninas, assim como o Imperial Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ), em 1889, recebia apenas meninos. A mudança ocorreu em 1993, quando começou a

[73] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 29 out. 2018.
[74] Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/interagir/article/viewFile/25618/21496>. Acesso em: 18 nov. 2018.

admitir alunos do sexo masculino e continuou a instruir e educar desde primeiros anos escolares até o ensino médio profissionalizante com moldes nas escolas mais modernas da Europa.

Com relação à infraestrutura, os alunos contam com amplas salas de aulas, bem como dois laboratórios de informática, sob assistência profissional de professores, 48 equipamentos *Core 2 Duo*, laboratório de idiomas e um laboratório de Ciências Físicas e Biológicas, sala de artes, refeitório para 400 pessoas, salas administrativas, departamento de saúde para atendimento médico e odontológico, além de contar com um acervo de 12 mil livros acessíveis e informatizados para qualquer aluno fazer suas consultas e empréstimos. A biblioteca tanto contribui com os alunos quanto com os professores nas atividades didáticas. Por isso, o acervo é composto por diversas áreas.

Figura 30: Salas de aula

Fonte: *Site* da FO.[75]

Figura 31: Pavilhão administrativo

Fonte: *Site* da FO.[76]

[75] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 29 out. 2018.
[76] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 29 out. 2018.

Figura 32: Aplicação de flúor

Fonte: *site* da FO.[77]

O estímulo e o hábito da leitura são potencializados desde o ensino fundamental, quando os alunos fazem ciranda de livros com trocas feitas entre colegas, estimulando, também, o envolvimento da família. Outro projeto interessante que aconteceu neste ano foi com o 2º ano do fundamental – *Flor de Maio*. Os alunos vivenciaram valores importantes para a construção do indivíduo comunitário, bem como habilidades socioemocionais. O panorama de outros segmentos que não fazem parte do nosso *corpus* de pesquisa tem o intuito de embasar os pilares que a escola fundamenta desde o início do ensino. São 97 anos de construção em conjunto com a tríade escola-aluno-família. Além do privilégio da imensa área arborizada e da infraestrutura em salas de aulas, a escola também disponibiliza atividades extraclasses, que podem ser desenvolvidas na praça de esportes com área coberta. Possui o auditório equipado com capacidade para atender a 600 pessoas e sala de música para diversas atividades culturais.

[77] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 29 out. 2018.

Figura 33: Aula no abacateiro

Fonte: *Site* da FO.[78]

Figura 34: Apresentação do Coral

Fonte: *Site* da FO.[79]

Percebe-se que, pela rotina da escola, a proposta pedagógica é construída em conjunta com a comunidade escolar. O primeiro impacto é o tamanho da escola e a natureza que a cerca. Há relatos de micos roubando lanches de crianças quando há café ao ar livre, e isso é mais um motivo de descontração. O segundo é a disciplina e zelo com o espaço e a manutenção do espaço físico da escola, segurança na portaria e ninguém entra sem identificação. Há um jardim lindo, que foi construído em conjunto com as crianças e doações dos pais de semente e ferramentas, assim como a horta. A atividade desenvolvida trabalhou o processo de conscientização da natureza e a alimentação saudável. O terceiro é a busca pelo desenvolvimento tecnológico como ferramenta facilitadora, o que o pensamento de Freire (1979, p. 11) nos ajuda a compreender essa realidade: "Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo

[78] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 29 out. 2018.
[79] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 29 out. 2018.

prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa", o que fortalece a troca de conhecimento a partir das experiências vividas e o estreitamento de laços entre professor e aluno.

3.2.2 Formando cidadão

Cheguei por volta de 6h15 e o portão principal já estava aberto para receber os alunos. A escola se preocupou com a organização do trânsito no entorno. Com isso, as filas duplas não se formaram. O desembarque é bem rápido e organizado, e a preocupação não foi só para atender aos pais e aos alunos, mas também para não gerar caos na vizinha. No portão principal, para receber os discentes e inspecionar os trajes, ficam a inspetora e o coronel Godoy, chefe do corpo de alunos.

Figura 35: Portão Monumental – Entrada Principal

Fonte: *Site* da FO.

Figura 36: Formatura Dia da Bandeira

Fonte: *Site* da FO.

Outro ponto de suma importância é o quesito limpeza e o bom estado dos uniformes, assim como sapatos engraxados. Para as meninas, o uso de saia ou calça, cabelo preso com rabo de cavalo ou coque. Em dia de formatura, geralmente às sextas-feiras, o uso da boina e luva branca é obrigatório para todos os segmentos e sexos. No

caso das meninas, é necessário o uso do coque para utilizar a boina. Com o cabelo bem curtinho, e desde que não encoste à gola da blusa, ele poderá ficar solto. Os brincos devem ser pequenos e não ultrapassar o lóbulo da orelha. Já para os meninos, a exigência está no cabelo com corte reto e sem barba.

O colégio oferece café da manhã para aqueles que desejarem até às 06h45. A tolerância de atraso é de cinco minutos. Às 7h05, o portão principal é fechado. O jovem que por ventura se atrasar e ultrapassar o limite de tolerância deve aguardar o próximo tempo de aula para entrar em sala; e se for aula dupla, entrará no terceiro tempo e na caderneta é carimbado como atrasado. Na segunda guarita, observo a subida dos alunos. Todos cumprimentam o funcionário responsável pelo portão, o sr. Silva, muito afetuoso e comunicativo com os alunos. Nesse dia específico, era o período das últimas provas bimestrais. Havia uma tensão nos alunos. Alguns estavam sentados em roda com papel na mão tirando dúvidas entre eles antes de entrarem em sala.

O pátio, aos poucos, foi esvaziando. Já era início do turno. Não é permitido que o aluno fique fora de sala a não ser que esteja passando mal. Então, é encaminhado para o departamento de saúde. Em seguida, fui encaminhada ao Pavilhão Marquês do Herval. Os pavimentos são divididos da seguinte forma: no primeiro andar, é a sala da psicóloga; no segundo andar, subindo as escadas largas de mármore, ficam as salas do 1º ano; e no terceiro andar fica a sala do terceiro ano. Interessante que em cada pavimento havia no corredor um espelho de tal modo que desse para o aluno se olhar por inteiro e corrigir os trajes do uniforme caso fosse necessário: *"Aluno corrija sua apresentação individual"*, o que chamou muita atenção, pelo fato de o objeto (espelho) materializar o princípio de coerção e, com ele, o poder de regulamentação, o que nos remete à obra de Foucault (2003).

Figura 37: Pavilhão Marques Herval

Fonte: *Site* da FO.[80]

Já o segundo ano fica em outro prédio chamado Pavilhão Epitácio Pessoa, junto com o ensino fundamental II, localizado no último andar, conhecido como "céu" por ser muito alto.

Figura 38: Pavilhão Epitácio Pessoa

Fonte: *Site* da FO.

No momento da espera, chega à recepção o professor Alden, que leciona Português no ensino médio, para falar um pouco sobre o suporte EAD criado na escola como facilitador de ensino para atender ao aluno. Ele nos relata que o projeto existe há quatro anos e tem por objetivo ser uma ferramenta que disponibiliza atividades complementares, aulas e *chats* com professores, entre outras funções ainda a serem desenvolvidas. O ambiente virtual foi desenvolvido por dois professores, que uniram suas atualizações profissionais e compartilharam os conhecimentos adquiridos para trazer à Fundação Osório uma nova prática de ensino, que facilita o processo comunicativo entre o educado e o educando. Uma ação motivadora, que reforça a ideia

[80] Ver mais no site Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 29 out. 2018.

de Sodré (2013, p. 202) sobre a manifestação concreta de um território, que o professor ocupa:

> O lugar do professor permanece, entretanto, como o de um agente motivador e guardião dos modos de compreensão e significação dos saberes concretos. É possível, assim, especular – nos contextos em que a simples instrução deva ser complementada por educação – sobre a função política, ética ou iniciática do professor, o que pressupõe como imprescindível a sua presença.

O Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), hospedado na plataforma *Moodle*, surgiu a partir do projeto de especialização do professor de Física, Eduardo Ferreira, do Núcleo de Estudos sobre o Uso de Novas Tecnologias Digitais e Pesquisa Científica, como suporte ao ensino na Fundação Osório (2007), em união com a especialização do professor Alden em Planejamento Implementação e Gestão de Educação a Distância (PIGEAD*)*. O AVA ganhou força para ser desenvolvido em parceria e trouxe, a partir das tecnologias digitais, as experiências de práticas pedagógicas que potencializam o ensino-aprendizagem e a comunicação da escola com o mundo. O projeto nasceu de forma ascendente, dos professores para a Direção. Isso gera uma força de engajamento e vontade de transformação, que conquistou a adesão e o interesse do corpo docente de se apropriar das novas ferramentas.

O intuito de trazer as novas tecnologias digitais para dentro da Fundação é para propiciar ao professor uma atualização profissional e conectá-lo a uma didática que se comunique com a realidade e demandas sociais. Percebe-se que novas configurações na comunicação mexem com estruturas importantes e essenciais para sociedade como é o caso da escola. E quando se observar um movimento de envolvimento por parte de professores, de tentar compreender as novas necessidades por parte da sociedade, demonstra a relação orgânica e necessária entre a comunidade educacional e os fatos sociais. Segundo Raymond Williams (2011, p. 54),

> as decisões educacionais têm uma relação orgânica com as decisões sociais envolvidas na organização prática, por isso, para discutirmos educação, devemos examinar, em termos históricos e analíticos, essa relação entre ensino e estrutura social.

Nossa conversar sobre a introdução da plataforma multimídia aconteceu no banco da entrada do Pavilhão Marquês do Herval. Ao redor, uma vasta vegetação e o falatório que se iniciava no pátio, pois, bem próximo dali, era a hora do recreio. Ficamos no caminho de trânsito das pessoas entre o Pavilhão e o pátio. De maneira

muito atenciosa, o professor Alden nos contou que o projeto começou de forma muito tímida a partir da necessidade dos próprios alunos: *"Via- se a necessidade de dar continuidade de algumas disciplinas para facilitar o aprendizado, como também um mecanismo de aproximação entre o professor e o aluno através de um ambiente virtual"*.

Ele nos relatou que o processo inicial foi interessante, pois, aos poucos, alguns professores vinham tirar as dúvidas de como inserir determinado vídeo, exercícios complementares no AVA, ou até mesmo os alunos cobravam daquele professor a inserção da disciplina na plataforma. Então, esse processo foi um ganho de aprendizagem para o docente por poder se familiarizar e usar o suporte em favor da sua disciplina, como também ao aluno por facilitar e aperfeiçoar seu tempo e estudo. Logo em seguida, do início da entrevista, chegou o professor Rafael, de Informática, que falou, rapidamente, como a informática vem atuando e sendo acionada nessa implementação tecnológica:

"Os alunos do ensino médio são os que veem mais a parte de tecnologia. O terceiro ano do médio está desenvolvendo uma página de internet e o segundo ano está aprendendo sobre o algoritmo".

Perguntei se há muita dificuldade de entender a função do algoritmo.

"Eles não têm muito a compreensão da função do algoritmo, pois não veem isso desde pequeno. Por isso, a escola tem um projeto de implementar essa parte para os pequenos. Trazer um pouco da noção de lógica para as crianças. Está começando um projeto de robótica com os pequenos, para eles começarem a se familiarizar e quando chegar no médio não terem tanta dificuldade".

E o algoritmo ligado ao tema de *Fake news*, como eles ajudam ou atrapalham a notícia. Eles já têm alguma noção?

"Eles ainda não têm essa noção, pois é uma explicação ainda introdutória mostrando que o algoritmo é a base de tudo para desenvolver o sistema, pois esse entendimento é dentro do curso técnico de Administração".

Logo, nossa conversa foi interrompida, pois era o fim do intervalo e ele precisava ir para a sala de aula. Voltamos, então, a conversar com o professor Alden, que ficou ao lado o tempo todo, buscando professores que pudessem contribuir com a nossa pesquisa, passando um pouco da experiência com a plataforma. Ele continuou relatando qual era a função do ensino a distância (EAD) para os alunos:

"Para os alunos, o EAD é mais um suporte de aula para postar matérias, é mais uma ferramenta para contribuir com os estudos. Eles recebem a informação e ainda não há uma participação efetiva dos alunos na plataforma. É apenas um auxílio a mais para ajudar".

A aprendizagem colaborativa, a partir da criação da plataforma AVA, possibilita a construção do saber em parceria. Quanto maior o envolvimento dos professores em conjunto com as necessidades dos alunos, será maior a quantidade de informações compartilhadas pelos canais disponíveis na própria plataforma.

> A aprendizagem humana é possível pela ação de um midiatizador [...]. Trata-se de alguém que se interpõe entre os estímulos e o organismo para captar da mente do mediatizado as significações interiorizadas que advêm da própria experiência da aprendizagem [...]. O mediador procura provocar, no estudante, "estados de alerta, de processamento, de planificação e de transcendência, mudanças e arranjos de informação autônomos, modulando o tempo, o espaço e a intensidade dos estímulos, humanizando-os e conferindo-lhes significação". Dessa maneira, são desenvolvidos "instrumentos psicológicos mais aptos e flexíveis para produzirem soluções (respostas adaptativas) às situações-problema 'provocadas' pela natureza e pela cultura" (FONSECA, 1998, p. 9).

Os professores que utilizam a plataforma para darem suporte aos alunos sentiram dificuldade para manipular ou ela é de fácil acesso?

"Tanto eu quanto o professor Eduardo damos o suporte aos professores que têm interesse ou dificuldade para acessar e manipular. Procuram-nos para saber como inserir m texto, questionários e, com isso, compartilhamos o passo a passo para os professores que têm interesse, em colocar material em pdf, um vídeo".

Existe uma procura dos professores para usarem essa plataforma ou há muita resistência?

Há mais uma procura da escola. Por exemplo, no conselho de classe, observou-se que havia 60 alunos em recuperação em Física no universo de 100 alunos. Então, foi sugerido a gravar um vídeo para colocar na plataforma, e os alunos pudessem tirar as dúvidas. Entretanto, só o vídeo não seria suficiente, pois a Direção da escola achou melhor ter a recuperação de forma presencial.

Essa demanda da Direção em relação à aula presencial seria por julgar que na plataforma os alunos não iriam acessar?

"Acredito que seja uma visão de que o aluno não teria a responsabilidade de acessar o vídeo e ter a disciplina de assistir, estudar e tirar as dúvidas".

Nesse momento da entrevista, passava a turminha do terceiro ano do ensino fundamental para a aula de Informática e Robótica, na qual também fazem a utilização de jogos. Meu olhar para as crianças foi imediato e acabei interrompendo a entrevista. Elas estavam animadas para a aula. Era uma bagunça organizada. Todos falando ao mesmo tempo e a tia pedindo fila indiana. Retomamos a nossa conversa e dividi o olhar da tecnologia como um aparato facilitador no nosso cotidiano e refletíamos como seria o lugar do aluno de hoje na sala de aula, já que está para além de ser um receptor de informação e conhecimento, mas também como produtor. Como é lidar com esse aluno em sala de aula? Vocês utilizam alguma tecnologia dentro de sala, nem que seja por meio do celular como complemento e interação em sala?

"Olha, eu, como professor de Português, sofro muito esse assédio dos alunos em relação a saber responder tudo. Eles acham que o professor de Português é um dicionário ambulante [brinca o professor]. *Um dia, estava no meio da aula, e o aluno me perguntou o que significava determinada palavra que não tinha nada a ver com o assunto. Eles brincam de um jogo de completar e não sabiam o significado de alguma palavra. Então, perguntei em que contexto estava a palavra, e ele não soube responder. O que percebo é que eles têm muita informação, mas o aluno não sabe contextualizar a informação. Falei pra ele entrar no* Google *e ver o significado da palavra e junto com o contexto ver o melhor significado. Acho que o que temos que tomar cuidado como professor é para que a tecnologia não deixe de ser uma ferramenta e vire um amuleto e que eles não consigam viver sem a tecnologia por exemplo. Esse aluno não conseguia adaptar a necessidade fora da ferramenta. Pedia o contexto da palavra para entendermos o seu significado dentro do texto e não era isso que queria. Ele buscava a definição pronta e esperava que eu respondesse prontamente".*

Os jovens estão tendo mais acesso à informação sem saber lidar com ela, isso não seria um problema para a educação do Brasil?

"Antes, nós vivíamos o analfabetismo funcional e, agora, a tendência é empurrar a informática pra tudo como se esta fosse a solução. Porque até pra que isso aconteça, você tem que estar capacitado".

Na escola, existe esse investimento nas plataformas multimídias para adequar a essa nova realidade pedagógica?

"Não. Implementamos o EAD aqui na escola com muita dificuldade, mas hoje é uma realidade e basta acessar a página da Fundação Osório e vai aparecer o ambiente

virtual, que direciona para sala virtual e tem todas disciplinas. Esse já é nosso maior ganho".

Ainda sentada no banco, tentando entender sobre o AVA, passava a tenente Roberta, de Informática. Logo, o professor fez questão de nos apresentar e pediu para que ela falasse um pouco sobre o uso da tecnologia na Fundação. Esse momento foi muito bom, pois essa sintonia e envolvimento com a nossa pesquisa eram muito incentivadores. Naquele instante, percebi que não sairia dali sem minhas entrevistas ou possíveis respostas.

Roberta nos relatou que nem todas as matérias utilizam a tecnologia com potencialidade na plataforma e que a questão da ludicidade fica por conta dos pequenos. Achei interessante saber dessa informação com relação ao ensino fundamental, pois mostra como a escola está remodulando o ensino básico, para se adequar a essas novas necessidades do mundo e da educação. Ela também acrescentou:

"No ensino médio, a parte técnica dos algoritmos e as matérias tecnológicas que eles veem são para apoiar o ensino técnico de administração. Temos os softwares *básicos, e no ensino médio tanto o segundo como o terceiro anos já aprenderam programação e programação* web*. Com relação ao Programa Nave, que você pesquisou lá, eles têm um curso técnico de editoração/programação, parecido com a Faetec. E o fato da escola não ter o técnico integral, como nessas outras escolas, também prejudica. Eles só têm um tempo de aula semanal. Sendo assim, a proposta não é o aluno saber a informática, e, sim, fazer com que a informática apoie o técnico dele. O primeiro e o segundo anos recebem a programação* web*, mas como um* plus *para facilitar o técnico no terceiro ano. A parte de programação e programação* web *não é interessante pra ele, pois ele não será um programador* web*, sai do foco do que precisa para o técnico de administração e contabilidade".*

Então, você acha que o tempo que disponibiliza para a informática na grade escolar ainda é pouco?

"Nós só temos um tempo de informática e dois a três tempos de contabilidade. Nenhum curso técnico funciona só de manhã ou com a quantidade de tempo tão inferior. Então, acaba tendo uma perda".

Como são os equipamentos e o suporte da informática?

"Tem suporte técnico e laboratorial. A parte do técnico de administração tem um escritório modelo, que está retomando agora, pois o responsável por esse escritório era o professor Carlos, que veio a falecer e o projeto ficou parado, mas foi a partir da

sua iniciativa que o projeto nasceu. Estamos com muitos projetos ainda na escola e deve haver mudanças sobre a questão do uso da tecnologia na Fundação. Por exemplo, a aula de Robótica teve seu início a partir de um evento que aconteceu em Brasília, o 3º Desafio Global do Conhecimento,[81] *envolvendo o colégio militar, e com isso passamos a ter toda quarta-feira aula de Robótica, para capacitar aos professores para darem aula. Inclusive, recebemos a parceria do bombeiro, que tem a formação técnico em eletrônica, para ajudar a explicar a parte de solda, montagem. Estamos na fase de teste para saber como os alunos irão receber esse estimulo. Até ano que vem, vai sair. Estamos até fazendo apostila. Depois, eles terão que ver como será encaixado o horário da robótica dentro da grade que temos disponível".*

Figura 39: 3º Desafio Global do Conhecimento

Fonte: *Site* da FO.[82]

Despedimo-nos e ela seguiu em direção à turma, à qual iria dar suporte no 2º ano do ensino médio. Precisei também me despedir do professor Alden, que tinha reunião. Naquele mesmo dia, marquei de assistir a uma aula com a professora de Português, Bianca, que usa o suporte multimídia para dar aula e interagir com os alunos. Enquanto aguardava a professora, observava a vista dos corredores e tentava imaginar como seria viver dentro de um orfanato e, posteriormente, vivenciar a experiência de um colégio,

[81] O 3º Desafio Global do Conhecimento teve como tema central "Inovações para conservação do meio ambiente e a transformação da sociedade do futuro". O objetivo do evento, além de promover a cultura da educação ambiental, possibilitou o contato dos jovens com a pesquisa científica. A Fundação participou da atividade MUNDO CM (jogo de simulação de órgãos internacionais, segundo modelo da ONU, que visa a desenvolver entre os alunos habilidades intelectuais e acadêmicas em um espaço pautado pelo pensamento crítico-reflexivo) e das Olimpíadas de Matemática. Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.

[82] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.

que buscava a excelência do ensino e a formação de pessoas. Tudo muito encantador. O sinal tocava, era hora da mudança de sala. Lá, vinha a professora Bianca ofegante e com passo apertado. Trazia consigo *laptop*, livros, bolsa e fonte. Desceu a escada correndo. Seguimos em direção ao prédio do 2º ano no outro pavilhão.

Subimos uma leve ladeira íngreme, cruzamos o pátio e chegamos ao prédio. Subimos alguns lances de escadas e, no final do corredor largo e imenso com pastilhas no chão desenhadas bem antiga, chegamos finalmente à sala. Uma verdadeira maratona! A professora respirou e já chegou brincando e mexendo com os alunos. Em seguida, fez um breve resumo da aula anterior recapitulando os pontos estudados e fazendo articulações com outros períodos e autores. No fim da introdução do que seria trabalhado em sala naquele dia, apresentou-me à turma e passou-me a palavra.

Apresentei-me à turma, disse qual era o objetivo de estar naquela aula com eles e começamos a interagir. Perguntei como era ficar sentado escutando a aula, se eles mexiam no celular enquanto a professora estava explicando a matéria e, caso isso ocorresse, o intuito era acessar as redes sociais ou se o acesso teria alguma contribuição com aula. As respostas foram automáticas. Os nomes dos alunos citados são fictícios:

> Com certeza, mexemos! Porque enquanto estamos aqui, tem gente postando coisas legais e aí preciso comentar (Matheus, 16 anos).
>
> Eu presto atenção na aula e ao mesmo tempo abro o Facebook (Andreza, 16 anos).
>
> Depende da matéria. Tem aula que é muito chata. Então, ou mexe no celular, ou dorme (Carlos, 16 anos).
>
> Ahhh! Mas tem aula que a gente também acessa pra lembrar de alguma informação que o professor quer completar. Então, depende de como o professor dá a aula (Bia, 16 anos).

Todos eufóricos e atentos ao que era conversado. Perguntei sobre a plataforma e disseram que ajuda muito, pois há aulas que têm muito conteúdo, e por ter disponibilizado a matéria no ambiente virtual, eles poderiam visitar as matérias com as quais tiveram mais dificuldades: *"Nós já contamos com o apoio do ambiente"*, ressalta Vinícius (16 anos).

Era preciso acalmar a turma, cessar a conversa e dar início à aula. Saímos do assunto tecnologia e fomos para a aula de Parnasianismo, no período de Olavo Bilac, um dos maiores representantes do período parnasiano no Brasil. Foi uma viagem no tempo retornar à sala de aula com estrutura antiga e largas escadas e escutar aula de

Literatura. Enquanto a professora usava o retroprojetor para passar *slides* que explicavam o período literário, ao mesmo tempo fazia perguntas aos alunos. Pedia para que lessem alguns textos, o que mantinha, de certa forma, a atenção dos alunos. Ainda que a aula estivesse bastante dinâmica, havia grupos mexendo no celular e alguns fazendo *selfies*.

A aula prosseguia. Pensei se não seria o modelo tradicional de educação como um período parnasiano, que prezava pela estética e estrutura fixa da didática e dos projetos pedagógicos. Ao fim, retornamos ao Pavilhão Herval, onde fica a sala dos docentes, e, no caminho, a professora relatava as dificuldades da desmontagem de equipamento de uma sala para a outra e o tempo que se perdia.

Perguntei como era distribuído o uso do equipamento multimídia pelo professor. *"O projetor, existe o de uso individual e dois para todo o ensino médio. Então, ficam sem suporte às vezes"*. A professora também comentou sobre a atuação no ambiente virtual:

> É como um facilitador para a rotina do professor, que acaba criando um banco de dados do que foi produzido ao longo do ano letivo. A troca imediata com os alunos contribui como feedback do trabalho desenvolvido além do uso de suporte multimídia para dinamizar as aulas.

Outro fato interessante são as aulas ao ar livre, porém com o uso do projetor como suporte para torná-la mais didática. A professora Bianca ultrapassou as paredes da escola e aproveitou a luminosidade do dia, para romper também com velhos padrões de ensino, com o evento *Vanguardas Europeias*, o que nos remeteu à ideia de Freire (2003, p. 45): "O papel do professor e da professora é ajudar o aluno e a aluna a descobrirem que dentro das dificuldades há um momento de prazer, de alegria".

Figura 40: Aula ao ar livre – Literatura

Fonte: *Site* da FO.[83]

Conversamos, também, com o professor Eduardo, de Física, que foi quem desenvolveu as ferramentas de aprendizagem na plataforma da Fundação (AVA). Naquela semana, o colégio estava bem agitado devido às provas do quarto bimestre, que estavam ocorrendo.

Na semana seguinte, retornei à FO, cheguei por volta de 7h15 no colégio, identifiquei-me na portaria e aguardava a liberação para a entrada no prédio. Fui direcionada para a sala dos professores. Em seguida, chegou o professor Eduardo. Gentilmente, ele nos concedeu a entrevista, para que pudéssemos entender como surgiu a ideia de criar uma plataforma para a Fundação Osório e como foi o processo de criação e de implantação na escola.

Ele iniciou a nossa conversa dizendo que, inicialmente, o projeto era o trabalho de finalização da pós-graduação em 2007 na Faculdade CCAA. Em seguida, desenvolveu cinco propostas para a Fundação Osório na época:

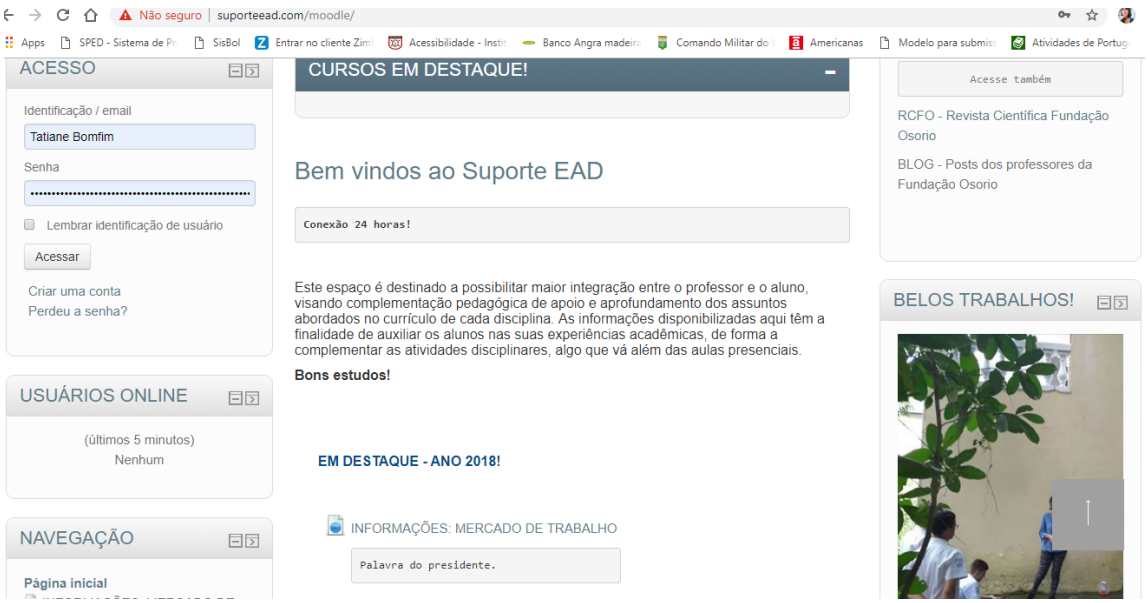
> Coloquei no CD e trouxe para a Fundação, que era outra Presidência. Não houve interesse naquele ano em desenvolver o projeto sugerido. Porém, com essa nova Direção, surgiu o interesse e o entusiasmo em colocar em prática os projetos que desenvolvi.

Relatou que iniciou de forma independente e montou um projeto para facilitar o trabalho dos professores. Criou o domínio com suporte em EAD e instalou no *Moodle*, uma plataforma gratuita, o ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Começou a

[83] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.

divulgar para os alunos, e dois professores, inicialmente, também se interessaram e queriam aderir ao uso da plataforma para suas disciplinas. O efeito positivo da plataforma foi tão rápido que os próprios alunos começaram a cobrar de outros professores, os quais ainda não estavam na plataforma, que disponibilizassem seu trabalho no ambiente virtual. O processo de inserção da plataforma teve início em 2015.

Figura 41: Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)



Fonte: *Site* da FO.[84]

A ferramenta disponibiliza muitas atividades videoaula, o que acaba sendo um facilitador entre aluno e professor. Nesse momento da entrevista, o professor acessou a plataforma e demonstrou como a ferramenta funciona:

"Pode acrescentar recursos e atividades. Pode-se criar página web, *pastas e disponibilizando a URL pra não carregar os servidores. Tem* chat *e o professor consegue falar com o aluno em tempo real".*

Qual seria o impacto das tecnologias educacionais na maneira de educar na Fundação Osório?

"O uso das novas tecnologias da informação em comunicação na Fundação Osório é uma exigência hoje em dia. Não quer dizer que irá substituir nada, mas complementa as aulas presencias.

[84] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.

Essa ferramenta depende muito do professor, e do interesse dele em querer usar essa plataforma ao seu favor. Há certa resistência por parte de alguns professores. Então, para esse ano, decidimos que todas as quartas-feiras seria reservado para reunião. Será como uma formação dos professores por segmento. Existe muita coisa que ainda não é utilizada na plataforma. Caso precise, é possível até ter avaliação online*, e isso é um grande avanço".*

Todos os alunos têm acesso à internet, para ser possível fazer essa prova *online* no colégio?

Ainda que não tenhamos o wifi *disponível no momento ao aluno, eles têm acesso à internet e, inclusive, existe um aplicativo da plataforma que é gratuito e usado no mundo da educação. Cada aluno tem um* login*. Eles fazem a inscrição para ter acesso e se cadastram na matéria com o* login *geral.*

A plataforma é interativa e oferece muitos recursos. Ele poderá fazer: fóruns, glossário, laboratórios de avaliação, pesquisa, questionário, propor tarefa. Pode-se fazer webconferência. É só instalar o plug*.*

Como foi a inserção desse projeto na FO?

O projeto começou com o Moodle*. Só que agora tem três frentes. A principal é que o professor se aproprie da plataforma, por isso que o treinamento com os professores precisa ser por segmento. A ideia é aperfeiçoar com o tempo. Existe um programa que permite usar um* pen drive *com 20 questões, por exemplo, e selecionar as questões dá prova, isso é um facilitador para o professor. E, com isso, economiza papel e tempo.*

Existe comunicação entre os administradores do suporte e a seção de informática?

Sim. Temos suporte na parte de gestão de servidor, que fica com o cel. Everton. Com o passar do tempo, vieram outras demandas, pois os professores, em sua maioria na FO, possuem mestrado e doutorado e começaram a solicitar produção de pesquisa, e, com isso, criamos a revista cientifica que está disponível no site*".*

Figura 42: Revista Científica FO[85]

Fonte: *Site* da FO.[86]

Figura 43: *Blog* suporte EAD

Fonte: *Site* da FO.[87]

E como faz para gerenciar a revista científica?

"Tem um ano, é recente, mas já tivemos duas publicações e está evoluindo. Nessa revista, só há artigos científicos do professor. Não há produção do aluno. O professor Paulo fica à frente com a publicação dos artigos".

E as tecnologias educacionais, onde entram no seu projeto para a Fundação?

"A parte de tecnologias educacionais, a ideia é pesquisar novas mídias adequadas ao ensino médio e ao fundamental. Começar a trabalhar com mídias e personagens.

Teve resistência de algum professor ou dificuldade em operar a plataforma?

---

[85] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.
[86] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.
[87] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.

"Não houve resistência de professores, e sim dificuldade em operar o sistema, ainda que seja fácil, era uma questão de familiaridade, e há interesse entre os professores em aderir. O que se observa é que falta mais uma maior frequência e discutir as ideias para oficializar".

Como foi a reação dos alunos com a plataforma?

"Foram ótimas. Totalmente engajados até porque, pela praticidade, sabem que qualquer dúvida ou dificuldade basta acessar na plataforma. Todos os dias eles entram".

Há diferença entre os professores que usam mais a plataforma do que outros?

"Todos estão em dia com a postagem das matérias na plataforma. Quando acaba o bimestre, pode esconder as matérias postadas, e isso faz com que o aluno tenha responsabilidade para acessar no tempo ideal para estudos. É possível, inclusive, monitorar os alunos, os pais podem rastreá-lo, dá pra ver a quantidade de tempo que fica na plataforma e ver as atividades em que desenvolve, e isso acaba passando um perfil do aluno, e ajuda a dar o feedback *necessário caso haja dificuldades encontradas pelo aluno. Tudo ainda está sendo ajustado para tornar uma rotina, que é fazer os trabalhos com os professores e mostrar outras atividades, que podem ser desenvolvidas. Também, para os alunos, comunicar aos pais, que como responsável, podem acessar, monitorar e compartilhar".*

O que se percebe é um trabalho desenvolvido a partir do olhar do professor em favor da atualização da escola e atendendo às novas necessidades dos alunos e dos professores. Ainda estão em andamento outros projetos, que irão facilitar o trabalho do professor e com a possibilidade de atender à demanda dessa nova linguagem tecnológica dos alunos. Essa preocupação da escola em introduzir a tecnologia como um meio facilitador de trabalho nos remete ao que Manuel Castells, na Conferência Movimentos sociais em rede e processo político na era da internet, no ano de 2015, em Salvador, explicitou com relação à importância da tecnologia e educação:

> [...] A educação depende fundamentalmente de um elemento: os professores. Bons sistemas educacionais são aqueles que têm bons professores. Introduzir a internet nas escolas é muito positivo, mas apenas se os alunos têm um guia não em utilizar a internet, porque os alunos já sabem, não é preciso professores para isso. Eles podem até ensinar os professores, como ensinam seus pais. A questão é como os professores podem ter a capacidade intelectual, a iniciativa e as formas pedagógicas para guiar os alunos no que

> devem buscar na internet e fazer com o que encontram para sua formação e sua educação.[88]

É difícil gerenciar todos os projetos?

"Dá trabalho a manutenção e a atualização. Também, temos um projeto do blog *na escola,* Facebook*, suporte EAD, que precisa ser atualizado. Colocamos o projeto Enem, para que os alunos tenha acesso e se familiarizem com o formato da prova e das questões. O primeiro foco é cuidar do professor nesse novo mundo do educar a partir das tecnologias".*

Existe um investimento inicial na formação e na facilitação do compartilhamento do conhecimento e dos conteúdos em um ambiente virtual. São professores engajados com vínculo, afeto e forte interesse da Instituição de levantar a bandeira da tecnologia. Ainda que seja uma escola tradicional, está atualizada com as modificações na sociedade. Além dos trabalhos expostos, há outros projetos que serão implementados na escola, a fim de potencializar as tarefas e o conhecimento. Um dos exemplos é o estudo da inserção da Plataforma *Kanã Kalil* voltada para a matemática. O professor e o aluno se inscrevem. Depois de montarem a turma, gera-se um código ao professor, que direciona as matérias e registra tudo. Seria uma forma de complementar a matéria que foi esgotada. A proposta sugerida pelos professores nos retoma à ideia de Levy (2008, p. 172).

> Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses processos de transação do conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais e, sobretudo, os papéis de professor e aluno.

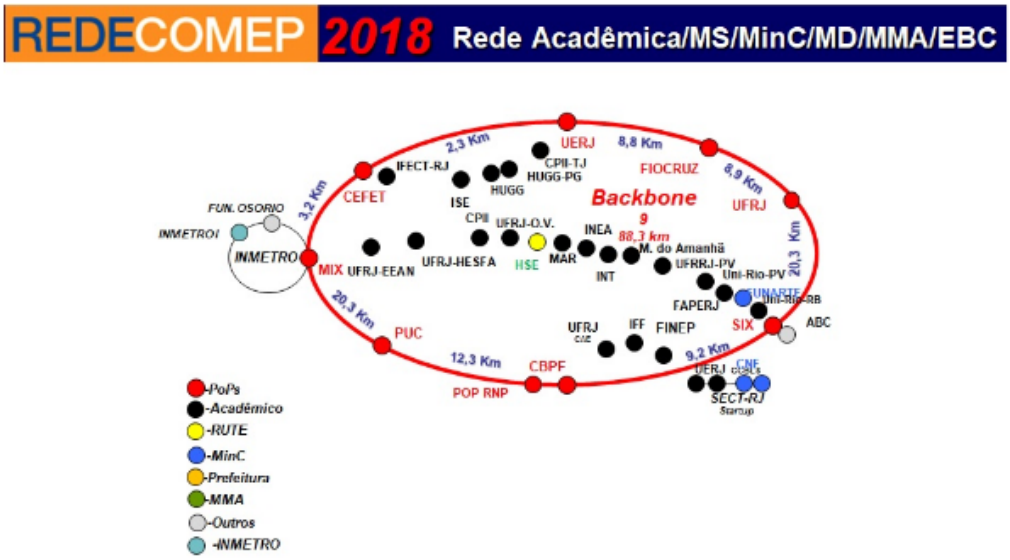
Na plataforma, é possível trabalhar com missões e até competição que estimule no aluno a vontade de querer aprender cada vez mais. Há videoaulas com disponibilização de exercícios. Caso o aluno não consiga acertar, é possível retomar o vídeo e corrigir seu erro, o que poderia substituir a recuperação. Seria um ensino híbrido, e não totalmente a distância; um facilitador e suporte. As possíveis mudanças e os projetos em andamento buscam potencializar o aprendizado e criar o diálogo em rede, assim como a formação moral e ética está presente no dia a dia da Instituição.

---

[88] Ver matéria no *site* do Fronteiras.com. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/noticias/manuel-castells-responde-a-pergunta-braskem-tecnologias-na-educacao>. Acesso em: 15 dez. 2018.

O trabalho é construído de forma coletiva e com o apoio da Diretoria da Divisão de Ensino. Outro aspecto importante a ressaltar é o fato de a Fundação Osório fazer parte das Redes Comunitárias de Educação e Pesquisa (REDECOMEP), que possui como objetivo implementar redes de comunicações com dados de alta velocidade. Com isso, é possível viabilizar um sistema de educação a distância, que facilite e otimize a instalação de aplicativos. Assim, o processo de informatização da escola é uma conquista diária.

Figura 44: REDECOMEP 2018



Fonte: *Site* da FO.[89]

Vale lembrar que existe um investimento no trabalho de aperfeiçoamento das equipes com o intuito de atualização pedagógica para os inspetores e professores. A Fundação promoveu o café da manhã, a fim de compartilhar contribuições para a melhoria na educação e na saúde da criança. Foram ministradas palestras sobre Vygotsky e Piaget. Em seguida, promoveram o debate com temas educacionais e do cotidiano com troca de experiências a partir dos relatos vivenciados. O encontro contou com a presença da Direção e dos inspetores. Outros pontos também debatidos foram as questões em torno do Estatuto da Criança e do Adolescente. Quem ministrou a palestra foi o conselheiro tutelar da Seção da Tijuca.

[89] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.

Criar este círculo de envolvimento entre os funcionários e a atualização permanente faz com que toda a equipe vislumbre uma educação focada na excelência do ensino, podendo, assim, definir prioridades à frente das exigências que o contexto social traz como pautas para a escola. O diálogo proposto pela Direção aos integrantes da Fundação remete ao pensamento de Freire (2000, p. 34) com relação à educação e a participação comunitária:

> Fazendo educação numa perspectiva crítica, progressista, nos obrigamos, por coerência, a engendrar, a estimular, a favorecer, na própria prática educativa, o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao que fazer educativo.

Figura 45: Estágio de atualização pedagógica para inspetores e professores

Fonte: *Site* da FO.[90]

Quando a educação contribui com as vivências comunitárias, ela produz a capacidade de formar pessoas participantes, o que torna esse ato de compartilhar experiências uma ferramenta metodológica em prol da transformação nas diretrizes pedagógicas que a escola se propõe a fazer. Interessante observar que, quando há um rompimento da verticalização das relações na escola, a partir do diálogo, as práticas pedagógicas passam a ser elaboradas desde uma escuta colaborativa com formação de alunos-cidadão sintonizados com o futuro.

> A Fundação Osorio é uma verdadeira escola de vida, que prima por uma excelente formação intelectual, física, social e religiosa de seus alunos, e se inspira no seu patrono, o General Osório, para conquistar seus objetivos e manter-se fiel ao seu lema: "Doar-se para ensinar" (cel. Luiz Sérgio Melucci Salgueiro – presidente da FO).

[90] Ver mais no *site* Fundação Osório. Disponível em: <http://www.fosorio.g12.br/>. Acesso em: 30 out. 2018.

Considerações finais

Neste trabalho, procuramos fazer uma tentativa de entender as transformações que ocorreram no campo educacional a partir da entrada das tecnologias digitais. Investigamos como se dá a presença tecnológica no ensino-aprendizado, como também o ensino lúdico, entendendo-os como elementos que ocupam, cada vez mais, espaços de trocas entre alunos e professores. Apostamos ser esse o ganho inicial nesse processo de mudanças. Como vimos ao longo da pesquisa, as discussões no campo da educação e da comunicação trouxeram pontos de convergência positivos para a sociedade, assim como novas demandas, pois esse entrelaçamento possibilitou mudanças emergentes e essências para o ensino, tendo como objetivo principal o exercício da cidadania.

Portanto, antes de iniciarmos o estudo que nos impulsionou observar as mutações no fazer educacional, foi necessário entendermos os formatos e as propostas no campo da educação feitos no capítulo 1, os quais reforçam a necessidade de redescobrir novas perspectivas do ensino-aprendizado, que não reproduzam o lugar de poder e dominação no ensino. Ao destacarmos uma proposta decolonial do pensamento eurocentrista, nosso objetivo foi desconstruir projeções educacionais que sempre foram postas a partir da legitimação de saberes. Ao consideramos outras possibilidades com qualidade para a prática do conhecimento, incitamos um fenômeno educativo, o qual demanda outras relações afetivo-cognitivas. Estamos falando de uma relação construída a partir da junção de uma pedagogia com autonomia (FREIRE, 2000), do transculturalismo (SODRÉ, 2002) e do campo da Psicologia (WINNICOTT, 1975).

No segundo capítulo dedicado ao campo da Comunicação e da Educação, podemos observar como os usos das tecnologias digitais trouxeram influências positivas e negativas para as mídias e para o conhecimento. Por isso, demos a importância para entendermos a necessidade de se ter uma leitura crítica dos meios e questionarmos se as novas metodologias ditas como educacionais poderiam ser deslocadas como estratégia de mercado. Descrevemos, sucintamente, pontos estudados na relação entre a cognição e o letramento. Entretanto, aproximamo-nos da perspectiva do sensível como atributo emancipador (SODRÉ, 2006). Entendemos as adaptações da educação, a partir das novas competências, como modos de comunicação e interação no cotidiano. Contudo, podemos pensar o lugar da escola como um dispositivo propositivo, que permitirá interpretar as mediações tecnológicas que o mundo sugere na atualidade. Sendo assim, compreendemos a importância do letramento e da competência crítica para a construção

social, assim como da perspectiva cognitiva, para atingirmos o conhecimento. Vimos, também, que, para acessar uma concepção comunitária na educação, a utilização do lúdico seria uma forma de compartilhar o conhecimento e poder ressignificar conteúdos escolares e as informações do cotidiano, como também realocar o corpo e a percepção. Desse modo, ampliamos o entendimento das informações sensoriais que podem ser úteis para a apreensão de novas ideias e redimensionar o refinamento do desenvolvimento cognitivo. Portanto, vimos que, com a proposta do lúdico na educação, há novas possibilidades de experiências estéticas e de descobertas de novas informações.

Já no capítulo 3, observamos *in loco* como a chegada das tecnologias digitais modificou o campo educacional foi uma experiência enriquecedora. Ao analisarmos duas escolas com estruturas físicas e projetos pedagógicos diferentes, conseguimos encontrar o ponto comum das duas instituições: a vontade de querer transformar. Enquanto o CEJL, com o Programa Nave, propõe-se ao modelo de educação inovador e que se preocupa com a inclusão e com as dificuldades de aprendizado, a Fundação Osório preza por desenvolver competências e habilidades que possam torná-los cidadãos plenos, conscientes de seus deveres e de suas responsabilidades.

Trouxemos, para análise, discussões sobre a onipresença das tecnologias digitais, assim como as inquietações em relação à aproximação do mercado empresarial e da educação. Buscamos observar como a abordagem tecnológica comunicacional pode ser aplicada ao ensino na tentativa de formar novas habilidades no aluno. Outra questão que instigou a nossa pesquisa foi entender se os investimentos privados nas escolas públicas poderiam, em alguma medida, favorecer ao mercado e à lógica neoliberal educacional. Eram muitas questões e certezas que nortearam o trabalho e impulsionaram a pesquisa. A partir da pesquisa de campo, foi possível notar que parte das questões com relação ao uso e desuso da tecnologia no fazer educacional não era um problema para as escolas analisadas, pois a modernização no ensino e o uso de aparatos tecnológicos já fazem parte do cotidiano e da rotina dos docentes e discentes. Aquela educação e tecnologia que eu descrevi de forma crítica no capítulo 2 da pesquisa está em mutação. Na condição de pesquisadora e envolvida com as visitas na escola, percebi que também faria parte do processo desse processo de transformação devido ao envolvimento que surgiu no momento das visitações.

É nesse sentido que se impõe perguntar, socraticamente: o que é ensinar? O que é aprender? A Educação é um investimento em longo prazo, que exige paciência e

persistência. O investimento nos profissionais e nos recursos tem consequência imediata na qualidade de ensino do aluno. Portanto, foi possível perceber que a crítica que Paulo Freire (1981) faz em relação à educação não se restringe apenas à educação bancária, opressora e tradicional, nem tampouco com metodologias de ensino rápido de alfabetização. Por isso, o autor defende uma práxis ética pedagógica e política.

Hoje, podemos dialogar com várias pessoas ao mesmo tempo. Com esse novo espaço de interação, há novas formas de se relacionar com o mundo real e o virtual representados em um novo espectro de realidade. Entretanto, a escola não fica à parte dessas mudanças tecnológicas. Assim sendo, propomo-nos a observar se o investimento tecnológico das escolas públicas visa à produção e consolidação de subjetividades neoliberais no País, ou se sua ação de empreender na educação apenas reforça a inação do Estado sucateado, ou uma forma mascarada de isentar-se de suas responsabilidades constitucionais. O propósito deste trabalho era entender como ocorrem as possibilidades de uso na tecnologia em sala de aula, analisando uma escola pública com a parceria público-privado – CEJL (Programa Nave da Oi futuro) – e a outra escola – Fundação Osório, colégio público com parceria das Forças Armadas.

Ao observar o uso das tecnologias da escola, foi possível que o uso dessas ferramentas tecnológicas desde os aparelhos multimídias, como *pen drive* e *laptop* até os laboratórios como elementos facilitadores no ensino. Na visitação das escolas, foram feitas entrevistas com alunos, professores e a Direção, o que nos permitiu ter uma compreensão maior sobre qual seria a importância da internet e da tecnologia de forma geral nas escolas. Sendo assim, existe a consciência de que a internet nos dias atuais é um fator de importância no ensino aprendizado, que vai para além da questão do conteúdo em rede, mas também de conexão com o aluno que está imerso nessa cultura.

No período da pesquisa, foi possível notar que o educando tem a ciência da importância da tecnologia em prol do conhecimento, e não só para o aspecto da diversão. Em contrapartida, há ainda a resistência dos professores de aderirem às novas tecnologias na rotina do trabalho, mas, em sua maioria, por desconhecer determinadas habilidades que possam propiciar uma melhor qualidade na troca de conhecimento com os alunos. Outra questão importante é a falta de maturidade e limite de alguns alunos em compreender que a fala do professor contribui como um papel de mediador para a quantidade de informação disponível. O objetivo do trabalho foi observar o uso e as transformações que as plataformas multimídias podem propiciar para a educação. Por fim, desconfio que, independente da presença do Estado na educação, e isso não isenta a

sua responsabilidade, bem como a presença da iniciativa privada, há uma vontade muito grande dos profissionais da educação em querer a voz na sociedade e que a tecnologia facilita esse fazer comunicativo.

O encantador observar neste trabalho foi o sentimento de esperança na educação, que, independe do uso de aparatos tecnológicos, ainda ajuda muito na rotina do profissional. Foi de uma felicidade imensa como pesquisadora poder me emocionar ao perceber que a força da mudança educacional está na comunidade dos professores. Está no interesse em fazer junto em querer algo além do que as possibilidades de recurso lhes permitem. E naquelas escolas não consegui observar o aspecto negativo da tecnologia no cotidiano dos jovens, pois ela faz parte da realidade deles. Não seria o mau uso dos aplicativos o problema para educação no Brasil. O mau uso é o investimento, e a não valorização do professor.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Tradução G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.

ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra Nunes. Ruído escolar entre cercas e muros: o que é gratuito na escola? *Educ. Real* [conectados], v. 42, n. 2, p. 495-514, 2017. ISSN 0100-3143. http://dx.doi.org/10.1590/2175-623664322

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BERGSON, Henri. **Cartas, Conferências e outros Escritos**. São Paulo: Victor Civita, 1984.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BOYM, Svetlana. **The future of nostalgia**. New York: Basic, 2001.

CANI, Josiane Brunetti. **Letramento digital**: competências e habilidades para navegação em rede. Universidade, EAD e *Software* Livre. 2015. Lab SEMIOTEC/FALE/UFMG.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Org.). **A Sociedade em Rede**: do conhecimento à ação política; Conferência. Belém: Imprensa Nacional, 2005.

_____. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 271 p.

CESCA, Cleuza Gertrude Gimenes. **Organização de eventos**: manual para planejamento e execução. 9. ed. São Paulo: Summus, 2008.

DE PAULA, S. R.; FARIA, M. A. Afetividade na aprendizagem. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque: FAC, 2010. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_09/contemporanea_n9_32_leticiaperani.pdf >. Acesso em: 18 ago. 2018.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 2007. v. 1.

DUARTE, Jorge. **Comunicação Pública**. Disponível em: <http://www.jforni.jor.br/forni/files/ComP%C3%BAblicaJDuartevf.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2003. (Coleção Ditos e Escritos).

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, Cristina Cavalcanti. Resenha: Lévi-Strauss, C. "Raça e História". In Antropologia Estrutural II Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976. Cap. XVIII, p. 328-366.

FREIRE, Paulo. Terceiro Mundo e Teologia Carta a um jovem Teólogo. In: TORRES, Carlos Alberto. **Consciência e História**: A práxis Educativa de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. p. 122.

_____. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. O Partido como Educador-Educando. In: DAMASCENO, Alberto *et al.* **A Educação como Alto Político Partidário**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à pratica educativa. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **A importância do ato de ler**. 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia** – novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

GIÁCOMO, Cristina. **Tudo acaba em festa**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **Educação Física Progressista**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a educação física brasileira. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

_____. **Filosofia da educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

GITLIN, T. **The whole world is watching: mass media in the making & unmaking of the new left**. Berkeley: University of California Press, 2003.

HELLER, A. **O quotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KASTRUP, Virginia. Políticas cognitivas na formação do Professor e o problema do devir mestres. In: KOHAN, Walter Omar; TADEU, Tomaz (Org.). **Dossiê**: Deleuze e Educação. Educação e Sociedade. Campinas: Cedes, v. 26, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ES/v26n93/27279.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2018.

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. Bauru: EDUSC, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado da Letras, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. A constituição da pessoa: desenvolvimento e aprendizagem. In: MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. R. (Org.). **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Loyola, 2004. p. 13-24.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: Uma nova Política da Espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, F. C.; SOARES, L. (2011). Comunicação e entretenimento na cibercultura: repensando as articulações entre lúdico, cognição e tecnologia. **E-Compós**, v. 13, n. 2, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.v13i2.482>. Acesso em: 10 set. 2018

ORTEGA, Francisco. **Para uma política da amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

PAIVA, Raquel. O espírito comum – comunidade, mídia e globalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.

PERANI, Letícia. 2007. Disponível em: <http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_09/contemporanea_n9_32_leticiaperani.pdf>.

PERUZZO, Cicília. Disponível em: <http:PressupostosEpistemologicosEMetodologicosDaPesquis-5902964%20(3).pdf>. Acesso em: 18 ago. 2018.

_____. Pressupostos epistemológicos e metodológicos da pesquisa participativa: da observação participante à pesquisa-ação. **Estudios sobre las Culturas Contemporáneas**, Universidad de Colima, v. 23, supl. 3, p. 4, 2017.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, CES, 2010. (Cp 02 p.75)

REGIS, Fátima. Tecnologias de comunicação, entretenimento e competências cognitivas na cibercultura. **Revista FAMECOS**, v. 1, n. 37, dez. 2008.

_____. Comunicação e Entretenimento na Cibercultura. **Anais III Simpósio Nacional da ABCiber Associação Nacional de Pesquisadores em Cibercultura.** São Paulo: ESpm, 16 a 18 de novembro 2009.

RORTY, R. **A Filosofia e o Espelho da Natureza**. Lisboa: Dom Quixote, 1988.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Democratizar a democracia**: Os caminhos da democracia participativa. Rio de Janeiro: Record, 2002a.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.

SINGER, P Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. Estudos avançados. São Paulo, v. 18, n. 51, p. 7-22, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103401420040002000001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22 maio2018

SOARES, Magda. Letrar é mais que alfabetizar. In: **Nossa língua** – nossa pátria. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 26/11/2000a. Entrevista. Disponível em http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/magda.htm>. Acesso em: 29 ago. 2018.

_____. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed., 2. impr. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 ago 2018.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1, 268 p.

_____. **As estratégias sensíveis** – afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006. v. 1.

_____. **Reinventando a educação**: diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA SANTOS, Boaventura. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1999.

STAVRIDES, Stavros. **Common Space**: The City as Commons. Londres: Zed Books LTD, 2016.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. (Org.). **Cultura Infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas: Pontes, 1988.

_____. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidades e Sociedade. In: CRUZ, M. Braga da. **Teorias Sociológicas**. Os Fundadores e os Clássicos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988. v. 1, p. 509-528.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em educação**: a observação. Brasília: Plano Editora, 200

WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. Wales: Parthian, 2011.

WINNICOTT, D. W. ***O brincar & a realidade***. Tradução J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: Reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. E.; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisa: Perspectivas qualitativas na Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-309.